



MULHERES, HIP HOP,
AFROTURISMO
E CULTURA NA
CAPITAL FEDERAL

Organização: Vera Veronika e Ravena Carmo

ENM2®

FRENTE NACIONAL DE
MULHERES NO HIP-HOP





MULHERES, HIP HOP, AFROTURISMO E CULTURA NA CAPITAL FEDERAL

Organização: Vera Veronika e Ravena Carmo

1ª Edição

Brasília, 2024



Este livro está sob uma licença Creative Commons CC-BY-AS. Você pode copiá-lo e distribuí-lo livremente desde que cite as(os) autoras(es) e não o modifique.

Organização: Vera Veronika e Ravena Carmo

Capa e projeto gráfico: Iasmim Kali/Estúdio Grená

Imagem de capa: Mulher Cerratense, 2019. Graffiti de Iasmim "Kali" O. Conde, Caren "Borbo" H. dos Santos, Taynara "Tay" Gabrielly O. Cordeiro e Yandra "Yra" Ramos Braga. Foto de Allana Diano.

Imagem das guardas e ilustrações: Iasmim O. Conde e Diego de S. Tavera Silva.

Fotografias: Arquivos pessoais

Pesquisadores/as: Aline Karina de Araújo Dias, Cristina de Sousa, Eldnaide dos Santos Oliveira, Layó Rita da Silva Pereira, Fabiana Balduína Freitas Silva, Iasmim Oliveira Conde, Jaqueline Fernandes, Ravena do Carmo Silva, Veronica Diano Braga.

Colaboradores: Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop (FNMH2 DF); NEOLIM (Núcleo de Estudos de Organização e Difusão do Conhecimento em Literatura Marginal); Universidade Afrolatinas e Casa Comum.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres, hip hop, afroturismo e cultura na capital Federal / organização Ravena Carmo, Vera Veronika. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2024.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-22170-0

1. Cultura e sociedade 2. Distrito Federal (Brasil) - Aspectos culturais 3. Hip-hop (Cultura popular) - Aspectos sociais - Brasil 4. Hip-hop (Música) 5. Mulheres na cultura popular 6. Mulheres negras - Aspectos culturais I. Carmo, Ravena. II. Veronika, Vera.

24-237880

CDD-793.3098174

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Distrito Federal : Cultura popular : Hip-hop : Artes 793.3098174

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

MULHERES, HIP HOP, AFROTURISMO E CULTURA NA CAPITAL FEDERAL

Organização: Vera Veronika e Ravena Carmo

1ª Edição

Brasília, 2024

SUMÁRIO

- 12 Um salve de apresentação!
- 18 Se Liga no Corre!
- 20 Cultura e Identidade: A Conexão Entre Mulheres, Hip Hop e Afroturismo
- 24 Brasília não é DF
- 27 O Afroturismo como uma ferramenta de riqueza e articulação nacional com o Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop da FNMH2 BR - DF

33 Capítulo I · Região Centro-Sul

Candangolândia, Cidade Estrutural, Guará, Park Way, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I, Riacho Fundo II, Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) e Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA).

- | | |
|--------------------|--------------------------------|
| 35 Vera Veronika | 46 Marciana |
| 37 Ingrid Gabriely | 48 Isa Lacerda - Bellas Nativa |
| 40 Marcinha do Rap | 50 Rose Elaine |
| 42 Yasmin Haaran | 52 Borgê |
| 43 Amanda Bittar | |

55 Capítulo II · Região Leste

Paranoá, Itapoã, São Sebastião e Jardim Botânico.

- | | |
|----------------------------|---------------------|
| 57 Rastabel | 67 Medro |
| 59 Ariane - Minas do Gueto | 68 MC Maju |
| 60 Negra Flow | 70 Prethaís |
| 62 Adioli | 71 Mina Halls |
| 64 O'hara Raiz | 73 Atitude Feminina |
| 66 Criz de Souza | |

79 Capítulo III · Região Central

Asa Sul, Asa Norte, Cruzeiro, Lago Norte, Varjão e Vila Planalto.

- | | | | |
|-----------|--------------------------------|-----------|--|
| 81 | DJ Donna | 93 | Dielly Anny (Dido) |
| 83 | Cléo Street | 95 | Louise Lucena (Ifádámiláre
Òjèyímiká) |
| 85 | Brasil Style Bgirls (BSBGirls) | 97 | Aline Karina |
| 88 | Cintia Savoli | 98 | Marcela Coelho |
| 89 | Donas da Rima | 99 | Jaqueline Fernandes |
| 91 | Tainha | | |

103 Capítulo IV · Região Sul

Gama e Santa Maria

- | | | | |
|------------|-------------------------------|------------|-------------|
| 105 | Micaela La Sudamericana | 110 | Hera |
| 106 | Paula Hosana | 111 | MC Colômbia |
| 108 | As Poetisas na Cena (Nega Lu) | 112 | Bgirl Maia |

115 Capítulo V · Região Oeste

Brazlândia e Ceilândia

- | | | | |
|------------|----------------------|------------|----------------|
| 117 | Thug Dee | 140 | Loury |
| 119 | Lídia Dallet | 141 | Larissa de Oyá |
| 122 | Layó | 143 | Negra EVE |
| 124 | Rayane Psiu | 145 | Ketlen Hoope |
| 126 | Eldy DJ | 146 | Júlia Nara |
| 128 | Laiz Cecília | 147 | Mina Tay |
| 130 | DJ Grazzy Periférica | 148 | Stephane Heidi |
| 131 | Serva | 149 | Gabi Kashuu |
| 132 | Bgirl Valery | 152 | Realleza |
| 134 | Débora Glamurosa | 154 | Angela Rocha |
| 136 | Jane Alves | 155 | Belladona |
| 138 | Lis Martins | 158 | Nay Luz |

161 Capítulo VI · Região Sudoeste

Águas Claras, Recanto das Emas, Samambaia, Taguatinga e Vicente Pires.

- | | | | |
|------------|-------------------|------------|---------------------|
| 163 | Thabata Lorena | 181 | Majestosa |
| 165 | Rodrigues Marion | 183 | Amanda Owls |
| 166 | Dona Gi | 185 | DJ Rachel |
| 167 | Isís Zavlyn Bratz | 187 | Miah (Raissa Miah) |
| 168 | Lorak/Lork | 190 | Najuh |
| 170 | Mamá | 192 | Janna |
| 172 | Prix Paixão | 194 | Janine Mathias |
| 175 | Bekka MC | 196 | Dree-K |
| 177 | Nati | 198 | Rose |
| 179 | Amanda Antunes | 199 | Meimei Bastos |

203 Capítulo VII · Região Norte

Planaltina, Arapoanga, Sobradinho I, Sobradinho II e Fercal.

- | | | | |
|------------|------------------|------------|------------------|
| 205 | Ravena Carmo | 225 | Paula Dias |
| 207 | Nirvs | 226 | Red Lion |
| 209 | Nimsai | 228 | DJ Rafaela Ramos |
| 211 | Bia nas Batalhas | 230 | Mic |
| 212 | DJ Nilma Naiz | 232 | B.Girl Kelly |
| 214 | Katia | 234 | DJ Tânia |
| 216 | FabGirl | 235 | Tacha |
| 218 | Kali | 237 | Edía |
| 220 | Miriam Késsia | 239 | Eulla Yaá |
| 222 | Ella | 240 | Aline MC |
| 223 | Rebeca Carmo | | |

243 Capítulo VIII · Região Metropolitana do Distrito Federal

Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.

245 Jane Mulher Comum

246 Mai

247 DJ Ketlen

250 Guerreira Lilian

252 Lia

254 Lory de Oyá

256 Minatina

257 Bisa

258 Juliana

259 Negra Bill

260 Stephanie

262 Thay Brito

263 Tuira

265 Negritas Arteiras

266 Marcia

268 Rayssa

269 Santa Surda

270 Dany Cool Cat

271 DJ Bruna Val

272 Bgirl Branca

275 Para não concluir

Dados sobre a pesquisa

283 Referências Bibliográficas

286 Organizadoras

288 Pesquisadoras/es

Um salve de apresentação!

Peço licença para iniciar, na primeira pessoa mesmo sabendo que somos muitas e vou falar de ti, de nós, vou falar por elas, por muitas, por tantas, mas sei que vamos estar juntas e provavelmente terminar, conectadas.

Sou, Verônica Diano Braga, artisticamente conhecida como Vera Veronika, mulher preta, MC/Rapper da Capital do País, Brasília - DF, mais uma dentre tantas mulheres pertencentes do movimento mundialmente conhecido como “Hip Hop”, que em sua tradução originária seria, “balançar dos quadris” ou “o movimento de dança, que está acontecendo no momento”, mas a tradução, para “NÓS” é um pouco mais complexa. Este movimento cultural que surgiu em meados dos anos 1970 é nosso trabalho, nossa fonte de renda e nosso momento libertador de todas as amarras que a vida cotidiana e muitas vezes opressora e violenta, nos obriga a viver...Em resumo o Hip Hop é mais que um estilo de vida, e a nossa VIDA.

Sabe-se que o Hip Hop, surgiu para o mundo em 1973, através e por meio de movimento artístico e cultural, oriundo da Jamaica, tendo o DJ Kool Herc (Clive Campbell) como seu fundador. Mas, foi em 11 de agosto deste mesmo ano que Kool Herc e sua irmã Cindy Campbell, organizaram uma festa em que os quatro elementos da cultura foram reunidos e revelados ao mundo. Estes elementos para nós são os pilares, como base de formação: o grafite, o Deejay, o breaking dance e o MC (Mestre de Cerimônias)

com o Rap (Ritmo e Poesia). Merece ainda ressalva dentro do universo do Hip Hop, surgiu um quinto elemento revelado ao mundo pelo DJ Afrika Baambata e que dá sustentação aos quatro pilares, com caráter formativo e politizador: o Conhecimento.

Estamos em celebração constante pois o Hip Hop e Cinquentenário, são muitas histórias e conceitos acerca da cultura que no Brasil se instalou e mudou vidas, a mais de 40 anos, com homens e mulheres construindo juntos e juntas esta história. Como não foi diferente na história de construção de lutas do nosso povo, preto, a séculos.

Não é intenção contar a história da Cultura Hip Hop mundial ou nacional neste momento, mas sua mínima contextualização está marcada para nós Mulheres da Cultura Hip Hop, quando o nome de uma única mulher, na verdade uma jovem, naquela época, Cindy Campbell estava à frente de um marco histórico que aconteceu e mudou a visão de gerações, tornando-se símbolo de resistência e força para todas nós, pois somos em alguns momentos silenciadas e apagadas deste percurso de construção histórica da Cultura Hip Hop, pura e simplesmente por questões de gênero, diante disto surgiu uma inquietação, um desejo e a necessidade de fazer um recorte na história e inserir timidamente as vivências e histórias das Mulheres da Cultura Hip Hop do Distrito Federal e Região Metropolitana de Brasília, que é nossa grande “QUEBRADA”.

Um formulário de pesquisa foi apresentado e ofertado, intitulado Mulheres, Hip Hop, Afroturismo e Cultura na Capital. A pesquisa teve o objetivo de conhecer e apontar as relações das mulheres fazedoras da Cultura Hip Hop do Distrito Federal e Região Metropolitana com o Afroturismo e a Cultura. A Cultura Hip Hop e o Afroturismo são originários e protagonizados pela população negra. A presente pesquisa buscou trazer registros dessas grandes potências e suas relações com os territórios, visibilizando e potencializando as mulheres fazedoras de Cultura Hip Hop e suas trajetórias artístico-culturais.

E porque, a relação com o afroturismo? Segundo a Turismóloga, cria de Brasília- DF, Aline Karina “O Afroturismo tem como objetivo destacar a cultura negra e promover a inclusão e diversidade no setor do turismo local, seja em aparelhos materiais ou imateriais”. A turismóloga que faz dos atrativos turísticos da Capital Federal seu laboratório de pesquisa, proporcionou uma visita guiada, com as explicações e correlações das obras apresentadas e dos pontos Afroturisticos, para as Mulheres participantes do 8º Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop, que aconteceu em Brasília em março de 2023, mulheres de todos os estados do Brasil, de Brasília-DF, Chile e Colômbia, como o encontro aconteceu na região

central de Brasília DF, priorizamos a visita guiada por esta região, os locais escolhidos foram: (Igrejinha e Banquinha da Conceição 308 Sul, Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul, Painele Kalibre, ao lado da Biblioteca Demonstrativa de Brasília 506 Sul, Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida; Praça dos três Poderes; Monumento dois Candangos; Praça dos Orixás no setor de Clubes Sul; Painele Afroarquitetado na Galeria Central e Praça Zumbi dos Palmares e a árvore Baobá, Praça Mariele Franco e CONIC – Complexo de Lojas e Entretenimento Negro no Setor de Diversões Sul).

Além disso, o afroturismo também é responsável por tornar mais segura a experiência de viajantes negros e negras pelo Brasil, através de ações afirmativas e de acolhimento da população preta e a relação com as nossas “QUEBRADAS”, onde moramos e onde fazemos nossas artes e sustento, por isso precisamos revelarlas, para que o turismo local seja potencializado e nossa arte alcance um número maior de pessoas.

A pesquisa trouxe o recorte de gênero e foi destinada somente a mulheres autodeclaradas da Cultura Hip Hop do Distrito Federal e Região Metropolitana, compreendendo neste universo as Mulheres Trans e Cis, Travestis e não Binaries, mulheres com deficiências, mulheres indígenas e mulheres imigrantes, crianças e adolescentes. A participação foi voluntária e trouxe perguntas e questionamentos a fim de conhecer e visibilizar as histórias pessoais ou a história de grupo (coletivos, crews, etc), desde que fossem protagonizadas por mulheres e mapear o maior número de mulheres possíveis para visibilizar suas ações e suas relações com o território e o turismo local.

Brasília enquanto Capital Federal e compreendida por muitos turistas, apenas pelo “Avião” que é dividido pelas Asas Sul e Norte e o Centro do poder nacional, para quem não é morador/a ou não conhece as nossas “QUEBRADAS”, gíria muito peculiar e usada na Capital, pois Brasília, Distrito Federal e composta por Regiões Administrativas, que já foram intituladas (Cidades Satélites) e Pela Região Metropolitana, que são as regiões que circundam a capital, para isso foram pesquisados e utilizados como referências dados, territoriais e geográficos da CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal), SEDUH (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação) e da e Secretaria de Estado de Governo do Distrito Federal. Para que pudéssemos apresentar como a pesquisa foi dividida é preciso compreender como o Distrito Federal é dividido.

O Distrito Federal foi compreendido em sua divisão original na década de sessenta em oito (08) Regiões Administrativas em 1965, com uma sub-

divisão em cinco (05) setores, (norte, sul, leste, oeste e central) e após esta época foram acrescentados mais 12 Regiões Administrativas, chegando a 20 até o ano de 1997 (vale muito, conhecer o Atlas do Distrito Federal de 2017, link nas referências), contudo com sua expansão populacional atualmente temos sete (07) setores (norte, sul, leste, oeste, sudeste, centro-sul e central) e cada setor compreende as suas respectivas Regiões Administrativas (RA) que totalizam 33 (trinta e três) Regiões Administrativas com indicativos de crescimento e expansão demais Regiões Administrativas nos próximos anos e a Região Metropolitana que são cidades mais próximas que circundam o Distrito Federal e fazem parte da RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento), com a definição de sua área de abrangência, compreendendo o Distrito Federal, municípios do Estado de Goiás e municípios do Estado de Minas Gerais.

Este foi um breve, resumo, digo breve mesmo, pois a construção urbanística da nossa capital e cheia de tradições, místicas, arquiteturas e força, pois a capital que foi construída por várias mãos e culturas de todo o Brasil, esta descrição servirá de metodologia para identificar a “ QUEBRADA” (O Setor e a Região Administrativa) de cada participante da pesquisa que foi dividida em capítulos, a ordem de apresentação das histórias e seus respectivos elementos da Cultura Hip Hop, não foram escolhidos aleatoriamente e sim seguem a ordem que as respostas ao questionário que foram recebidas, assim a seguir:

Regiões Administrativas e Região Metropolitana do Distrito Federal.

Capítulo I - A Região Centro-Sul: Candangolândia, Cidade Estrutural, Guará, Park Way, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I, Riacho Fundo II, Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) e Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA).

Capítulo II - A Região Leste: Paranoá, Itapoã, São Sebastião e Jardim Botânico.

Capítulo III -A Região Central: Asa Sul, Asa Norte, Cruzeiro, Lago Norte, Varjão e Vila Planalto.

Capítulo IV - Região Sul: Gama e Santa Maria

Capítulo V - A Região Oeste: Brazlândia e Ceilândia.

Capítulo VI - A Região Sudoeste: Águas Claras, Recanto das Emas, Samambaia, Taguatinga e Vicente Pires.

Capítulo VII - A Região Norte: Planaltina, Arapoanga, Sobradinho I, Sobradinho II e Fercal.

Capítulo VIII - A Região Metropolitana do Distrito Federal é composta por 12 municípios goianos: Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Novo Gama,

Padre Bernardo, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.

Por que toda esta contextualização? É só mais um livro sobre Mulheres do Hip Hop,.. É, que bom que temos muitos livros circulando Brasil afora sobre Mulheres do Hip Hop, vale ressaltar que a maioria das publicações são produzidas por nós mesmas, um grande exemplo são os livros da FNMH2 - Rede Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop Brasil, organização da sociedade civil, não constituída juridicamente e autônoma que agrega, acolhe, orienta e visibiliza a Cultura Hip Hop produzida por mulheres. Mas precisamos compreender também, que muitas das pesquisas acadêmicas que são transformadas em livros e ganham até prêmios, somente nos usam como objetos de pesquisa e muitas das vezes ou em sua grande maioria, não recebemos devolutivas e ou exemplares do uso de nossas vivências, anseios e desejos enquanto artistas. As pesquisas acadêmicas são importantíssimas para que a sociedade possa discutir e mudar mentalidades, somos gratas às pessoas que compreendem e visibilizam nossas trajetórias e publicam com os devidos créditos. Portanto esta pesquisa visou publicar quem são as fazedoras de cultura Hip Hop do Distrito Federal e Região Metropolitana, sob a ótica de cada participante que se dispôs a contar sua trajetória, que teve acesso ao formulário e doou seu tempo.

Mas, vamos lá, o que temos a oferecer nesta publicação: Foram 121 respondentes de quase todas as Regiões Administrativas do DF e Região Metropolitana e de todos os cinco elementos da Cultura Hip Hop, uma pesquisa desta magnitude se fez a várias mãos, onde tive a grata sorte de ter como organizadora em conjunto a cientista marginal e poeta das Quebradas Ravena Carmo e como pesquisadoras/o/e representantes dos elementos da Cultura Hip Hop: MC Layo, DJ Eldy, Iasmim Kali Graffiti, FabiGirl a Rapper Cris Souza e Jaqueline Fernandes com os elementos conhecimento e produção e nos escritos sobre Afroturismo Aline Karina, nossa ilustração da capa ficou por conta das manas do grafite do Distrito federal da Região Norte, mais especificamente de Planaltina: Borbo, Kali, Tay e Yra. A dedicação e empenho de todas e todes, foram exemplares e de suma importância para que este trabalho se concretizasse. Agradecemos imensamente aos nossos parceiros e colaboradores do Instituto Afrolatinas e Casa Comum por acreditarem na proposta e nos apoiarem neste lindo projeto.

As histórias das autoras foram transcritas na íntegra, mas, posso adiantar que vamos nos emocionar, chorar, relembrar momentos e conhecer muitas artistas que ultrapassaram seu tempo e fizeram da cultura Hip

Hop, suas Vidas... teremos ao final das histórias a descrição dos gráficos gerados que revelam, questões geracionais, de gênero, território, escolaridade, dentre outros e que nos embasaram para futuras pesquisas. Contudo preciso ressaltar que na hora que me deparei com o quantitativo de 115 respondentes, veio aquela sensação de felicidade e ao mesmo tempo, bateu aquela angústia... Feliz por termos muitas participantes, mas... sabendo que não atingimos nem um terço das mulheres fazedoras de cultura Hip Hop do Distrito Federal e Região Metropolitana, aquela lágrima caiu e ao enxuga lá, a esperança de termos outros exemplares para contar mais histórias acalentou me, porque se formos apostar, por alto, temos mais de 100 grafiteiras, mais de 20 DJs, no break e danças urbanas mais de 80 e entre MC'S, cantoras e poetas, arrisco em dizer que estamos quase chegando a 300 e no quinto elemento não temos dimensão do quantitativo. Como precisamos comprovar dados por meio de pesquisa, espero estar neste plano ainda para conseguir mapear todas as fazedoras de cultura da nossa grande "QUEBRADA", Brasília, Distrito Federal, Capital do país

Prazerosas leituras.
Vera Veronika, MC/Rapper

Se Liga no Corre!

Em Mulheres, Hip Hop, Afroturismo e Cultura na Capital Federal , encontramos um mosaico vibrante de trajetórias femininas que construíram e constroem, para muito além de si, a cultura Hip Hop de Brasília. Mulheres que, a partir de suas atuações, criam, fortalecem e reivindicam territórios negros e periféricos, não apenas como espaços geográficos, mas como arenas de saberes, fazeres, resistência e identidade.

A partir desse mapeamento, as autoras, em uma sacada genial, nos provocam sobre a relação entre o afroturismo e a cultura hip hop. Você já havia pensado nisso antes? Ambos cumprem papéis políticos, pedagógicos e culturais. Juntos, podem apoiar comunidades e agentes como protagonistas de suas próprias narrativas, origens e tradições. Um turismo baseado na cultura hip hop emerge como uma possibilidade de desenvolvimento cultural, humano e econômico para as periferias. O afroturismo fortalece e traz um sentido ainda maior para uma das expressões mais famosas, oriundas da cultura hip hop: “eu sou de tal quebrada”.

Aqui, é possível pensar na cultura negra como um longo baobá e considerar a cultura hip hop como um fruto dele. Os frutos do baobá simbolizam as riquezas geradas pela árvore e nutrem aqueles que se aproximam dela. Através do afroturismo, essa experiência se torna acessível a quem deseja se reconhecer ou se aprofundar na cultura negra. Nesse contexto, o afroturismo não é apenas uma forma de turismo, mas uma celebração

das manifestações, conquistas e lutas que moldaram a cultura negra, proporcionando um espaço onde todos podem se conectar e aprender. O hip hop emerge não apenas como uma forma de expressão artística, mas como um meio de resistência cultural que afirma a identidade afrodescendente. O afroturismo, ao promover essas narrativas, atua como um canal que conecta as raízes das comunidades com os viajantes que buscam entender e valorizar essa herança.

No ano em que a cultura hip hop completa 50 anos de existência, notamos que ainda é necessário recontar parte dessa história, incluindo as contribuições e perspectivas de atrizes sociais de grande relevância, cujo apagamento não tem produzido efeito benéfico na sociedade. Este livro não apenas documenta histórias individuais, mas também tece uma rede de solidariedade e inspiração, onde a voz de cada mulher ecoa e se soma às experiências das outras. Cada trajetória traz seu próprio legado, suas lutas pessoais e coletivas. À medida que você avança por estas páginas, sentirá o impacto da autenticidade e força dessas mulheres. Elas não apenas estão redefinindo o hip hop; estão ampliando imaginários, utopias e soluções de impacto.

Neste livro, constatamos que mulheres frequentemente fizeram escolhas corajosas, colocando suas carreiras artísticas em segundo plano para se dedicarem à produção de conhecimento e ao ativismo, tornando-se pilares fundamentais no que hoje representa o movimento hip hop, apesar da invisibilidade imposta. Esse mapeamento, com muita honestidade, inclui todas as regiões do Distrito Federal, assim como a RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico. Ele contribui para que nunca mais se possa afirmar que não havia ou que não há mulheres do hip hop atuando em todos os cantos.

Jaqueline Fernandes

Cultura e Identidade: A Conexão Entre Mulheres, Hip Hop e Afroturismo

O Hip Hop, desde sua origem, tem sido uma plataforma poderosa para a expressão de questões raciais, sociais e culturais, especialmente entre comunidades marginalizadas. No Brasil, as mulheres utilizam a arte da Cultura Hip Hop para desafiar estigmas e expressar suas realidades, abordando questões de raça, gênero, e identidade por meio das linguagens dessa cultura, artistas, rappers, grafiteiras produtoras e escritoras e todas e todos do corre que estão na linha de frente dessa luta, trazendo suas vozes e experiências para o movimento e desafiando estereótipos enquanto promovem a inclusão e o empoderamento feminino.

O afroturismo e a Cultura Hip Hop compartilham raízes profundas nas lutas por identidade, memórias, resistência e valorização cultural, especialmente entre populações negras e periféricas. Ambos surgiram como expressões da necessidade de reafirmação da cultura negra em contextos marcados pela exclusão, racismo e marginalização, violação de direitos humanos, além de se consolidarem como ferramentas de fortalecimento comunitário e transformação social. Neste texto, exploraremos as interseções entre o afroturismo e o Hip Hop, destacando suas contribuições para a construção de narrativas alternativas sobre as periferias e a afirmação da cultura negra.

O afroturismo é uma vertente do turismo voltada à valorização da história, da cultura e das tradições africanas e afrodescendentes, promovendo visitas a territórios e experiências que resgatam a ancestralidade e desta-

cam as contribuições dos povos negros para a sociedade. No Brasil, onde a população afrodescendente é significativa, o afroturismo surge como uma resposta ao turismo tradicional, que frequentemente exclui as histórias e perspectivas negras, privilegiando narrativas coloniais e eurocêntricas.

Para Alessandra Ribeiro (2018), vai nos dizer que o afroturismo proporciona uma reconexão dos descendentes de africanos com sua ancestralidade, promovendo uma educação crítica que desafia e reinterpreta as narrativas históricas dominadas pela perspectiva eurocêntrica. Enquanto Silvana Bahia (2021), traz uma perspectiva de valorização e afirmação identitária, o afroturismo oferece uma forma de ver o Brasil através de uma ótica negra, destacando espaços e histórias antes silenciados, constituindo-se assim como um ato político e de resgate cultural.

A Cultura Hip Hop, originada nas comunidades negras da Jamaica e de Nova York nos anos 1970, rapidamente se espalhou pelo mundo, ganhando força no Brasil, especialmente nas periferias das grandes cidades. Composta por cinco elementos principais — rap, graffiti, breaking, DJ e conhecimento —, o Hip Hop é muito mais que uma expressão artística; ele é um movimento cultural, transversal e político, que articula demandas sociais, reivindicações por direitos e cria um espaço para a crítica às desigualdades e injustiças sofridas pelas populações negras e periféricas. Como destaca Trícia Rose (1994), o Hip Hop é mais que um estilo musical; ele é uma linguagem de resistência que permite que os marginalizados se expressem e desafiem as narrativas dominantes”). No Brasil, o movimento carrega a mesma essência de resistência das comunidades periféricas, adaptada ao contexto de luta e afirmação das periferias.

No Brasil, o Hip Hop ganhou um caráter ainda mais profundo, dialogando com as realidades das favelas e ocupações urbanas, denunciando a violência policial, o racismo estrutural e a exclusão social. Através da música, da dança e das artes visuais, das literaturas, jovens negros e periféricos encontram no Hip Hop um meio de expressar suas realidades, suas lutas e suas esperanças, criando uma rede de resistência e empoderamento.

Assim como o afroturismo, o Hip Hop tem um papel crucial na construção de identidades e na valorização da história e cultura negra. Ao contrário da marginalização e criminalização muitas vezes associadas às culturas periféricas, o Hip Hop reivindica esses espaços e os transforma em pólos de criação e potência cultural. A favela, a periferia e a quebrada tornam-se, através do Hip Hop, territórios de produção de arte, cultura, ciência e conhecimento.

Embora o afroturismo e o Hip Hop possam parecer, à primeira vista, fenômenos distintos, ambos estão profundamente conectados pelas suas raízes na cultura e história afro-brasileira e pela sua capacidade de transformação social. O afroturismo, ao valorizar os territórios negros e periféricos, oferece um palco para que as manifestações culturais, como o Hip Hop, sejam não apenas reconhecidas, mas celebradas e difundidas. No contexto brasileiro, de como o Hip Hop pode estar integrado a iniciativas que valorizam o território e a cultura periférica. Esses projetos envolvem desde casas de Culturas, eventos culturais e oficinas artísticas, conectando os jovens locais com suas raízes culturais e promovendo um turismo alternativo, baseado no afeto e na experiência compartilhada. Ao mesmo tempo, abrem espaços para a difusão de narrativas que rompem com os estigmas da marginalidade e criminalização associados às periferias. A quebrada é cheia de potências

Além disso, o afroturismo promove a resignificação dos espaços urbanos. Bairros antes vistos como violentos e carentes passam a ser reconhecidos por sua riqueza cultural, e o Hip Hop, com sua linguagem direta e sua estética visual, contribui para que esses territórios sejam enxergados como parte de um patrimônio cultural vivo e dinâmico. O rap, por exemplo, ao narrar o cotidiano das quebradas, denuncia as desigualdades, mas também reafirma o orgulho de pertencer à comunidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Tanto o afroturismo quanto o Hip Hop têm impactos profundos na forma como a sociedade percebe os territórios e as culturas periféricas. Ambos funcionam como ferramentas de conscientização e educação, desafiando as narrativas hegemônicas e propondo novos olhares sobre a contribuição das populações negras e periféricas. Ao promover a troca de experiências entre turistas e moradores locais, o afroturismo inspirado no Hip Hop fortalece as redes comunitárias e promove uma visão positiva das favelas e periferias, além de gerar oportunidades econômicas, o que chamamos de Turismo de Quebrada, um projeto realizado em Planaltina DF, com a comunidade, adolescentes da rede pública de ensino e o sistema socioeducativo, na qual adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de meio aberto, tiveram a oportunidade de pensar a quebrada a partir de pontos turísticos que eles se identificavam, refletindo questões de acesso e direito à cidade.

No campo das políticas públicas, iniciativas que unem afroturismo e Hip Hop também têm um potencial transformador. Através da criação de espaços culturais, festivais e roteiros turísticos que incluem as manifestações do Hip Hop, gestores públicos podem fomentar o desenvolvimento

local, valorizando as práticas culturais já existentes e incentivando novas gerações a participar ativamente da cena cultural.

A interseção entre o afroturismo e o Hip Hop revela uma relação de reciprocidade e fortalecimento mútuo. Ambos são formas de resistir à invisibilidade e à marginalização, promovendo a afirmação da identidade negra e periférica em contextos de opressão e exclusão. Ao unir essas duas forças culturais, é possível não apenas transformar a maneira como as periferias são vistas, mas também criar caminhos de inclusão e desenvolvimento, onde a cultura é reconhecida como um direito e um motor de transformação social. O afroturismo e o Hip Hop, juntos, constroem uma ponte entre o passado e o futuro, resgatando a ancestralidade ao mesmo tempo em que projetam novos horizontes para as comunidades negras e periféricas

Sueli Carneiro, uma importante filósofa e ativista do movimento negro no Brasil, e grande referência para nós mulheres, argumenta sobre a necessidade de resgatar e afirmar as identidades negras para resistir às opressões e destacar a importância de dar espaço para as manifestações culturais das periferias:

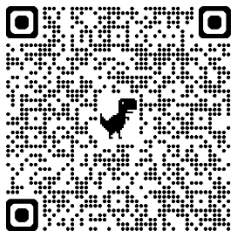
“O resgate da identidade negra e de suas manifestações culturais é um processo de resistência e reconstrução que reivindica um espaço legítimo na história social brasileira” (Carneiro, 2011).

A luta das mulheres no Hip Hop não é apenas por espaço no palco, muro ou no microfone, ou nos livros, mas também por uma sociedade mais justa e igualitária, onde o direito à vida e o acesso seja garantido para todas. O Hip Hop, enquanto movimento cultural e político, tem o poder de transformar realidades, e as mulheres, ao ocuparem esse espaço, continuam a lutar não apenas por si mesmas, mas por todas as que vieram antes e por aquelas que virão depois. Principalmente depois, cuidemos das nossas meninas e crianças!

O futuro do Hip Hop é, sem dúvida, é diverso e plural, e com o reconhecimento devido às mulheres e a diversidade que nos permeia. As vozes das mulheres continuarão a reverberar nas periferias, nas ruas, nos livros e nos palcos, denunciando as violências e construindo novos caminhos de resistência e solidariedade. Ao celebrarmos o cinquentenário do Hip Hop, as mulheres reafirmam seu compromisso com a luta contra o feminicídio e com a construção de uma sociedade em que suas vidas e suas vozes sejam plenamente valorizadas e que todas possam desfrutar o bem viver!

Ravena Carmo, cientista marginal, poeta de quebrada,

Brasília não é DF



Ouçã no Spotify

Vai atrás de um sonho
E deixa em casa sua família
Brasília não é DF
DF não é Brasília

Quem olha a filha da empregada
Quando ela tá com a tua filha?
Brasília não é DF
DF não é Brasília

Na minha cidade Santo Cristo revendia
Tudo que ele pegava com Plablo da capital
Do lado norte muito depois do avião
que você ouviu falar o que vendia no jornal

Os pilantra é de Brasília e nois fora do eixo
onde só vive quem tem porte e porta os
pataco o lago norte parece com lado norte só no nome
porque porque somos esquecidos abandono do estado

Eu sou crescida em Samambaia e nem falo de planta
Onde tinha muito moleque talento escondido
Que não conheceu o microfone mas conheceu um tal de
Mic em uma esquina que ensinava as vantagens de ser bandido

Se quiser me encontrar eu t0 em Planaltina
As vezes ando pelo Gama ou em Sobradinho
Estrutural, Itapoã, Guará e Vila Dimas
E pelos cantos do Recanto eu canto o meu caminho

São tantas quebradas histórias famílias
talentos sonhos são tantos nomes
Quem fala que cultura e só o que vem dos gringo
Não conhece Taguayork ou Ceilondres

Vai atrás de um sonho
E deixa em casa sua família
Brasília não é DF
DF não é Brasília

Quem olha a filha da empregada
Quando ela tá com a tua filha?
Brasília não é DF
DF não é Brasília

O busão tá sempre cheio
E a carteira sempre vazia
Brasília não é DF
DF não é Brasília

Você trabalha pra viver ou vive pra trabalhar?
Brasília não é df e eu posso provar

Compare Valparaíso com o Sudoeste
Brasília terra do sonhos. entorno velho oeste
Onde Lúcio virou as costas a malandragem ganhou o
Oscar e Juscelino entrou no cubo para não entregar o check

Então não esquece quem construiu o
Hospital
Seu hotel
Tribunal
Terminal
O bordel
E quartel

Sem a exploração do entorno Lúcio Costa ainda tava
brincando de aviãozinho de papel

Virada cultural é só no eixo monumental
Na quebrada já é normal ter as migalhas e não o prato principal
Pra quem obedece DF e Distrito Federal
Pra quem manda é desvio fiscal

Esperando solução mais uma família em solução
Cada dia que passa a vida mais fora do curso
Só porque eu sou mina eles vão fingir que é surdo
Pq se eu fosse um Renato me escutava até em russo

Vai atrás de um sonho
E deixa em casa sua família
Brasília não é DF
DF não é Brasília

Aline MC

O Afroturismo como uma ferramenta de riqueza e articulação nacional com o Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop da FNMH2 BR - DF

O Afroturismo é segmento do turismo que vem ganhando cada vez mais força por reconhecer e valorizar patrimônios culturais que valorizam a memória, a identidade e a cultura negra, uma atividade de muita riqueza por movimentar a economia e contribuir para o aumento do PIB (Produto Interno Bruto), tendo em vista que os impactos do Afroturismo são multifacetados, abrangendo o social, ambiental, econômico e cultural. No cenário internacional, através de um estudo de 2020 da MMGY Travel Intelligence revelou que os viajantes negros dos EUA gastaram \$109,4 bilhões em viagens em 2019.

No cenário nacional o Afroturismo ganha notoriedade no Governo Federal brasileiro, através da institucionalização da atividade sendo reconhecida como um segmento pelo Ministério do Turismo, através da criação do Programa Rotas Negras, uma articulação grandiosa com a participação do Ministério do Turismo, Ministério da Igualdade Racial, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, Ministério da Cultura, Ministério do Desenvolvimento, Indústria Comércio e Serviços, Fundação Palmares, Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) e com participação da

Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), através do fomento da atividade com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a priorização do segmento como eixo prioritário de gestão da Agência em 2023.

Nisso, o segmento ganha cada vez mais potencialidade quando articulado com bens culturais que valorizam e reconhecem a memória negra, tendo em vista o Hip Hop como uma das maiores expressões culturais de luta, resistência e força motriz para a juventude negra brasileira, tendo em vista que no DF, através da Lei nº 7.274, determina o Hip Hop como patrimônio cultural e imaterial do DF. Uma grandiosa e potente expressão cultural que também é muito bem representada através do Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop.

Nos dias 10, 11 e 12 de março de 2023, foi realizado o 8º Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop, que contou com uma rica programação, e uma das atividades foi a realização de um passeio de Afroturismo, desenvolvido pela bacharel em turismo, mestra em preservação do patrimônio cultural e gestora, Aline Karina, o evento contou com a participação de 115 mulheres de 16 Estados, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Esse encontro não apenas celebrou a força e a criatividade das mulheres envolvidas na cultura Hip Hop, mas também serviu como um espaço de articulação para o Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop, realizado pela Rede Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop.

Foi movimentada a economia local, através da confecção de camisetas, copos e ecobags , bem como da contratação de serviços como hotelaria, sonorização, transporte e alimentação, beneficiando empreendedores e pequenos negócios da região, assim como valorização da oferta turística, tendo em vista que o que evento foi realizado no Sesc Presidente Dutra, no Setor Comercial Sul, próximo a toda cadeia produtiva do turismo, através da proximidade do Setor Hoteleiro Sul e equipamentos de alimentos e bebidas, através de restaurantes, bares e lanchonetes existentes na região.

A execução do roteiro se caracteriza como uma atividade de Afroturismo, por receber o 8º Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop e por agregar em seu itinerário atrativos turísticos que também valorizam a cultura negra como o Espaço Cultural Renato Russo, através dos painéis e grafites de artistas negras existentes ao redor e nas paredes do espaço e por possuir uma diversidade de eventos e atividades que potencializam a cultura negra, a Praça dos Orixás, Praça Zumbi dos Palmares e todos os

Baobás, árvore sagrada ancestral, existentes nessa região, o Conic, Praça Marielle Franco, Pannel Afroarquitetato no Setor Comercial Sul e Monumento dois Candangos na Praça dos Três Poderes.

É evidente destacar, a importância da potencialização da Rota Turística em Brasília- Distrito Federal, que una os principais atrativos que valorizam a cultura HIP HOP, nas Regiões Administrativas é importante destacar, a Casa Afrolatinas, no Varjão, a Casa de Hip Hop em Brazlândia, a Casa Gog no Guará, Espaço Moinho de Ventos, na Santa Maria, o Espaço Ela Fav, Espaço Cultural Mulheres do Sol, Espaço Cultural Voz Nascente, no Sol Nascente, o Espaço Jovem de Expressão, Vila dos Sonhos, Ponto de Cultura Filhos do Quilombo, Espaço Filhas da Terra (Hip Hop pelo Meio Ambiente), Instituto Evolui na Ceilândia, Espaço Cultural Ria, em Taguatinga, Grupo Cultural Azulim, em Sobradinho e demais espaços.

Esses dados foram retirados do Inventário Participativo da Cultura Hip Hop do Distrito Federal (2023), onde mulheres como Nay Luz, Ravena Carmo e Nimsai desempenharam um papel crucial na construção desse inventário colaborativo. Além disso, os espaços citados acima são, em grande parte, liderados por mulheres e em breve teremos mais espaços, como a Casa de Hip Hop em Planaltina. Nisso, também é importante valorizar os espaços públicos que geram fluxos turísticos como encontros de graffiti, as batalhas de rimas e breaking que acontecem nos museus, estações de metrô e praças públicas são fundamentais para visibilizar e potencializar as trajetórias artístico-culturais dessas mulheres.

Durante as visitas nesses espaços, nós percebemos o despertar do sentimento de pertencimento das mulheres, tendo em vista que muitas delas, eram a primeira vez que conheciam a nossa capital Brasília- Distrito Federal, muitas se orgulharam bastante ao visitar o Eixo Monumental e verem a Catedral Metropolitana – Nossa Senhora Aparecida, ao conhecer a Quadra Modelo na 308, local que é uma referência para nós brasilienses por ser a única superquadra com um projeto paisagístico de Roberto Burle Marx e um projeto urbanístico de Lúcio Costa, onde lá existiu a famosa Banquinha da Conceição e por fim muitas se sentiram representadas ao ocupar a Praça dos Três Poderes, onde tiramos uma foto histórica.

Além dos impactos econômicos, o 8º Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop reafirmou a importância do Afroturismo como uma ferramenta vital para a preservação e difusão da cultura afro-brasileira. Ao reunir participantes de diversas partes do país, o evento destacou como a cultura negra pode atuar como um elo que fortalece identidades, gerando um impacto positivo nas economias regionais. Mais do que isso, ele promove um sentimento de pertencimento e um fortalecimento das identidades,

na busca por uma sociedade que seja verdadeiramente representativa e plural.

Segundo uma pesquisa do Data Favela e Instituto Locomotiva (2022), o total de renda gerada nas favelas brasileiras foi estimado em R\$ 188,2 bilhões por ano, podemos trazer esse número através da potencialização e investimento para o Afroturismo, tendo em vista os impactos e efeitos positivos da economia gerada através da presença das mulheres do Fórum Nacional de Hip Hop.

As mulheres reconheceram a importância do Hip Hop articulado com turismo, é possível ler os relatos vivenciais através das narrativas de Vera Veronika, cantora, educadora, ativista social e afroempreendedora. O rap faz parte da sua vida desde 1992, Vera é uma das precursoras a cantar o estilo no Distrito Federal e Entorno. Vera diz que:

“Sentindo se pertencente de todas as quebradas e cidades deste nosso Brasil, que ainda e carente de cultura e Afroturismo para as periferias e favelas, que em sua grande maioria movimentam o cenário sem mesmo se perceberem pertencentes do mesmo, onde a cultura HIP HOP ultrapassa fronteiras e quebra barreiras socio/turístico/culturais, revelando o que tem melhor e atrativo nas quebradas.”

Na escrita de Raverna Carmo Mc/Produtora/Literatura de Rua Planaltina – DF:

“O Afroturismo e a Cultura Hip Hop compartilham raízes profundas nas lutas por identidade, memória, resistência e valorização cultural, especialmente entre populações negras e periféricas. Ambos surgiram como expressões da necessidade de reafirmação da cultura negra em contextos marcados pela exclusão, racismo e marginalização, além de se consolidarem como ferramentas de fortalecimento comunitário e transformação social.”

E no relato de Tuyra Mc/Rapper/Cantora Lago Azul, Novo Gama -GO:

“Nossos pensamentos, as comunidades, e era gratificante ver crianças e adolescentes se inspirando em nosso trabalho e querendo lutar pela igualdade de direitos, racismo desigualdade social e Afroturismo”

Esse encontro também enfatizou a necessidade de consideração e valorização da força das mulheres na ocupação de espaços políticos, institucionais e de poder. As mulheres negras, em particular, possuem uma riqueza de experiências e perspectivas que são cruciais para a construção de políticas públicas e ações que reflitam as realidades e as necessidades de transformação revolucionária em suas comunidades.



Mulheres, artistas, rappers, ativistas na realização do passeio de Afroturismo, durante a realização do 8º Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop na Praça dos Três Poderes em Brasília – Distrito Federal, Capital do Brasil, 2023.

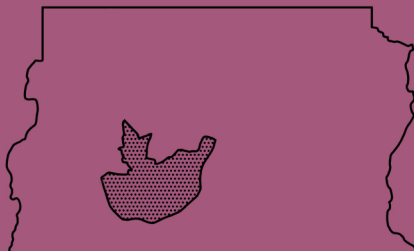
Aline Karina, gestora empreendedora

*Vera Veronika
Ingrid Gabrieli
Marcinha do Rap
Yasmin Haaran
Amanda Bittar
Marciana
Isa Lacerda
Rose Elaine
Borgê*

REGIÃO CENTRO-SUL

Quebradas

Candangolândia, Cidade Estrutural, Guará, Park Way, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I, Riacho Fundo II, Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) e Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA).





Vera Veronika

*MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento
Riacho Fundo I - DF e Região Metropolitana
Siga @veraveronikaoficial*

Nascida e criada em Brasília- DF, Vera Veronika é cantora, educadora, ativista social e afroempreendedora. O rap faz parte da sua vida desde 1992, Vera é uma das precursoras a cantar o estilo no Distrito Federal e Entorno. Ela canta para ter voz e para dar voz àqueles que acha justo. A difícil realidade social de vários jovens e mulheres que vivem em condições desumanas despertou nela o desejo de ensinar além do ofício de professora, ensinar com a voz, ensinar com o rap. Defensora incessante dos direitos humanos, da igualdade de gênero, da igualdade racial e do combate a todos os tipos de discriminação, faz da palavra cantada um instrumento de conscientização e garantia de direitos. Produtora de Eventos Culturais voltados às comunidades carentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, faz parte da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop Brasil - FNMH2/BR, organização de defesa de direitos das mulheres na cultura Hip Hop.

Pedagoga, Educadora Popular, Mulher do Candomblé e Mestre em Educação, Atuante em Palestras, Oficinas, Cursos e Shows Artísticos sobre a “Cultura HIP HOP e a História Afro-brasileira”, a partir do discurso poético do RAP integrado à lei 10.639/03 e 11.645/08 que trata da Obrigato-

riedade da História da Cultura Afro-Brasileira e Indígena no ambiente escolar. Com a exposição oral sobre os elementos do HIP HOP com ênfase no RAP-MC e relatos de experiências da palestrante quanto à Gênero/Questões Etnico-Raciais/Cultura HIP HOP e Juventude/Lesbo e Homofobias e Práticas Pedagógicas, com análise e interpretação de letras de Rap e Show artístico da palestrante. Juntamente com as palestras e a música, desenvolve trabalho social no “RECANTO DA PAZ”, situado em Valparaíso de GO, coordenando um lar para crianças. A renda para desenvolver este projeto provém de artesanato fabricado por ela e sua Mãe Dona Diana que é comercializado na feira de artesanato da torre de TV de Brasília, além da ajuda de amigos, shows e palestras da cantora, pois o lar não tem vínculos/auxílios governamentais.

Moradora do Bairro Sucupira no Riacho Fundo I, em Brasília – DF, porém sentindo-se pertencente de todas as quebradas e cidades deste nosso Brasil, que ainda é carente de cultura e Afroturismo para as periferias e favelas, que em sua grande maioria movimentam o cenário sem mesmo se perceberem pertencentes do mesmo, onde a cultura HIP HOP ultrapassa fronteiras e quebra barreiras sócio/turístico/culturais, revelando o que tem melhor e atrativo nas quebradas. Em sua trajetória pode fazer diversos trabalhos relacionados à cultura, conhecer e cantar com diversos artistas nacionais e Internacionais. Diante de sua trajetória artística vários momentos marcaram sua carreira, como a gravação independente de seus Discos, participar de momentos históricos e políticos como: a Marcha Zumbi dos Palmares e até ser gestora e produtora do palco cultural da Marcha das Mulheres Negras de 2015, contudo estes serão temas que farão parte de sua biografia que breve será lançada.

Um momento em particular é muito grandioso na carreira da artista, foi em 2017 que comemorou 25 anos de carreira com a gravação do “DVD VERA VERONIKA 25 ANOS” ao vivo, visibilizando esta importante fase de sua trajetória como Mulher no RAP. Com a participação de mais de 200 artistas e diversos elementos da cultura. Convidamos a assistir e viver este momento eternizado conosco nas nossas redes sociais da artista e no seu canal do youtube. Acredito que ainda terei muitas histórias a contar ... assim, espero ... se o universo e as Deusas permitirem ... Asé



Ingrid Gabriely

MC/Rapper/Cantora

Estrutural - DF

Siga @Ingridgabrielybrito

Salve! Me chamo Ingrid Gabriely, tenho 24 anos. Não parece, mas eu tenho. Apesar da idade, já tive muitas experiências e já bati de frente com a vida. Ela vem tentando me derrubar todos os dias até hoje, mas tenho a convicção de que eu sou meu maior inimigo, pois carrego muitos pensamentos destrutivos que, hoje, luto constantemente para não ter mais. Tudo o que a gente guarda em pensamento fica mais fácil de colocar em ação. É certo que não tem uma coisa que fazemos sem pensar antes, apesar de o ser humano ser imprevisível. Falo por mim, pois há algumas coisas que faço por impulso, e aí, quando vejo, já cometi erros. Então, só me resta corrigir.

Ainda não acredito que sou adulta, mas é a realidade nua e crua: a partir do momento em que você percebe que é apenas você por você, se não fizer, ninguém fará, e o que é pior, você faz muito bem. Daí, vem lidando com responsabilidades e compromissos. Esta fase está sendo nova, porque estou me descobrindo. Já passei por uma fase de rebeldia enquanto adolescente, chegando a estar em uma unidade de internação. Particularmente, já vi o céu e o inferno lá dentro, literalmente. Acredito muito nessas visões, independente de crença.

Eu via o mal em algumas pessoas; já vi sombras, pessoas tentando contra a própria vida e até contra a vida dos outros. Não posso e não devo julgar ninguém, pois também fiz por onde estar lá, no meio de pessoas que não têm medo de muita coisa. Também cheguei lá por uma infração grave contra a vida de alguém que me traía, algo que descobri. Imagino que já devem saber o final, que não é feliz. Se fosse eu, ele faria o mesmo e, no final, tentaria me matar com êxito. Ele ainda teve sorte que o socorro veio rápido, caso contrário, não teria resistido. Quem sou eu para julgar o próximo, sendo que também erro?

Como dizia minha eterna tia Márlícia, que Deus a tenha, e minha eterna mãe, que Deus também a tenha em bom descanso. Desde pequena, elas me falavam para vigiar, e mesmo assim, eu não vigiava; eu enfrentava qualquer um que cruzasse meu caminho. Hoje vejo que há muitas injustiças, mas não se pode abalar, pois o que mais prezamos é a justiça! Seja ela qual for, olho por olho, dente por dente. Se não houver justiça, a tendência é “esbagaçar” tudo. Então, que haja justiça aqui na terra, aonde quer que seja!

Não sou a mesma de antes; hoje digo e encho a boca para dizer que sou uma pessoa melhor. Paguei e pagarei sempre que for necessário, toda vez que eu errar, pois isso faz parte da vida. A luta é contra nós mesmos.

Estou cursando Ciências Políticas e prestes a me formar. Este curso abriu e continua abrindo meus olhos cada vez mais. Tenho interesse e muita curiosidade sobre política! Vou retomar a terapia, pois estudar com pessoas diferentes, com opiniões divergentes e que sempre querem ter certeza de tudo é complicado. Tem que ter “sangue de barata”; esse sim é o melhor termo. E também tem que ter muita força de vontade, não só nos estudos, mas em tudo o que desejamos conquistar.

Também canto rap lá na UISM. Assim que cheguei, em 2017, nasceu o projeto RAP, através do professor Francisco Celso, nosso fantástico professor de História, e da dona Luana Euzébia, nossa querida assistente social, que era sempre muito cheirosa! Eles tiveram a ideia de criar o projeto, que vem sendo um sucesso desde então. Lá dentro, a gente escrevia as músicas e eles nos davam a assistência necessária. O professor gostava muito de nos ouvir cantando, ficava muito feliz com o nosso êxito na música. Ele foi quem mais acreditou na gente como artistas! Apesar de estarmos sempre trancadas, ele dava um jeito de nos tirar da cela para ensaiarmos nossas músicas em cima do beat que ele levava. Era como uma luz no fim do túnel. Em festas comemorativas, os cantores saíam para se apresentar, e várias vezes faziam shows fora da unidade, mesmo estando presos.

Hoje em dia, o projeto RAP continua com essa força de resgatar jovens do mundo do crime e de mentes perversas, através da arte, que nos impulsiona sempre para frente. Esse trabalho de ressocialização através da arte foi o que me despertou para ser a pessoa que sou hoje, pois ainda havia quem acreditasse em mim. A nossa rainha Vera Verônica, a primeira mulher a ser rapper na capital do DF, é uma grande inspiração. Ela é uma pessoa muito especial. Quem a conhece sabe o quanto ela é humana e como faz bem às pessoas. Ela foi e sempre será especial para mim, pois apareceu na minha vida quando mais precisei de pessoas como ela. Ela e sua família são muito acolhedores e já me ajudaram com oportunidades de emprego e com o carinho que carregam no peito.

Conheci-a através do Markão Aborígenes, outra pessoa iluminada, que também cantava direto na unidade. Ele logo se aproximou dos jovens com diversos projetos sociais, como o Projeto Onda e também o Inesc, que fazia um bem enorme para a gente naquele momento em que não havia diversão. A alegria vinha quando eles nos chamavam para os cursos. Sempre admirei o Markão; ele é uma pessoa muito virtuosa, com uma energia incrível, uma família linda e abençoada, que também me ajudou muito!

Conheci diversas pessoas nesta caminhada de quase três anos cumprindo medida socioeducativa, mas as pessoas boas e que praticam a bondade jamais serão esquecidas. Como já relatei algumas vezes, saí da lama, pois vivia uma vida de ilusão, achando que tudo tinha que ser do meu jeito. Hoje sou totalmente diferente, porque acreditaram em mim lá no passado.

Nesse processo de ressocialização, também conheci Marcela Coelho, uma pessoa de quem gosto muito e que acredito ser impossível alguém não gostar. Ela tem um coração que não cabe no peito! Tive a oportunidade de conhecer também sua família, que é maravilhosa. Marcela Coelho já ajudou muitas pessoas, inclusive com oportunidades de emprego em seus projetos sociais, e sua alegria é contagiante! É muito bom poder conhecer pessoas incríveis assim. Ao contar minha história, não posso deixar de citar algumas pessoas que foram tão importantes para mim neste processo. Só agradeço!



Marcinha do Rap

Conhecimento

Guará I- DF

Siga @marciac_santos

Salve! Meu nome é Márcia, mais conhecida no movimento hip hop como Marcinha do Rap! Tenho 40 anos e moro no Guará desde que nasci. Quebrada que amo e que sempre representei nessa minha caminhada no rap do D.F. Aqui, quando eu ainda era criança, havia muito lazer nas quadras, muito break, muito som. Hoje em dia, quase não se vê mais, embora ainda tenha o Teatro de Arena, o Cave, o salão de múltiplas funções – lugares que mereciam um pouco mais de atenção e cuidado, pois são centros culturais de grande importância e relevância, principalmente para nós, moradores do Guará.

Comecei a curtir rap aos 15 anos, e o que me motivou a entrar de vez no mundo do rap foi ouvir Racionais MC's e GOG... nossa, me lembro como se fosse hoje; foi identificação imediata. Mas o meu primeiro baile mesmo, que marcou, foi aos 16: Racionais no antigo clube CIT em Taguatinga. Foi histórico! Show perfeito, ao som das Smurphies, sob o comando do meu querido DJ Markinhos! De lá pra cá, não parei. Já curti no CIT, Primavera, Quarentão, Tropical, Pandiá, Capital e em mais uma porção de lugares! Onde tinha baile, a Marcinha estava lá! Abril pro Rap, fui em todos! Hip Hop pela Paz, no Gama, fui em todos também! Tempos bons...

que, infelizmente, não voltam mais.

O rap me proporcionou conhecer e me aproximar de muita gente que eu admirava, que eu curtia, que eu era fã mesmo. Não vou citar nomes, porque são tantos, e não quero me esquecer de ninguém. Fiz muitas amizades, pessoas que estão no coração. Não só aqui em Brasília, mas fora daqui também. Vi muita patifaria no movimento também: muita panelinha, tiração, falsidade, discriminação contra as mulheres, assédio... vi e vivi de perto. De muito perto. Graças a Deus, sempre fui respeitada e considerada nas quebradas em que cheguei. Mas sempre respeitei também. É aquilo: “o respeito na quebrada sempre prevalece para aqueles que sabem se impor na humildade.” Li isso no livro Capão Pecado, do Ferréz, e trago essa ideia pra vida.

Enfim, são tantas lembranças, tantos momentos marcantes, tantas coisas engraçadas e livramentos nesses 24 anos de rap que dariam um filme! Por vários motivos, sou muito grata ao rap. Gratidão, minha mana Verônika, por me convidar para fazer parte desse livro e me ceder esse espaço para contar um pouco da minha vivência na cena do hip hop! E bora, bora, mulherada, que o mundão é nosso! Saravá! Axé! Muito obrigada!



Yasmin Haaran

MC/Rapper/Cantora

Estrutural - DF

Siga @gypsyyy

Sempre gostei de compor, mas ainda não tinha percebido a minha relação pessoal com a cena hip hop. Foi frequentando as batalhas de rima da Estrutural que comecei a ver que, sim, esse universo me convidava. Comecei a batalhar e a escrever ainda mais; logo, isso, além de ser minha paixão, se tornou meu sonho e meu objetivo. Mulher trans, artista, modelo independente, cantora e compositora; cigana, multiartista, pedagoga em formação.



Amanda Bittar

Produtora Cultural

Guará - DF

Siga @amandabittar @favelasounds

Tenho mais de uma década de trabalho na produção. Comecei em 2011, ainda na faculdade, trabalhando com comunicação de alguns eventos, entre eles a Semana da Consciência Negra, o FLAAC e vários outros. Ainda era o início da minha carreira na cultura, e eu já estava completamente imersa na infinidade de possibilidades que o universo cultural pode oferecer. Sou branca, mas trabalhar com produção me colocou próxima de pessoas pretas que foram e continuam sendo essenciais na minha jornada. Muitas delas se tornaram amigas próximas, com quem até hoje tenho muitas trocas sobre vida e trabalho.

Trabalhar em eventos como o FLAAC - Festival Latino-americano e Africano de Cultura, reapresentado à Universidade de Brasília depois de 25 anos da primeira edição, e na Semana da Consciência Negra, ambos em 2012, me fez compreender a importância de estudar e me aprofundar cada vez mais na luta antirracista, para conseguir me posicionar como aliada da causa da maneira que deve ser. Depois desses primeiros encontros com eventos e projetos sobre a cultura preta, vieram muitos outros. Trabalhei com samba, com artistas essenciais de Brasília como Vera Verônica e Ellen Oléria, e em projetos como o Festival São Batuque, Dia de

Zumbi, Tradição Viva e vários outros. E senti uma necessidade crescente de somar mais, de agregar o que eu pudesse.

Nasce então, em 2016, o Favela Sounds - Festival Internacional de Cultura de Periferia. Projeto gestado ainda nos tempos de faculdade, que, com o passar dos anos e dos trabalhos na cultura, amadureceu e ficou pronto para ir para as ruas. O festival nasceu para ser um ponto de encontro da cultura periférica do Brasil, olhando para a cultura hip hop, mas também para as várias manifestações artísticas das quebradas do país, do tecno brega ao funk, passando pelo brega funk, pagodão baiano e influências de fora, como o afrohouse. Para minha surpresa, já na primeira edição tivemos um público de 12 mil pessoas, muito além da nossa expectativa é também uma certeza de que havia muito campo a ser trabalhado dentro da cultura periférica. Muitos artistas e movimentos precisam estar em um palco e ser ouvidos pelo público.

Além do palco, o festival nasceu com uma veia formativa. Desde a primeira edição, oferece oficinas de formação para o público periférico e para jovens em cumprimento de medida do Sistema Socioeducativo, além de levar debates para escolas públicas. A ideia é inspirar e incentivar a juventude das favelas, que finalmente pode entrar em contato com seus grandes ídolos ou figuras de referência do mercado. Tudo de graça, com transporte oferecido pelo festival. É importante ressaltar também que o festival preza pela diversidade de forma autêntica, em todos os sentidos. Mais de 90% da programação e equipe é composta por pessoas pretas, mais de 50% do line-up e da equipe é composta por mulheres, e cerca de 40% da galera que trabalha no festival (no palco ou no backstage) é LGBTQIAPN+.

Gosto de acreditar que, justamente por ter sido pensado desde sempre para a juventude, o festival se tornou esse ambiente de pertencimento e acolhimento. É lindo andar pelo meio do público do Favela Sounds. É emocionante ver que as pessoas se sentem livres para ser quem são naquele espaço, para expressar sua identidade sem medo de sofrer preconceitos. Aquela arena, de frente para a Esplanada dos Ministérios, entre um museu e uma catedral, clama por respeito, equidade e liberdade nos dois dias de festa.

Favela Sounds foi se desenvolvendo, com público crescente, e passou a ser não mais só um festival, mas uma plataforma. Hoje, além do festival anual, tem como braços dessa “nave-mãe” o Favela Talks, a série Favela. doc, o Mapa da Criatividade Periférica do Brasil e vários outros projetos. O Favela Talks é uma conferência de criatividade periférica, criada para fortalecer ainda mais o lado formativo. É um espaço onde empreendedo-

res criativos das periferias e artistas podem participar de cursos, palestras, bate-papos, ciclos de aceleração e outras atividades para aprimorar ainda mais suas carreiras e negócios. Na mesma pegada vem o Mapa da Criatividade Periférica do Brasil, que é um grande banco de dados para criativos periféricos se inscreverem e exibirem seus trabalhos, enquanto a produção trabalha incansavelmente para que grandes empresas, agências, veículos de comunicação, festivais e casas de shows passem a olhar atentamente para esses talentos na hora de novas contratações.

Por mais que o Favela Sounds não seja um festival exclusivamente voltado ao hip hop, essa sempre foi uma das essências de sua criação, principalmente pelo proceder: na licença para chegar, no respeito a quem veio antes e na mão estendida para quem vem depois. Então aproveito para deixar meu salve para Vera Verônica, Marta Carvalho, Jaqueline Fernandes, DJ Donna, Magu Diga How, DJ Chocolaty e tantos outros que, desde 2016, abraçaram o rolê e são fundamentais para sua existência.



Marciana

MC/Rapper/Cantora

Riacho Fundo I- DF

Siga @enfdemarte

Paraense que veio para o Distrito Federal para estudar e se formou enfermeira pela Universidade de Brasília. Com 28 anos, tornou-se mestre de cerimônias em 2015 e organizadora de duas grandes batalhas de rima do Distrito Federal: a Batalha das Gurias, organizada por mulheres para MCs femininas e pessoas LGBTQIAP+, e a Batalha do Cantador, que acontece em Ceilândia, no P-Sul, na Casa do Cantador/Cio das Artes. Atualmente é organizadora apenas da BDG e do Favela Flow Fight, que também ocorre em Ceilândia.

Tornou-se educadora sobre o hip-hop e suas vertentes a partir do coletivo Elemento Cinco, da Vila dos Sonhos, e também é certificada no curso de empoderamento feminino pela primeira rapper do DF, Vera Verônica. Envolvida em grandes oficinas de rima para mulheres e pessoas LGBTQIAP+, também atua como produtora cultural e organizou a primeira batalha de mulheres de Alto Paraíso - GO. Além disso, coordenou a oficina de rap para a primeira batalha de mulheres em Goiânia - GO, a Mana há Mana, e ofereceu oficinas em um projeto da Universidade de Brasília para incentivar jovens de escolas públicas a se interessarem por áreas como engenharia e tecnologia.

Participou da websérie Batalha, Mina, que conta a história da Batalha das Gurias, uma batalha pioneira com recorte feminino no Brasil. Durante a pandemia, trabalhou na linha de frente enquanto se especializava em Saúde da Família e Comunidade pela Fundação Oswaldo Cruz, e com seu filho de apenas 8 meses, viveu sob grande pressão. Na escrita encontrou refúgio, sendo conhecida por escrever poesias nas prescrições e entregar aos pacientes como “alívio poético”. Suas ações resultaram em matérias em alguns jornais, incluindo uma apresentação de sua poesia “Ser Enfermeira” no Jornal Nacional, onde expôs seu trabalho como poeta. Hoje, é referência na área da saúde como artista, levando seus versos em defesa da luta da enfermagem, e foi convidada para o livro de enfermagem Vozes de Esperança, Cuidado e Dor, onde publicou outra poesia, “O Mito do Herói da Saúde”, desabafando sobre esse período.

Criou o projeto Se Liga na Prevenção, unindo teatro, rap e poesia para educação em saúde nas escolas públicas, abordando temas como educação sexual e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Seu último trabalho foi o lançamento de sua mixtape, que une filosofia e rap, com sua primeira música solo, “Penso, Logo Rimo”, dentro do projeto Lazer das Quebradas. Recentemente, em 2023, realizou a BDG² - uma junção da Batalha das Gurias com a Batalha do Grude, ambas pioneiras em batalhas de diversidade no Distrito Federal, com a intenção de continuar o trabalho da Batalha das Gurias, convidando outras grandes batalhas da cena.



Isa Lacerda - Bellas Nativa

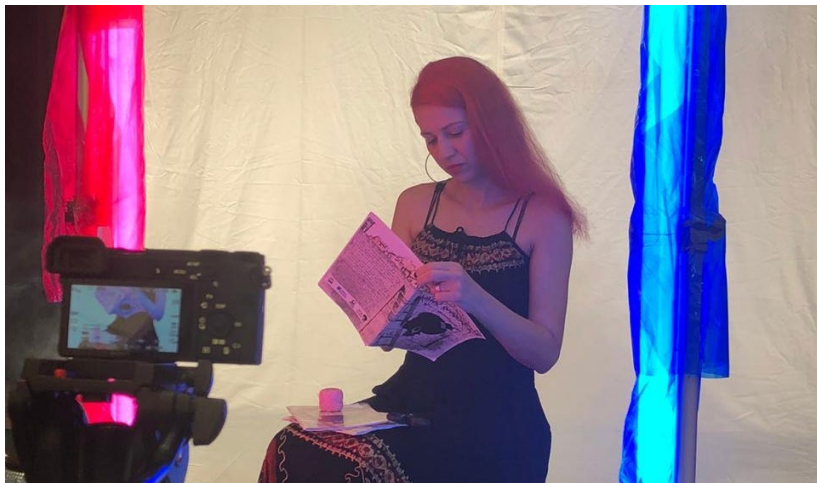
MC/Rapper/Cantora

Guará - DF

Siga @isabelle_lacerda

Isabelle Lacerda cria da M Norte, depois me mudei pro guara 2 onde começou a minha trajetória no rap, iniciei indo nas festas no conic, Da-bomb 2003/4 onde conheci o break, e vários contatos e bailes black. tempos depois lembrei das letras que escrevia quando era casada, resolvi formar com uma amiga o grupo Bellas N'ativa, onde relatava as causas da mulher e suas dificuldades. Entre os clipes, Um grande marco foi o clipe "castelo de areia" em 2013 onde várias minas se identificaram com a situação contada, No qual relata a violência doméstica, traumas, depressão, situação que passei e quis abraçar quem se sente só nessa situação! comecei a movimentar a cena com uns amigos e fizemos eventos beneficentes no guara, eu e Cahegi criamos a associação rap capital, juntamos a galera e fazia acontecer pra geral ter palco e divulgar os trampos. Estava em fase de gravação do 1* EP, mas devidos a problemas pessoais, Resolvemos parar com o Bellas Nativa. Tempos depois fiz algumas participações, soltei uns sons e Atualmente estou morando no Paraná a quase 8 anos, faço parte do grupo ultra face, como voz e produtora, sou ativista social na quebrada, ajudo no que posso com cestas básicas etc, faço a Batalha do terminal, onde trago o incentivo pra molecada, produtora cultural, e

musical. Já fui presidente do conselho de cultura durante 3 anos, agora como conselheira de cultura. Trouxe a lei da semana do hip hop pra cá. Ganhei uma noção na câmara dos vereadores pelo trampo desenvolvido na cidade. Elaborei juntamente com a secretaria de cultura, o edital da lei Paulo Gustavo, qual conseguimos ajudar vários artistas independentes. E estou aqui, um pé no DF é um Pé no Paraná fomentando a nossa cultura. Grata Isa.



Rose Elaine

Literaturas de rua/Composição/Literatura marginal/Poesia

Riacho Fundo II - DF

Siga @rose_elainearte

No ano de 1989, estava no ar “Corpo Fechado” de Thaíde, e eu começava a me apaixonar pelo rap, no olho do furacão do movimento, em Ceilândia, P Norte. Havia tanta música animada, divertida, até eu entender que o rap era muito, muito maior do que imaginava. Em 1990, minha família e eu adquirimos o direito à moradia, um lote na Samambaia Sul, sem nenhuma estrutura: “água encanada, energia, telefone, ônibus, esgoto, comércio... escola?” Quê?! Nós tínhamos um lote e um monte de coisas que nos faltavam. E quando comecei a ouvir Racionais, Geração Rap, Câmbio Negro, Gog... as coisas faziam tanto, mas tanto sentido que, aos 15 ou 16 anos, comecei a escrever minhas letras.

Um dia, conversando com outras amigas, resolvemos montar um grupo que se chamaria Cárcere. Mas éramos tão jovens, o preconceito com o movimento era tão grande e, inclusive para meninas do ensino médio, mostrar as letras para os rapazes não garantia que fôssemos incluídas. Nossas famílias nos desencorajavam, e não tínhamos ideia de onde gravar, muito menos dinheiro para isso. A mina que tinha (na nossa visão) “chutado o pau da barraca” era a Dina Di. Hoje percebo que ainda há tanto a fazer, mas lá em 1995 era o “Ó”. O rap era muito, muito “masculino”,

e eu não entendia como essa rapaziada falava tantas verdades sobre raça, classe econômica, corrupção, o dia a dia da comunidade, mas deixava de lado outras opressões tão dolorosas, como o machismo e a LGBTfobia.

O tempo passou, e o “Cárcere” ficou só nas tentativas, letras e sonhos. Em 2005, conheci quem hoje é meu esposo, e realizei um sonho de adolescente: ter uma letra de música minha gravada. Foi quando fizemos “Terezas”, baseada na vida dura com um esposo alcoolista... Minha mãe, Terezinha. Hoje ainda faço meus rascunhos e desejo toda sorte às meninas e mulheres do movimento, para que tenham muito menos barreiras e preconceitos e realizem todos os seus sonhos.

Dentro dessa caminhada com meu companheiro, que sim, me incentivou, tocamos com amigas e amigos o Coletivo Artesam e, com as manas, o Coletivo Frente Feminista Periférica. Tínhamos o Cine Clube Câmbio Negro, que acontecia na garagem da casa onde morávamos. Hoje, seguimos captando recursos e trabalhando com a comunidade.



Borgê

Graffiti/Produção

Guará - DF

Siga @juborge

Juliana Borgê, artista plástica, formada pela Universidade de Brasília, desenvolve seu trabalho sob várias vertentes. Além de um traço figurativo personificado, o qual é denominado de fofismo, a artista trabalha com a ressignificação de objetos do cotidiano que estão em desuso, com a arte do graffiti e a arte terapia, buscando nesta última que as pessoas com dificuldades emocionais consigam se expressar por meio da arte. Juliana Borgê descobriu seu amor pela arte ainda pequena na observação das gravuras dos livros e das histórias em quadrinhos, e ainda quando reparava sua mãe costurando. Assim, a artista foi ao longo de sua trajetória se aperfeiçoando. Borgê é uma artista versátil, transita em vários espaços, ela transforma lixo em arte, dá cor e vida as ruas e muros da cidade, valoriza a expressão do ser humano por meio da arteterapia. Suas peças são reflexo da sua experiência e sensibilidade em transformar um objeto comum em algo totalmente novo. Em suas obras, o lado lúdico e figurativo se confunde com o político, social e crítico. Atualmente, Juliana Borgê desenvolve projetos interdisciplinares em espaços urbanos e também, atua na arteterapia e arte educação, produção cultural, atuando nas ruas do DF constantemente levando o graffiti ao alcance de todos.



FRENTE NACIONAL DE
MULHERES NO HIP-HOP

Rastabel
Ariane- Minas do Gueto
Negra Flow
Adioli
O'hara Raiz
Cris de Souza
Medro
MC Maju
Prethaís
Mina Halls
Atitude Feminina

REGIÃO LESTE

Quebradas

Paranoá, Itapoã, São Sebastião
e Jardim Botânico.





Rastabel

MC/Rapper/Cantora

Paranoá - DF

Siga @zabelêcoresesabores

Meu nome é Isabel de Castro Silva e tenho 61 anos. No movimento Hip Hop, serei eternamente Rastabel. Até 1992, eu via o movimento Hip Hop com preconceito, “coisa de mala”, como diziam. O amor me apresentou ao movimento e tinha um nome: DJ Carlão, um talentoso profissional. No dia em que nos conhecemos, ele me apresentou a música “Homens da Lei”, de Thaide e DJ Hum, que mais tarde conheci pessoalmente, e também “I’m Bad”, de LL Cool J. A partir daquele ano, me apaixonei pelos 4 elementos e acompanhei toda a efervescência dos anos 90.

O Conic passou a ser um ponto para mim, onde eu comprava produtos de música e trocava ideias com os artistas da Discovery, produtora do Sr. Genival. Essa paixão me levou a montar a “Equipe Dama da Noite” com meu companheiro. Organizamos shows inesquecíveis, que os jovens do Paranoá nunca imaginaram assistir: GOG, Câmbio Negro, Visão de Rua (Dina Di, Tum, DJ O.G. ficaram hospedados em minha casa!), Código Penal, entre outros. Uma vez por mês, eu, DJ Carlão, DJ Chiquinho e DJ Paulinho organizávamos lazeres de rua na Qd 23 do Paranoá, na minha casa, e bailes em vários locais da cidade.

Os anos 90, a era de ouro do Hip Hop nacional, transformaram minha

casa em um lugar de encontro e acolhimento para pessoas de todas as regiões administrativas do DF, ligadas ao movimento. Sou autora, em parceria com Nego Dé, da música “O Fim de Tudo”, do grupo Falso Sistema, onde conto a história de um ex-aluno e amigo, Maninho. Foi uma das músicas mais destacadas e tocadas, junto com “Lado Sul”, deste álbum do grupo. Até hoje, quando se fala nesses eventos, muitas saudades e boas lembranças vêm à tona.

No decorrer da minha trajetória dentro do movimento, assisti a todos os shows que aconteceram no DF e entorno, com artistas de outros estados. Estar no camarim com os Racionais MCs, Realidade Cruel, MV Bill, DJ Jamaika, Rei Cirurgia Moral, X-Câmbio Negro, Japão Viela 17, Atitude Feminina, BellaDona, Vera Verônica, As Donas da Rima, DJ Donna, Jaqueline Fernandes e tantos outros artistas me trouxe conhecimento e amizades que perduram até hoje.

Viajamos para São Paulo com o DJ Ocimar, em uma excursão para o show Millenium 2000. Prometeram um show com o grupo americano Bone, que não aconteceu, mas a gama de artistas nacionais que se apresentaram tornou tudo muito especial. Um incômodo que sempre senti foi a pouca participação de mulheres, o pouco incentivo e o machismo vigente na literatura e nas artes.

No ano de 2001, encerrei minha participação no movimento Hip Hop com a chegada de minha neta, Wilaine Gabrielle. Entrei nele pelas portas do amor e saí pela chegada do amor. Sou, no DF, uma mina considerada do movimento Hip Hop, e tenho orgulho e gratidão por isso!



Ariane - Minas do Gueto

MC/Rapper/Cantora

Paranoá - DF

Siga @ Minasdoqueto_rap

Sou, Ariana tenho 38 anos e sou fundadora do grupo de rap “Minas do Gueto” nascido e criado em 2004 na cidade de planaltina GO.O rap sempre foi muito importante pra mim, sempre o amei em 2006 gravei a música” MAE” que em pouco tempo fez muito sucesso no DF e Entorno e fora do DF também, uma das melhores fazes do Rap pra mim; fiquei surpresa e ao mesmo tempo muito feliz, participei de vários eventos e ai se iniciou minha história no Rap. Onde comecei a gravar outras músicas, clipes e etc. O Rap é muito importante pra mim, me sinto muito feliz e orgulhosa de fazer parte desse movimento lindo que é a cultura Hip Hop.



Negra Flow

MC/Rapper/Cantora

Itapuã - DF

Siga @Negraflow_

Nara de Moraes Soares , mais conhecida como Negra flow é uma rapper, cantora, compositora, Dançarina contemporânea e atriz Integrante do movimento negro . Influenciada pelos versos de Dina Di é kmila Cdd , Negra flow teve o contato com rap des de muito cedo nas periferias de Brasília quando frequentava movimentos culturais . Negra flow e dona de uma voz forte é um discurso empoderado, sua carreira começou com o álbum O Sistema onde ela relata sua insatisfação com os menos favorecidos. Com mais 70 mil seguidores na sua rede sociais, seu primeiro álbum tem sido um sucesso com mais de 15 mil visualizações é ela não quer parar por aí. Negra flow acredita que pode transformar o rap como um desabafo sobre os problemas sociais e o racismo no Brasil. Negra Flow arrebatando pela nossa cultura de Rap, hip-hop , trap , R&b e muitos outros gêneros musical em feats . Estamos aqui para atualizar a grande carreira dessa artista magnífica que nós do Brasil e do mundo estamos acompanhando esse grande talento, Negra flow começou com uma das músicas mais bem elaboradas e interpretadas, a música ‘ O Sistema ‘ aonde começou sua grande carreira no qual se destacou entre os outros da cena , logo após teve as outras músicas (Jóia Rara , Ele me sustentou , Te fazer Feliz ,

Baby e My Queen no qual vai sair o clipe dessa música mas isso deixamos mais pra frente para detalharmos esse processo de informação desse projeto. A Negra Flow vem trabalhando muito, logo após esses sucessos que citamos as músicas anteriormente que ela nos prestigiou, a artista trouxe um EP 'Game Of Life' (Jogo da Vida) No qual esse EP contém 4 músicas inusitadas diferenciadas e avançadas, as faixas são: 1° Super Star, 2° Baile, 3° Barrio Bajo e 4° Diário. O EP está dando o que falar uma música mais top que a outra, contando com feats nacional com 'Dona Gi' (2° Baile) e internacionalmente com a dominicana 'Darlen 02' (3° Barrio Bajo). O EP Game Of Life também contém uma faixa com clipe a 4° Faixa 'Diário' que foi feito no conic de Brasília um dos lugares culturais da capital usando diversos espaços assim como um espaço de salão de beleza afro no qual a nossa artista preza muito ao defender a bandeira dos Negros, o clipe está extraordinário com participações de outras mulheres Negras potentes na indústria o clipe relata um Diário de uma mina Preta até pq o refrão é justamente esse 'O Diário de uma mina Preta' não percam e vão lá conferir Anota aí O Diário. Não paramos por aqui a artista Negra Flow está uma máquina de compromisso com seus ouvintes e fãs, recentemente ela fez o clipe da música 'My Queen' no qual foi feito pelo projeto cultural do GDF lembrando que já é o segundo clipe da artista com o GDF, o primeiro clipe (Ele Me sustentou) foi através do 'Instituto Cultural Caminhos', pois o segundo Clipe (My Queen) também conta com esse Instituto Cultural Caminhos que é liderado pelo nosso grande Rapper WTy e com o 5° Programação. O clipe 'My Queen' foi feito na galeria dos estados outro local monumental no qual participaram várias mulheres forte da cena do Rap e Trap com uma participação especial da nossa grande Rapper 'Jane Mulher comum (ex Atitude Feminina) o clipe Conta com modelos, dj, skatista, apresentadoras, maquiadoras, entrevistadoras e claro musicistas. O clipe só contém mulheres, para fortalecer a força feminina, o Clipe está colorido, bem alegre, style, divertido e claro bem impactante, não percam tempo mais e correm lá no canal YouTube 'NegraFlow. Se inscrevam para não perder o Clipe 'My Queen' A artista Negra flow fez recentemente um feat com o artista 'Lucas Dnz' um 'Samba Rap' Que está dando o que falar pelas ruas, a música retrata o brasileiro dentro da sua brasilidade do samba e do rap, versos de dor e alegria de samba e Armonia, o feat foi lançando no dia 07 de setembro 2024 Então já anotem aí esse nome NegraFlow pois ela vem trazendo e vai trazer muito mais ainda de artes obras e compromisso com a cultura do Rap e entre os outros.



Adioli

MC/Rapper/Cantora/Breaking/danças urbanas/Graffiti

São Sebastião - DF

Siga @adio.li

Eu sou Agata Adriana, conhecida artisticamente como Adioli, tenho 22 anos, o rap sempre fez parte da minha vida e dos meus gostos musicais, apesar da crítica dentro de casa sempre gostei, meu primeiro contato com a cultura veio através do forró, danço desde criança, meu contato com o rap começou através de vivências pessoais dentro da periferia onde eu escutava músicas e entendia me identificando com as letras, após morar 7 anos no Nordeste voltei para o DF a 12 anos, onde todos ao meu redor escutavam rap, então conheci o trabalho de novos artistas, comecei através da dança, do funk, do axé e o próprio hip hop, através da dança despertei em mim novos pensamentos e sentimentos, e comecei a escrever poesias, após as poesias, me identifiquei muito com artesanatos e desenhos, após isso, a 6 anos atrás conheci o movimento das batalhas de rimas, onde todos eram reconhecidos pelo que fazem independente, respeito a cor da pele, respeito às pessoas transgeneras, respeito a artistas e pessoas autônomas, ali então vi mulheres fazendo parte da cena, poucas, mas foram minhas inspirações, então me imaginei um dia fazendo parte do movimento hip hop, chegou então o dia que resolvi entrar e fazer parte, a quase dois anos e meio faço parte das batalhas de rimas, isso

me trouxe independência, alto estima, autonomia, controle para ansiedades, melhor desenvolvimento, segurança, respeito, sabedoria sobre a história da periferia, conhecimento sobre os povos indígenas, sou descendente dos pataxó, trouxe a mim uma aceitação e respeito com minha cor da pele, um movimento preto que o respeito é totalmente dedicado a pessoas pretas, uma luta pelo oque foi tirado de nós, trazendo o hip-hop como cultura podendo descobrir artistas incríveis além do jogador de futebol que passa na TV, um grupo de pessoas onde não apoiam a agressão contra a mulher, não apoiam de nem uma forma o assédio, um lugar onde todas as mulheres se sentem respeitadas. Mesmo que alguns não queiram, só estão presentes se respeitarem as Mulheres, principalmente as Mulheres Pretas. Então foi reconhecendo tudo isso que começou o meu interesse de fazer parte da cena, mostrar ao mundo que a periferia vive. Na cidade onde estou atualmente não tem movimentos culturais por ser de certa forma afastado da cidade, hoje em dia considerada uma comunidade mista, mas até a alguns meses atrás apenas comunidade rural, mas a alguns km existem as batalhas de rimas na praça da 21 no Paranoá, tem também a batalha da fatality Park no Paranoá parque e a na praça principal do Paranoá... onde todos fazem parte do mesmo movimento mas ainda precisam entender e aceitar melhor que as mulheres estão fazendo parte do movimento cultura, até porque toda cultura veio de uma mulher, só precisam saberem melhor disso. Faço parte da cultura pela minha saúde mental e emocional e por todas as mulheres periféricas.



O'hara Raiz

MC/Rapper/Cantora

São Sebastião - DF

Siga @oharavitara

Me chamo O'hara Vitara, sou de 1999 e moradora de São Sebastião - DF. Desde nova, pude ter oportunidade de conhecer culturas e diversas áreas artísticas, desde o circo a batalhas de rima. Que foi algo que conheci e me encantei. Meu maior sonho é mudar a vida de quem eu amo, poder ajudar outras pessoas e que eu consiga mudar tudo também com a minha música, nível Beyoncé. E, minha mãe, mulher forte e batalhadora, sempre trabalhou muito pra proporcionar o melhor pra mim e minhas irmãs. Então, desde nova estive envolvida com a arte em si e esportes, que também é uma arte. Vim começar a de fato batalhar, em 2018. Ano conturbado pra mim, coloquei como meta que se eu ganhasse minha primeira batalha, eu estaria no caminho certo. E assim foi, minha primeira batalha foi no "Coliseu dos Mc's" em São Sebastião DF. Daí pra frente, passei a ir em várias batalhas e colocar em prática o que estava predestinado pra mim. Estava dentre as primeiras mulheres da cena da minha cidade, o que me gerou muitos episódios a qual me afastou da batalha por mais de 1 ano. Participei de várias batalhas, tanto quanto MC e rimar, mas também pra cantar. Já fiz uma matéria pro jornal "Canhoto Gama" duas vezes, falando sobre o tanto que é importante as mina na cena. Igualmente também

no Podcast chamado “Movimenta São Sebas” que estive junto com outro artista pra falar sobre as batalhas de rap. Pude conhecer o espaço do canal TVN pra falar sobre minha trajetória e meu universo dentro do rap. Meu primeiro single solo se chama “Garra” dirigido por Naiara Rocha, preta diretamente do Ocidental - Go. Foi o meu primeiro projeto de som solo, costume pensar que esse som veio pra mim me lançar na cena do hip-hop, ter algo meu. Antes desse projeto, lancei através do apoio do IFB Campus Recantos Das Emas o som “ Se tu ama essa cultura” que aborda vivencias na cena do Hip-hop. Em seguida soltei outras faixas com os nomes de “Cura” “Conflitos” e o “Tropa das pretinhas” que foi através do projeto chamado “Lazer das Quebradas”. Boa parte dos meus atuais sons eu tive muita ajuda e pessoas que acreditaram em mim, inclusive em uma participação no projeto “Vozes da Cultura” cujo a Ana integrante do grupo “Atitude Feminina” também estava presente, ganhei da mesma uma produção musical com o produtor das mesmas, o Dj Raffa Santorio. Faixa atualmente gravada mas sem data de lançamento. Na sequência, em um show na antiga casa cultura “Raxiv galeria” em São Sebastião, pude abrir o show da Atitude Feminina e também cantar uma música delas, com elas. Experiências de crescimento que fizeram e fazem eu permanecer na cena do Hip-hop, por mais difícil que seja, quando se trata de sonho, estamos sempre tentando nos esforçar. A Batalha do Skate Park em São Sebastião a qual eu organizo com outros organizadores, é um símbolo de força, nossa cidade tem muito artista a ser descoberto, e o movimento resiste.



Criz de Souza

MC/Rapper/Cantora

São Sebastião - DF

Siga @crisdesouzza @donasdarimaoficial

CEO da produtora Dona Filmes, Rapper, Cineasta, mãe e empreendedora cultural. Iniciou sua carreira em meados de 2005 com o grupo Raciocínio Feminino, formado por Fernanda Souza e Fabiana Rodrigues. No decorrer do ano fez várias participações em grupos da cidade como: Imagem de Rua, Muleque doido, onde gravou a música "Filé do baile," que fez algum barulho no DF, Participou do concurso Abril pro Rap com o grupo Profetas de rua que na ocasião foi premiado com o segundo lugar com a música "Homenagem." Hoje trabalha em uma carreira solo com a EP "Feita de Ferro e Flor", e também divide os palcos com o grupo Donas da Rima, onde promovo trabalhos de cunho feministas e no socioeducativo em prol de uma sociedade mais justas a todos.



Medro

*MC/Rapper/Cantora
São Sebastião – DF
Siga @medro.oficial*

Sou a segunda MC travesti a batalhar no DF, seguindo os passos de Isis Zavlyn e o movimento gerado em mim pelo Culto das Malditas, coletivo travesti e periférico do qual sou uma das fundadoras e membras. Produzo junto de Isis a Batalha do Grude, primeira batalha voltada à comunidade lgbtqi+ no DF. Estou na pré-produção do meu primeiro Álbum MTB - Música Travesti Brasileira.

Sou professora temporária da SEE-DF e criadora e coordenadora do programa educativo de formação em Hip Hop, Batalha da Carranca, que será executado no Centro Educacional São Francisco (vulgo Chicão).



MC Maju

MC/Rapper/Cantora

Mangueiral, Jardim Botânico - DF

Siga @majuzismo

Eu sempre me identifiquei intimamente com a arte desde a infância. O único espaço que fui estimulada artisticamente foi o CEF 412 na Samambaia, lá eu tive a oportunidade de ir para a final do concurso de dança da escola nos anos que estudei, ganhei o troféu de melhor dançarina da 5ª série, e fiz aulas de canto coral. Infelizmente não tive oportunidade de dar vazão à arte em outros espaços ao longo da vida, mas sempre estive envolvida com apresentações de dança nas escolas que estudei. Desde sempre me identifiquei com o RAP, ali na Samambaia tive a banda Tribo da Periferia como grande referência aos 12 anos, aquelas letras muito cruéis sobre a realidade da minha quebrada na época, me faziam sentir pertencente à cidade e ter orgulho dela, inclusive a Samambaia foi a primeira cidade que morei que consegui me sentir em casa, antes disso eu morava no Gama mas nunca consegui me sentir pertencente. A Samambaia com certeza formou uma grande parte da minha versão artista. Por ser aluna de saúde coletiva, sempre lidei com debates sociais de forma científica, contribuí com uma publicação sobre a juventude brasileira e atualmente estudo sobre aborto e violência sexual. Embora eu reconheça a importância da literatura científica, vejo que na maioria das vezes o

diálogo e as informações da ciência não chega nas vias de fato, e vejo no RAP e na cultura mais um espaço importante para trazer esse tipo de debate, e é isso que venho colocando nas minhas letras, poesias, conversas do cotidiano, debates acadêmicos, meu eu lírico versa em todas as frestas possíveis. Não lembro ao certo quando me iniciei na poesia, mas recitei minha primeira poesia no ensino médio, para um namorado na frente da escola inteira. Em 2017 recitei minha primeira poesia na batalha da escada, na UnB, e daí comecei a escrever minhas primeiras músicas, que nunca saíram da gaveta, inclusive virou trecho de uma das minhas músicas “letras na gaveta que tiram minha paz”. Esse ano (2023), pulsou uma inquietação, quase que uma voz falando na minha cabeça “lance suas músicas”, “você tem uma importante missão de fazer com que meninas como você desabrochem”, daí comecei a duelar em batalhas de rima, que vi como uma oportunidade de ganhar visibilidade na cena do RAP, também apareceu a oportunidade de concorrer a melhor música autoral no projeto “crias do baile”, e mesmo com a música gravada de forma amadora, consegui ir para a final do concurso, o que me deu a oportunidade de me apresentar pela primeira vez em um palco cantando minha própria música. Os desafios de uma artista iniciante são gigantes, por exemplo, não tenho músicas gravadas, não tenho beat, não tenho um estúdio de produção onde gravar, não tenho amigos artistas, atualmente meus sonhos são basicamente lançar minhas músicas do jeitinho que eu quero, com o beat que eu penso, e colocar em todas as plataformas de streaming possíveis. Ao conhecer melhor a cena, entendi que não adianta ser muito bom, você tem que conhecer as pessoas certas, se comportar de tal maneira, aceitar que você é só uma peça que pode facilmente sair do tabuleiro, e dificilmente ganhar o jogo. Mas pela fé na minha arte, eu sigo acreditando que vou encontrar minha tribo, e até lá, procurarei com olhos clínicos e atentos, sem medo de me jogar nas oportunidades que aparecerem no meu caminho, que exú cuide de tudo. Laroye!



Prethaís

MC/Rapper/Cantora

Paranoá e Ceilândia - DF

Siga @prethaisoficial

Prethaís é cantora, poeta e compositora baiana, cuja carreira musical teve início em 2015. Desde então, ela tem se consolidado como uma voz inovadora no rap brasileiro, integrando a musicalidade baiana com uma abordagem afrofuturista. Com o apoio do grupo Donas da Rima, do rapper Markão Aborigene, do Coletivo Casa Dandara e de outros coletivos, firmou o seu caminho na cena cultural do DF, representou o Distrito Federal no Slam Brasil em 2017, um marco que a colocou no centro da cena poética e musical. Prethaís participou de eventos como o Festival Favela Sounds, o Bocadim e o Festival Movimento Cidade. Em 2022, lançou seu primeiro EP, “Poesia Preta”. Reconhecida por sua contribuição cultural, Prethaís conquistou dois prêmios no Hip Hop e dois prêmios na categoria LGBT pela Secretaria de Cultura do DF. Além de sua carreira artística, ela é idealizadora de projetos como a Casa N’dengo e o Ilê de Noiz, que visam empoderar jovens por meio da arte e da escrita. Como CEO do selo Black Monster Estúdio, Prethaís não só produz suas músicas, mas também apoia outros artistas, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira. Com uma trajetória marcada pela inovação e ativismo no movimento de mulheres negras, Prethaís tem marcado uma forte presença na música preta brasileira, e inspirando novas gerações com sua visão afrofuturista e sua luta pela diversidade cultural.



Mina Halls

MC/Rapper/Cantora

Paranoá - DF

Siga @mina_halls

Karina Maria de Jesus da Rocha mais conhecida como Mina Halls é Biomédica, Educadora, cantora e compositora de Rap realístico boom bap e de outros estilos musicais. Deu início a sua carreira no movimento Hip-hop aos 15 anos e no ano de 2007, lançou uma das suas músicas mais conhecidas a “Sem Sentido”. Ela destacou-se pela realidade relatada na sua composição e pela maneira em que se expressou ao contar a sua triste trajetória ao passar pelo mundo do crime. Música essa que gerou várias polêmicas na época, impedindo a de participar de projetos e eventos culturais em que ela já atuava. Mesmo com a dificuldade e o preconceito que enfrentou por ser mulher dentro de um movimento onde se deparou com muitos machistas, ela lutou pelo direito de descrever a sua realidade e de se expressar nas suas letras como qualquer outro cantor. Natural de Brasília, criada na cidade do Paranoá e descendente de uma família muito humilde. Ela enfatiza o orgulho que sente da sua mãe por criar os filhos, sozinha e oferecer uma educação baseada em princípios e valores mesmo dentro de um ambiente totalmente desproporcional, comprometido pelo tráfico de drogas, violência urbana e condições socioeconômicas. Influenciada pelos meios e pelo ambiente em que cresceu narrou

a história da sua vida e das pessoas da sua comunidade. Mesmo com as dificuldades enfrentadas na época, como o vício por entorpecentes e a sua ficha criminal, lutou por sua libertação, construiu uma família e se dedicou aos estudos. Atualmente influencia uma legião de homens e mulheres que cresceram no mesmo meio, para enxergar as possibilidades de crescimento e de luta pelos direitos e igualdades. Na sua trajetória no rap nacional começou as suas primeiras apresentações em escolas públicas, nas quadras de esportes e nos aniversários das cidades satélites do DF. No início da sua carreira foi integrante do grupo “Mente Obscura Rapper”, formado por NJ Versátil, Dom John e Lorrany Souza Mr. No movimento atuou em projetos de cultura da sua cidade e fez algumas participações com grupos de rap de todos os lugares. Depois de uma longa pausa retornou às suas atividades apadrinhada pelo cantor e compositor Eliésio Roque Benjamin do grupo “Liberdade Condicional Rap” no ano de 2019, quando foi lançada a música “A Dona dos Seus Versos”. Desde então vem se apresentando em casas de shows, festivais e podcasts. Entre as suas composições mais conhecidas estão “Sem Sentido”, “Descansa em paz”, “A Dona dos Seus Versos” e “Coleira de Brilhantes”. O seu discurso está relacionado a liberdade de expressão e não a apologia.



Atitude Feminina

MC/Rapper/Cantora/Conhecimento/Produção Cultural

São Sebastião - DF

Siga @atitudefemininaoficial

O grupo foi formado no ano 2000 com a Hellen, Jane e Giza Black. Em seguida, a Aninha foi convidada e entrou no grupo. Isso foi no ano 2000 e desde então o grupo começou a chamar atenção para o lado feminino da cultura HIP HOP, principalmente pelo engajamento contra Violência Doméstica a violência nas periferias e discriminação das mulheres na Cultura. Com letras fortes, as músicas conseguiram destaque na periferia, rádios comunitárias e pequenos produtores de eventos. E foi assim que o grupo começou a fazer diversas apresentações no DF, no Entorno e diversas cidades no interior como Cabeceira de Goiás, Cristalina, Cabeceira Grande, Formosa, Palmital (GO), Buritis, Unaí, João Pinheiro, São João da Aliança, Ouro Preto, Patrocínio, Uberaba, Uberlândia, Araguaari (MG), Depois de quase 10 anos de grupo os Shows passaram a ser em cidades maiores e capitais como Barreiras (BA), Piracicaba (SP), Monte Alto (SP) além das capitais de Goiânia (GO), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (BH), João Pessoa (PB), Teresina (PI), São Luís (MA), Palmas (TO), Fortaleza (CE), Porto Velho (RO), Boa Vista (RR) e Rio Branco (AC). Em 2012 veio o convite para um show fora do Brasil em Mindelo na Ilha de São Vicente, Cabo Verde na África.

Antes de lançarem seu primeiro CD, o grupo já tinha músicas executadas em diversas Rádios Comunitárias e programas especializados de grandes FMs do DF e Entorno. Oriundas da cidade de São Sebastião periferia do DF, um dos seu maiores Hits foi a música intitulada “Rosas”, que conta uma história baseada em fatos reais e experiências do próprio grupo sobre a Violência Doméstica e Femicídio lançada em 2005 participando da coletânea da ONG CEMINA resultado do 1 encontro de mulheres no Hip Hop onde Aninha junto com a Vera Verônica foram representantes do DF. A música ganhou o prêmio Hutúz no Rio de Janeiro e no mesmo ano recebeu da Produtora Na Mira (Rio de Janeiro) o Vídeo Clipe da música, dirigida pela cineasta carioca Re.Fem muito utilizado em palestras por várias ONGS até os dias atuais.

Participaram em duas ocasiões no festival Abril Pro Rap (2001 e 2002), concurso a nível nacional com mais de 200 grupos inscritos, estando entre os 15 (quinze) grupos classificados para se apresentarem na final. Em 2005, na 5ª edição do Abril Pro Rap, o grupo se apresentou como convidado especial. No ano de 2004 o DJ Raffa Santoro começa a trabalhar com o grupo ao lado de Wty que vinha trabalhando desde o início com o grupo. Em 2006 participaram do documentário “Em Comum” do Canal Futura em parceria com o Afroreggae sobre o Hip Hop do DF. Participaram dos 5º Festivais de Hip Hop do Cerrado de 2006 a 2013, na Torre de TV em Brasília, com um público de mais de 22.000 (vinte e duas mil) pessoas, assim como da 2ª. e 5ª edições do evento na Esplanada dos Ministérios. Em 2006 lançam o CD intitulado “Rosas” e no mesmo ano ganham o Prêmio Hutúz como grupo Revelação, apresentando-se no palco principal do Festival junto com grandes nomes do Rap Brasileiro. Em março de 2007 gravaram para o Programa Câmara Ligada da TV Câmara, onde o assunto principal em discussão foi a Violência Doméstica. No mesmo ano se apresentaram no abrigo das mulheres vítimas de Violência Doméstica. Cantaram como convidadas em março de 2008 no Senado Federal em comemoração ao dia da Mulher, sendo o primeiro grupo de Rap Nacional a se apresentar no Senado transmitido ao vivo para todo Brasil.

Em 2007 a Jane deixa o grupo e segue carreira junto com o Wty e depois em carreira solo. Foi difícil na época a saída deles porque a Jane nesses 7 anos de grupo era a linha de frente e o Wty colaborava muito com o grupo. A partir desse ano a Hellen ao lado de Aninha se tornam as protagonistas do grupo.

Em 2008 se apresentaram com Afro Samba do Grupo Cultural Afroreggae e Orquestra sob a regência do saudoso Maestro Silvio Barbato no Teatro Carlos Gomes pelo evento Mostra Brasil Juventude Transformando com

Arte no Rio de Janeiro.

Em 2009 se apresentaram na Esplanada dos Ministérios pelo Dia Nacional de Combate à Violência Contra a Mulher. No mesmo ano ganharam o Prêmio Hutúz 10 anos como grupo Revelação do século.

Já no ano de 2010 participaram do Fórum Hip Hop Mulher em Carapicuíba São Paulo onde lançaram o documentário, curta-metragem e videoclipe “Enterro do Neginho” que já tem mais de 60 milhões de visualizações no YouTube se tornando a música de maior sucesso do grupo, que teve apoio direto da PM do DF e da Secretária de Segurança do DF rompendo vários paradigmas e sendo pioneiras no Rap nessa parceria para as filmagens com direção da Cineasta Re.Fem. Receberam o prêmio Hip Hop Zumbi em 2010 e 2011 além do prêmio Preto Goéz do MinC.

Com o lançamento da música “Linda” (que conta a historia de uma adolescente que sofre estupro), foram convidadas para se apresentarem no Dia Nacional de Luta contra o Abuso e Exploração sexual de Crianças e Adolescentes na Esplanada dos Ministérios.

Em 2011 Giza Black se converte e deixa o grupo.

O grupo gravou o primeiro DVD em 2011 na sala Villa Lobos do Teatro Nacional Cláudio Santoro – Brasília. Esse show foi uma celebração colocando juntos no palco as 4 integrantes do grupo mostrando a todos que mesmo não estando juntas a amizade das meninas não havia acabado.

Em 2012 o grupo gravou o videoclipe com o conceituado cineasta Vras77 da música “Mulher Guerreira” que tem a participação de Renan Inquérito.

No início de 2013 lançaram o videoclipe “Direitos Abstratos” com participação do Provérbio X. Uma celebração aos Direitos Humanos e em novembro de 2013 lançaram o primeiro videoclipe acústico gravado em estúdio da música “Mantenha a Calma” que faz parte do novo CD intitulado “Desistir Jamais” lançado em abril de 2014. Nesse mesmo ano lançaram o videoclipe gravado em 2012 em Mindelo na Ilha de São Vicente em Cabo Verde África com participação do artista local “Element D”. Após o lançamento do novo CD fizeram os programas de TV “Manos e Minas” TV Cultura “Combo mais joga” Play TV e se apresentaram nas Fábricas de Cultura de Vila Nova Cachoeirinha e Jardim São Luiz em SP e no SESC Vila Mariana SP.

Em 2015 lançaram o segundo vídeo clipe acústico da música “Fala comigo”. Nesse mesmo ano teve o lançamento do DVD intitulado “Nossa História” sendo o primeiro DVD de um grupo feminino de rap com conteúdo próprio lançado no Brasil. A partir de 2017 o grupo gravou um projeto paralelo chamado “AFPX”, um trabalho junto com o grupo “Provérbio X”.

A primeira música de trabalho junto com o videoclipe intitulado “Sobreviver Primeiro” foi lançada dia 8 de março de 2018 provocando o debate sobre o aumento das mulheres encarceradas no Brasil. O álbum intitulado “Tipo Criminoso” foi lançado em 2018

Em 2020 lançaram durante a pandemia o single e videoclipe gravado com celular “As Damas Primeiro” com participação de Cintia Savoli e Carolina Rebouças e fizeram a Live comemorando os 20 anos de carreira do grupo. Em 2021 lançaram o videoclipe acústico da música Rosas e o grupo começa o projeto: “Atitude Feminina canta” regravando a música “Faça por Amor” de Crônica Mendes. Em 2022 o grupo lançou no seu canal no YouTube Atitude Feminina Acústico com produção de DJ Raffa e do coletivo Sebastianas gravado em São Sebastião DF na Biblioteca Exu do Absurdo. Em 2024 fizeram um show acústico na Casa Thomas Jefferson em um formato inovador que misturou beats com piano de cauda acústico, contra-baixo acústico guitarra e percussão.

Desde o início de sua carreira o Atitude Feminina vem colaborando voluntariamente em eventos nas escolas públicas do DF. Porque acredita que as adolescentes e jovens devem ser prioridade do grupo mostrando como se prevenir de um relacionamento tóxico que pode virar uma violência doméstica ou até um feminicídio. O grupo pretende ainda lançar mais um álbum.



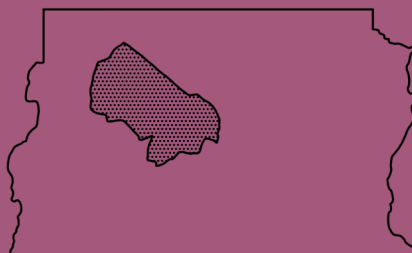
FRENTE NACIONAL DE
MULHERES NO HIP-HOP

DJ Donna
Cléo Street
Brasil Style Bgirls (BSBGirls)
Cíntia Savoli
Donas da Rima
Tainha
Dielly Anny (Dido)
Louise Lucena (Ifádámiláre Òjèyímiká)
Aline Karina
Marcela Coelho
Jaqueline fernandes

REGIÃO CENTRAL

Quebradas

Asa Sul, Asa Norte, Cruzeiro,
Lago Norte, Varjão e Vila Planalto.





DJ Donna

DJ/Produção/Curadoria

Brasília – DF

Siga @deejaydonna

Dj Donna é ganhadora do Prêmio Womans Music Event Awards no ano de 2018 em SP na categoria de Melhor DJ. Womans Music Event Awards é o primeiro Festival com premiação para mulheres voltado para música no Brasil. Inspirada na música negra do mundo, DJ Donna se destaca por sua pesquisa aprofundada nas raízes da música negra e sua diáspora pelo mundo. Com 23 anos de discotecagem, natural de Brasília- DF atualmente residindo em São Paulo, é a primeira DJ Mulher a se destacar em Brasília e é idealizadora do Festival Conexões Urbanas Impressões Femininas na Cultura de Rua o qual representou no AME (Atlantic Music Expo) em Cabo Verde África e teve sua 2ª edição em 2020 no formato On Line – Estúdio Curva SP. Festivais: Mês do Hip Hop SP, Festival Favela Sounds, Festival Afrolatinas, Festival STU Skate, Top Cufa DF, SIM São Paulo, Festival Bananada-GYN, Encontro Paulista de Hip Hop SP, Festival Elemento em Movimento- BSB, Virada Cultural -SP, Bienal do Livro – BSB, Festival de Cinema de BSB, Projeto Presença Preta – Lollapalooza, Boogie Week. Festas em SP: Reveillon Av. Paulista 2022, Aniversário de São Paulo 365 e 469 anos Discopédia, Sintonia, Jazz Mansion, Samba do Sol, Fresh Dancehall, Baile das Pretas, Meca Love, Boogie in Braza, Festa

The Bronx – Porão 900, Hip Hop de Raiz, Rockmaster Party, Só Pedrada Musical, Casa Natura Musical. Lives: Baile do Ganja, Verão Lab Fantasma TV, Festivais Favela Sounds, Festival Latinidades, Festival As Mina Risca, Programação Uh! Manas TV, Festival Gira Cultura- BSB, Festival Nuh!- BH, Festival Dona Imperatriz- BSB, Mês do Hip Hop – SP, Festival Kalamidade, Palco Hip Hop – MG, Segunda Sem Lei, Festival Convida, Conexão LAB, DJ. Donna já acompanhou nos Toca Discos: Karol conká, Tássia Reis, Rico Dalasam, Preta Rara, Leididai, Terra Preta, Livia Cruz, GOG, Vielal7, Rapadura e cantoras internacionais como Titica, ZAV, Dama do Bling (Moçambique). Reconhecida nacionalmente apaixonada por música, tem um repertório vasto que vai desde Hip Hop, Dancehall, Afro House, Kuduro, Miami Bass, Bass Music, MPB, Samba Rock, Brasileiradas, Funk Soul ao Jazz.



Cléo Street

*MC/Rapper/Cantora/Produtora
De várias quebradas, Brasília - DF
Siga @cleostreet*

Meu relato pessoal e objetivo de vida é o que me move desde que me entendo por gente: lutar contra o machismo dentro e fora da cultura hip-hop. A cultura hip-hop lida bem com a questão do racismo; é o pilar principal de luta do nosso movimento, porém, é extremamente machista. Como se o machismo e o racismo não fizeram parte do mesmo extermínio. Quando repetidas vezes eu rogo, imploro e faço outras indagações, às vezes mal interpretadas, inúmeras vezes mal interpretadas, é na questão da rivalidade feminina que todos do movimento do DF sabem minha posição radical referente a esse tema. Independente do meu tempo de estrada, de que grupos formassem ou deixai de formar, ou mesmo que ainda vou formar, ou se nunca joguei uma toalha, e/ou se um dia vou jogar. A tecla é taxativa e ainda é a mesma que perdura por todo esse meu trajeto antirracista, antipatriarcal e agitada feminista (teve um tempo em que o hip-hop quase me convenceu do contrário). Mulheres, Cléo, fulana, beltrana, nossa causa é urgente, extremamente urgente. Estamos sendo exterminados, e é tão “incômodo e de mau gosto ser mulher” que mais fácil seria reproduzir o machismo para nos sentirmos mais aceitas, mais bem na foto, às vezes a único do cartaz masculino (machista), falando que as

demais estão atrás de você ou que você é o único grupo, ou que você é a mais aceita, etc. e tal, mais plasticamente vendável, mais isso ou mais aquilo. Não, mil vezes não. Não reproduzi mais o machismo. Meu relato pessoal, independente do meu tempo de estrada, minha ideia é fixa e atemporal. Mulheres do hip-hop, não reproduzem o machismo, não são rivais, independentes das situações. Essa tal rivalidade feminina é só um tentáculo do machismo, e o resto é folclore. Eu sempre lutei contra esse esvaziamento de fato da nossa verdadeira causa. Somente o coletivo colabora com nuances do individual, a riqueza e os destaques. Não é o falar, é o fazer, é o ser. Eu sonho com essa tal sororidade que vocês tanto falam (acho até bonito), mas sabemos que não é o que fazem nos bastidores (acho que EU tenho propriedade para isso, não é mesmo?). Eu sonho com o afago entre as mulheres do hip-hop, eu sonho com a cumplicidade, eu ainda sonho em cantar com uniformes iguais (aquela paleta de cores combinadas). Eu sou uma eterna sonhadora; apesar de alguns feitos, eu sigo sonhando com outros mais. Rivalidade feminina, Cléo Street tá fora, luta com punho cerrado. E quanto aos rapazes, vocês estão tão ligados que o bagulho pro lado de vocês é doido mermo, né? Querido diário: TDAH é só uma diminuição de minhas características (entendedores entenderão), que não me perante outras. Também tenho lealdade extrema, intensidade e altruísmo como qualidades de um verdadeiro coletivista, tal como a teimosia entre defeitos. Mulheres do hip-hop, não diminuam outras por nada nesse mundo; talvez o seu menosprezo, inveja ou indiferença acabe com a vida de uma outra mulher. Se amem, se respeitem, tenham paciência umas com as outras. Infelizmente, já temos os homens em nosso desfavor na grande maioria das vezes. Passando pra deixar meu perdão (às incontáveis punhaladas), continuo sem cortes, mas também peço desculpas aos meus iguais (hiphoppers) pelo meu eterno radicalismo. Não é sobre portfólio (apesar de robusto e consistente), é sobre intenção genuína (cuide de outra mulher como cuida de si). Se eu sou, só sou porque somos; se eu não sou e não vou, há uma urgência.



Brasil Style Bgirls (BSBGirls)

Breaking/danças urbanas

Brasília - DF

Siga @brasilstylebgirls

Fundado por Fabiana “FaBGirl” Balduína, o grupo BSBGIRLS atualmente é um dos únicos grupos formados exclusivamente por mulheres com forte atuação na cena Hip Hop desde sua fundação em 2003 no Distrito Federal e no Brasil. Tem como um dos principais objetivos, promover através de suas atividades artísticas a utilização do Breaking para difundir e divulgar a cultura urbana Hip Hop e cultura afro brasileira praticado por mulheres. A partir de uma rede de extensão de valores e missão de trabalho que o grupo se norteia, bgirls residentes dos estados de São Paulo e Salvador atuam com representatividade o nome Brasil Style Bgirls em suas respectivas cidades. Com essa parceria o grupo conta hoje com um total de 13 integrantes.

Na cena: O grupo tem se destacado na cena nacional pelos vários títulos conquistados e trabalhos realizados nos últimos 14 anos, sendo o primeiro grupo de breaking feminino a representar o Brasil no Mundial de Breaking (Battle of The Year) na Alemanha por dois anos consecutivos (2008 e 2009) e novamente em 2011 na França, além de participar e ganhar diversas competições em categorias femininas e mistas. Em 2015, o grupo realizou dois grandes projetos, Break The Dance – Quebrando

Tabus de Gênero na Dança Breakin em 5 escolhas públicas nas periferias de Brasília, com apresentações de espetáculo em dança, atividade voltada para professores, exposição contando a história do Hip Hop com recorte em gênero e um projeto de intercâmbio cultural onde participou de 3 grandes eventos internacionais – Catch The Flava/Eslováquia, Out Break Europa/Eslováquia e IBE/Holanda, onde além de participar de capacitação em dança breaking, competiu e realizou pesquisa sobre Economia Criativa e Danças Urbanas, ambos apoiados pelo Fundo de Apoio à Cultura do DF – Secult-DF. Suas integrantes têm realizado trabalhos em diferentes estados brasileiros em diferentes áreas de produção em dança como: Workshops de dança, cursos de capacitação em dança, produção cultural, planejamento; Palestras sobre economia criativa com foco em dança, sobre o papel da mulher no Hip Hop; Juradas de eventos dentro e fora do país e trabalhos voluntários em ONGs e escolas públicas com oficinas de dança para crianças e adolescentes.

Atividades desenvolvidas – O BSBGIRLS participou de campanhas promocionais, comerciais, vídeo clips, show, festas, etc. Principais clientes: Coca Cola, TIM, Vivo, SENAC, Embaixada dos EUA, Fundação Palmares; Ministério da Cultura, Secult-DF, Governo do Distrito Federal; Makossa e Festa Frenética; Vídeo Clip Ellen Oléria e Vera Veronika. Principais produções: Atualmente investe também em produções independentes de eventos de gênero e de capacitação em dança como: Batom Battle, Bgirlin’Consigno, Circle Princz DF, Treinos abertos, Hip Hop Fusion, District Battle, WorkknowledgeShop. Responsabilidade Social: Além das atividades de competição e trabalhos artísticos, o grupo também oferece projetos um trabalho de arte educação voltados para jovens mulheres em situação de risco, que são geralmente executados em cidades com altos índices de criminalidade e baixo IDH. Através de seu forte compromisso com as comunidades do DF e também atividades artísticas, o grupo tem atendido anualmente mais de 1500 jovens mulheres.

Atuantes no Distrito Federal:

Fabiana Balduino, 2003 até atualidade - @fabgirl_br

Sandra Kelly Lima Silva, 2004 até atualidade - @sandrakellybgirl

Etienne Tais dos Santos 2013 até atualidade - @etiennefigueiredo

Priscila Dayana Araújo, 2013 até atualidade - @Pri xPratikaa

Grazielle Dias, 2018 até atualidade - @_grazy.dias

Isabel Oliveira, 2018 até atualidade - @isabel.deoliveiras

Formação Distrito Federal:

Bianca Chiavicatti, 2003 até 2008

Angela, 2004 até 2005

Vanessa, 2004 até 2008

Ludianna, 2004 até 2006

Alessandra, 2004 até 2006

Tuka, 2004 até 2006 - @tukapersonaldf

Gisele Gorgônio, 2006 até 2009

Thaís Holanda, 2007 até 2013 - @thaisholandab

Nayara Castro de Sousa Leite, 2007 até 2023 - @nayo_castro_

Ananda Oliveira Motam, 2007 até 2011 - @ananda_oliveira

lonara (Nana), 2007 até 2011

Dielly Anny Gonçalves 2007 até 2011 - @diellyesteta

Priscila Taís de Oliveira, 2013 até 2023 - @taisolvim

Thamiris Martins, 2017 até 2019

Louise Lucena, 2004 até 2013 - @ifadamilare_ojeyimika

Formação Salvador:

Michelle Arcanjo da Silva, 2012 até 2015 - @movercomafeto

Raffaella Santos da Conceição, 2012 até 2015 - @pretaemmovimento

Renata dos Santos Lessa, 2012 até 2015 -

Viola Luise Elisabeth, 2012 até 2015 - @violalu.ba

Formação São Paulo:

Naiara Pedroso de Oliveira, 2009 até 2023 - @bgirlnaiara.pedroso

Lucimar dos Santos, 2009 até 2023



Cintia Savoli

MC/Rapper/Cantora

Brasília – DF e Pirenópolis - GO

Siga @cintasavoli

Cintia Savoli nasceu em Goiás, mas foi morando em Brasília que conheceu a cultura hip hop! Cantava reggae e tocava teclado na Banda Arawaks desde os 18 anos e por nove anos integrou o grupo! Ao ser convidada para fazer voz melódica em um grupo de rap se afeiçoou profundamente a cultura e decidiu no ano de 2006, seguir compondo e rimando! Fez parte dos grupos Artigo do Rap, Remanescentes e Poder feminino em Brasília, mas foi cantando solo que gravou seu primeiro CD, intitulado Bruta Flor! Se mudou para Salvador Bahia e ali consagrou-se como um nome importante da cena por suas rimas ácidas e seus projetos sociais nos presídios da Bahia e vários outros lugares do Brasil! Lançou seu segundo CD, O Si- nestesia em 2018, e em 2021 retornou ao entorno de Brasília, mantendo suas rimas afiadas e pretende lançar seu terceiro CD em breve!



Donas da Rima

MC/Rapper/Cantora/Produção

Brasília - DF

Siga @donasdarima

O projeto Donas da Rima teve início em 2013 onde as integrantes produziram uma coletânea de rap protagonizada por mulheres. Ao todo foram contemplados 10 grupos do DF totalizando a criação e produção de 10 videoclipes que compõem o DVD lançado em julho de 2015 com um grande evento na Casa do Cantador em Ceilândia. Encerrado a primeira etapa desta construção coletiva, o projeto de DVD, algumas participantes estenderam as atividades para além da produção dos vídeos, fazendo palestras e oficinas em escolas, unidades de internação e saraus. Por fim decidiram oficializar o grupo musical Donas da Rima. O grupo segue fazendo inúmeros eventos pelo DF, entre os mais recentes estão: Conexões Urbanas, Festival de Arte e Cultura do IFB e Hip Hop Contra a Fome. Além de atividades de formação em instituições como: Unidade de internação de Santa Maria, escolas públicas por todo DF.

Apresentação de vídeo clipe em Congo Nya, São Sebastião, DF - Dezembro de 2013 - Apresentação de vídeo clipe no Cineclube Câmbio Negro - Samambaia, DF - Dezembro de 2013; - Apresentação de vídeo clipe Donas da Rima no Festival de curtas da escola CED 15 de Ceilândia, DF - Dezembro de 2013; - Show la Expo Hip Hop Brasil em Ceilândia, DF - Junho de

2014 - Canto dos Mártires (organização: Imaginário produções e Aborígene) Estrutural,DF - Julho de 2014; - Apresentação no Festival Hip Hop DF, edição Hip Hop Mulher. Ceilândia,DF - Julho de 2014; - Apresentação Donas da Rima no FAREMAS, aniversário da cidade Recanto das Emas, Festival de Mulher pra Mulher, Sarau RR DF. Agosto de 2014; - Rap Mamulengo - 14 de dezembro 2014; - Chokolaty Festa Black na pista “Elas Riram” - outubro de 2014; - Show de lançamento do DVD Donas da Rima - junho de 2015; - Festival de Arte e Cultura do IFB realizado no âmbito do CONECTA IFB (Encontro de educação profissional, científica e tecnológica) Centro de Convenções Ulysses Guimarães em Brasília - Setembro de 2017; - Hip Hop Contra a Fome - 19 de Novembro 2017; - Sarau da Voz - UISM (Unidade de Internação de Santa Maria), DF - 20 Novembro 2017; - Noite da Consciência Negra na Escola Classe Varjão - 20 de novembro de 2017; - Conexões Urbanas - Estádio Nacional, Brasília - 24 de novembro de 2017; - 11ª Conferência Nacional de Assistência Social no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília - 5 a 8 de dezembro de 2017; - X Encontro de Mulheres do Acampamento Tiradentes, São Sebastião-DF 16 de dezembro de 2017; - 8M DF - Ato de Mulheres do DF e Entorno - 8 de março de 2018; - Hip Hop Mulher A Ocupação - CONIC, Brasília - 09 de Março de 2018; - 58º Aniversário de Brasília - Esplanada dos Ministérios em Brasília, DF - 22 abril de 2018



Tainha

Graffiti

Asa Norte, Brasília - DF

Siga @tatuatainha

Sou Tainha, uma multiartista brasileira que investiga a diversidade e a ancestralidade humana. A partir da busca para entender a mim mesma, comecei a minha jornada para aprender mais sobre as diferentes culturas que existem e muitas vezes são negligenciadas. Conto a história, da perspectiva de pessoas cujas vozes foram tiradas. É por isso que existe o Projeto Retraços, lembrar as histórias dos nossos antepassados é super importante. Querendo ou não, carregamos conosco pedaços deles e a partir daí fazemos nossa própria escolha. Nossas culturas são tão interessantes quanto as outras, mas não recebem os holofotes. Gosto de saber mais sobre as pessoas como indivíduos e coletivos. Desde pequena venho indagando a necessidade da cidade ser cinza, porque não colorida com diversos estímulos visuais? Foi quando mudei para Brasília que entendi a diferença da cidade tombada enquanto capital e São Paulo em seu caos e cor. Isso me fez querer contar histórias através de rostos pela cidade. Pinte um muro rápido no meu caminho pra casa e no dia seguinte um amigo veio me mostrar uma arte no caminho dele que lembrava a tia dele e era o rosto que eu tinha feito. Ele me disse que aquele rosto tornou a rotina e as 2h de transporte público menos difícil. Então decidi contar a história des-

sas pessoas através de seus rostos, isso foi em 2018, ao mesmo tempo que eu estava em uma disciplina de Arte urbana na faculdade. Quando você faz isso no ambiente urbano, as pessoas têm um porto seguro e empatia ao percorrer esse trajeto. Antes era inóspito e cinza, com os rostos, as pessoas podem se reconhecer ali e lembrar de seus entes queridos, personificando a arte. Individualmente, cada pessoa que vê um rosto refaz sua história de acordo com cada experiência. Meu objetivo é contar histórias através de ilustrações/murais/tatuagens, instigando a imaginação das pessoas, que se identificam e se familiarizam com as diferentes histórias. Assim, a diversidade de memórias é lembrada, retratada é celebrada, a exaltação de culturas cujas vozes foram arrebatadas se faz presente através dos rostos.



Dielly Anny (Didoo)

Breaking/danças urbanas

Brasília - DF

Siga @diellyesteta

Na verdade eu não me lembro exatamente como tudo se iniciou. Me apresentaram a Fabgirl, numa Makossa, ali tive o primeiro contato com uma dançarina de Breaking, que por sinal me era desconhecido, conhecia os dançarinos de freestyle, mas não tinha conhecimento, que eram subgêneros diferente no Hip hop e naquele momento, já achei incrível uma mulher fazendo tudo aquilo que só os homens faziam, eu tinha 21 anos nessa época. Passaram algum tempo e eu comecei a ficar mais próxima da Fabgirl e por fim, comecei a ir treinar com minha futura Crew o Bsbgirls, sempre fui do esporte, e naquela época eu tinha recentemente parado de treinar judô! Gostei do Breaking, gostei do desafio de aprender algo novo e foi aí que tudo de fato se iniciou... só que eu não sabia a imensidão que isso tudo se tornaria na minha vida! Com o Bsbgirls eu não só aprendi a dança Breaking... eu aprendi uma nova ideologia de vida é literalmente se desconstruir, sair da bolha e olhar fora da caixa e foi exatamente isso que aconteceu, comecei a entender o papel da mulher, do feminismo do feminino na sociedade, me deparei com uma desigualdade social, que jamais iria ter contato dessa forma, se não fizesse parte da Crew! Comecei uma nova jornada dentro do Bsbgirls, vindo a me tornar Presidenta da



FRENTE NACIONAL DE
MULHERES NO HIP-HOP

ONG Ação Esperança na comunidade que aconteciam nossos treinos e aí eu fecho a virada de chave da minha vida ,tive bagagens importantíssimas para formar a mulher que sou hoje com 38 anos. Hoje não danço mais, mas jamais vou deixar de ser uma bgirl, uma representante do Hip Hop, depois que você vê e entende tudo que vi e vivi, não tem como seguir “desvendo” tudo isso. Eu sou a somatória de mais uma vida que o Hip Hop fez a diferença, sou extremamente grata por ter tido essa oportunidade.



Louise Lucena (Ifádámiláre Ọ̀jẹ̀yímiká)

Breaking/danças urbanas

Brasília - DF

Siga @ifadamilare_ojeyimika

Comecei no Hip Hop com um grupo de street jazz de Rafael Raposo chamado Stilo. Em seguida migrei para outro grupo de street jazz chamado Tribo Arte e Dança dirigido por Wesley Messias. Em 2003 conheci o Bsbgirls e entrei para a crew fazendo parte de sua 3ª formação. No Bsbgirls cresci como Bgirl, sustentando o nome da crew dentro da comunidade e cultura Hip Hop e do Breaking. Ganhei vários campeonatos locais, nacionais e internacionais. Com a crew a gente quebrou diversos paradigmas dentro da comunidade da dança que colocava as minas em um lugar de menos valor dentro da dança. Através do grupo, participei do programa de breaking do canal Multishow “Vai Dançar” em 2012. Também participei de uma residência artística oferecida pela própria embaixada dos Estados Unidos sobre Empoderamento Social através do Hip Hop em Nova Iorque, Washington e Los Angeles. Além disso, pude morar por alguns meses em Nova Iorque e beber da cena da dança local. Frequentar o Harlem, Brooklyn, treinos de breaking com Ken Swift e Rockafella. Ir para a festa de aniversário de Crazy Legs da Rock Steady Crew e viver vários campeonatos, eventos, encontros e festas. Durante o período entre 2009 e 2012 pude representar o Brasil em eventos e campeonatos mundiais como



o We Bgirlz na Alemanha e França e a Eurobattle em Portugal. Em 2016 participei do tour da tocha olímpica e após esse período me afastei da cena por conta de uma cirurgia no joelho e problemas de saúde familiar. Atualmente faço Mestrado em Dança na Universidade Federal da Bahia - UFBA e procuro circular meus conhecimentos em projetos sociais e residências artísticas.



Aline Karina

Conhecimento

Brasília DF

Siga @karina.aline/www.turismoforadoaviao.com.br

Minha função no Hip Hop é consolidar esse bem cultural, promovendo-o nacional e internacionalmente por meio do Afroturismo. Através do desenvolvimento de rotas, roteiros, circuitos e itinerários turísticos, busco evidenciar o impacto cultural e social do Hip Hop, mostrando como ele se conecta ao Afroturismo e fortalece a economia criativa.

Recentemente, lancei o 1º Guia do Afroturismo do Distrito Federal e Entorno, onde mapeei + de 100 atrativos que valorizam a cultura negra, periférica e criativa de Brasília-Distrito Federal e do Entorno reconhecendo que faço um trabalho de vanguarda no Centro-Oeste e por isso, destaco o meu pioneirismo do segmento nesta região.

O Hip Hop, quando inserido na perspectiva do Afroturismo, desempenha um papel essencial na geração de emprego e renda, além de fortalecer o patrimônio cultural e a economia local. A partir dessa proposta, procuro valorizar áreas ambientais, culturais e sociais, assim como produtos e serviços, promovendo um enfrentamento direto das desigualdades por meio de atividades que enaltecem o legado e a expressão afro-brasileira. Se você conhece outras mulheres do Hip Hop que estão movimentando a cena cultural no DF e Entorno, compartilhe suas histórias! Minhas grandes inspirações são Ravena Carmo, Vera Veronika e Cris de de Souza.



Marcela Coelho

Conhecimento/Produção

Varjão DF

Siga @marcelacoelho03/@palcocultura

Marcela Coelho é turismóloga e produtora cultural, com experiência no cenário do hip hop do Distrito Federal. Como uma das lideranças do coletivo Batidão Sonoro, ela desempenha um importante papel na criação de diversos eventos que celebram e promovem a cultura urbana. Ao longo de seus 20 anos de atuação, realizou diversos eventos, destacando-se os eventos Luau Sonoro, Hip Hop vs Ragga, Skate Sound System e Hip Hop no Parque, que contribuíram para a divulgação e valorização do hip hop em espaços públicos variados, mobilizando a comunidade e os amantes da cultura.

Seu projeto mais recente, o Palco em Cena, visa incentivar a economia criativa dentro do hip hop por meio de atividades formativas que enaltecem os fazedores da cultura hip hop do DF, proporcionando educação e oportunidades para aqueles interessados na cultura. Além disso, Marcela é gestora do Instituto Palco Cultura, um centro cultural localizado no Varjão/DF, dedicado à promoção e valorização da cultura hip hop, atuando como um espaço de encontro, aprendizado e desenvolvimento para artistas e apreciadores do gênero. Seu trabalho tem sido fundamental para fortalecer a cena do hip hop na região, assegurando que novas gerações tenham acesso a diversas expressões.



Jaqueline Fernandes

Conhecimento/Produção/Curadoria

Varjão DF

Siga @jaqueffernandess/@afrolatinas/@festivalatinidades

Jaqueline Fernandes nasceu em Planaltina-DF e teve nas ruas do bairro Agreste dos anos 90 as suas primeiras formações de vida. Vivenciou o início dos grupos de rap mais emblemáticos da cidade e, desde cedo, se envolveu com a cultura hip hop. Sua trajetória é marcada por intensa dedicação à promoção das culturas negras, seja como artista, ativista ou produtora cultural. Foram mais de 100 produções ligadas ao hip hop, incluindo festivais, shows, feiras literárias, formações, turnês e documentários, como o “Ducontra”, que mostra a dinâmica entre grafiteiros e pessoas em situação de rua na ocupação de um clube abandonado em São Paulo. Além disso, se lançou, por curto tempo, no rap e gravou, junto com o coletivo Liga da Justiça, uma faixa para coletânea de mulheres produzida pelo DJ Raffa Santoro. Publicou textos na coleção de literatura marginal “Pelos Periferias do Brasil”, de Alessandro Buzo, e teve sua própria marca de street wear, a Diasporic.

Como fundadora da Griô Produções, foi uma força motriz por trás da produção de diversos artistas do rap. Integrou a equipe de coordenação do I Prêmio Hip Hop – Edição Preto Ghóez, do Ministério da Cultura, no ano de 2010. Ainda em 2010, coordenou e produziu o palco hip hop do “Brasí-

lia Outros 50”, evento histórico realizado no cinquentenário de Brasília, onde, durante dois dias, um palco totalmente dedicado à cultura hip hop do DF e seus elementos recebeu 54 atrações, todas remuneradas, com estrutura e visibilidade na programação — feito raro até aquele momento, já que o hip hop dificilmente fazia parte da festa oficial da cidade. A partir dali, produziu diversos palcos voltados para o rap nos aniversários da capital.

Durante o seu mandato como subsecretária de cultura do DF (2015 - 2018), fez história ao coordenar a equipe que elaborou nota técnica, defesa e diálogo com os órgãos de controle, para possibilitar o primeiro edital de premiação da capital. Isso acabou impulsionando agentes importantes com prêmios em dinheiro e, de forma inédita, sem a necessidade de prestação de contas, considerando a natureza de reconhecimento de trajetórias e contribuições para a sociedade. Entre os primeiros prêmios publicados e cujos editais foram coordenados por Jaqueline, estão prêmios para representantes de todos os elementos do hip hop, além de organizações que trabalham nessa área. Jaqueline também contribuiu de forma fundamental para a elaboração da Política de Livro e Leitura do DF, incorporando batalhas de rima e slams em um contexto inovador da política, garantindo que a cultura hip hop fosse reconhecida como um elemento vital da educação e do acesso à cultura.

Foi fundadora do Comitê Permanente de Graffiti do DF, com representações de governo e sociedade civil, paridade de gênero e garantia da realização de encontros anuais de graffiti, financiados pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal. À época, as reuniões e os mapeamentos de grafiteiros e grafiteiras chegavam a reunir cerca de 200 integrantes. Mesmo após o fim da gestão, tanto o comitê quanto os encontros de política de premiação seguem ativos como legado nas políticas públicas. Sua habilidade em fomentar espaços de diálogo e valorização da arte urbana possibilitou que lideranças de governo, incluindo o então governador, se reunissem diversas vezes com lideranças da cultura hip hop para escuta pública sobre as demandas da comunidade.

Em 2018, seu último ano na gestão pública, viabilizou um palco dedicado ao hip hop na programação de aniversário da cidade, com shows icônicos, como o de Mano Brown, pela primeira vez grátis na Esplanada dos Ministérios, a volta do lendário Câmbio Negro, Donas da Rima, Dj Donna e outras atrações. Como fundadora do Festival Latinidades e da Universidade Afrolatinas, criou plataformas importantes para a promoção da cultura hip hop. Hoje, vive no Varjão, onde também é gestora da Casa Afrolatinas.



FRENTE NACIONAL DE
MULHERES NO HIP-HOP

Micaela La Sudamericana
Paula Hosana
As Poetisas na Cena (Nega Lu)
Hera
MC Colômbia
Bgirl Maia

Capítulo IV

REGIÃO SUL

Quebradas

Gama e Santa Maria





Micaela La Sudamericana

*Breaking/Danças Urbanas/MC/Rapper/Cantora /Produção
Santa Maria – DF
Siga @michaelasudamericana*

Sou Micaela mulher travesti moradora da periferia do Distrito Federal, nasci no HRT (Hospital Regional de Taguatinga- DF), filha de cearense, de argentino e neta de chilena, costume me intitular como SUDAMERICANA devido a cultura desses três países que tenho em minha vivência. Meu primeiro contato com o hip hop foi ainda no ensino médio através das danças urbanas, meu primeiro professor foi Abraão Kaalazas, neste ano em 2011 pude participe do Rota Convida com o grupo Aqui na Rua, logo em seguida ingressei no grupo Lenda Urbana coordenado por Rafael Facundo e juntamente conquistamos diversas premiações e participarmos de diversos eventos de dança Brasil a fora. A Dança foi minha primeira aliada, o HIP HOP salvou minha vida! Devido a dança pude me vender como performer para diversos eventos do Distrito Federal, e até eventos como Na Praia pude levar minha arte e meu corpo em forma de resistência. Hoje o que me ajuda muito é estar transformando sentimentos em poesia, botar tudo no papel e poder me expressar. Hoje me sinto inserida no conceito de sociedade e tudo graças ao Hip Hop. Sobre a cultura local, aqui na quebrada existe a Família Hip Hop. Mas ainda carece de algumas políticas públicas e ações sociais voltadas à sociedade.



Paula Hosana

MC/Rapper/Cantora

Gama Oeste – DF

Siga @paula_hosana_oficial

Ana Paula Conhecida atualmente como Paula Hosana Iniciou na carreira artística aos 12 anos de idade, participou de concursos musicais de vários gêneros na dança e vocal com o apoio de sua mãe. Em 2002, participou de 2 grupos constituído dentro da posse Conexão Hip Hop, Química do Rap e em 2001 foi formado o grupo feminino execução Cruel que constituía as integrantes: Paula, Marcia Maciel e Paula cicatriz, após o término veio a formação do grupo Repressão Verbal dando etapa na banca escolta em curto período. Em 2009, formou o grupo Relato Feminino, com a Formação de Paula, Mina Katy e Bline Black, participando de concursos, dentre eles RPB Cufa, conexões dentre elas, República Dominicana, Barcelona Espanha, tivemos eventos religiosos, lazeres, beneficentes e etc. Um marco da história foi participar do aniversário de outros 50 de Brasília junto com Vera Veronika (agradecimentos). Em 2011 veio com o grupo Ministério Hosana, sendo assim o público a renomeou e batizou-a como Paula Hosana, sendo assim solo. Concorreu nos grandes festivais RPB, BSB Gospel, BSB Várias quebradas, 100% DF, Yo! Music e ETC. Contribuiu em eventos beneficentes e voluntários. Participou no projeto do Ciago (menores infratores), casa de recuperação, desenvolve projetos sociais den-

tre outros. Paula Hosana concorreu ao Prêmio Hip Hop Zumbi categoria Hip Hop Mulher no ano de 2010 e sendo indicada para a premiação de 2011 “concorrendo” a 2 categorias prêmio Hip Hop Mulher e Melhor Single do ano, ganhando o prêmio Hip Hop Mulher DF. Fez entrevistas em diversos blogs, rádios e sites. Participou Da Gravações De DvD’s e CD’S dentre alguns: 100% RAP DF Nacional Realizado GMS Records & Nostramamos, CD Mano Mari Morô SP, CD Jerry Portugal, CD dazantigas, e dentro outras não citados... Também participações consecutivas em coletâneas, dentre elas: “estamos no jogo”, C Record ‘s, coletânea Unidos pelo Rap C Record’ s, coletânea RAP Brasília, e algumas mixtapes online e física. Fez parte da Banca, A máfia positiva da Rima DF, Banca somos um só RJ e banca HDUn. Atualmente (ano 2024) realizando uma nova etapa com o Ep intitulado “Primeira Dama” em Parceria Com Flávio 3D, e projetando a gravação do Videoclipe em lançamento do Ep total, está participando de cypher em parceria com vários artistas de cidades espalhadas pelo Brasil afora, dentre eles em especial Jhonatan Alastro (agradecimentos). Paula Hosana é vocalista, compositora e intérprete. É reconhecida pela Ordem dos Músicos: (músico profissional), seu trabalho é solo e Independente, atualmente Residente do Gama situado no Distrito Federal, uma cidade que oferece locais culturais para grandes diversidades como C&A Lábios da Lua, Galpãozinho, Praça do Cine Itapuã, praça do Bizarrão e etc...



As Poetisas na Cena (Nega Lu)

Produção

Santa Maria – DF

Siga @slam_aspoetisasnacena

Nega Lu, idealizadora deste Projeto, que se tornara coletivo posteriormente, sentiu a inquietação que gera todos os projetos sociais: a falta de alguma coisa. Nesse caso, foi a falta de equipamentos culturais e espaços públicos para propagar conhecimento, ou seja, movimentos revolucionários! Iniciou sua trajetória na cena do Hip Hop em 2016. Logo percebeu o cenário misógino que propagava igualdade mas atuava com falta de oportunidade e fingimento de respeito e conhecimento. Claro que o cenário não é somente sobre o machismo estrutural que busca atrasar o caminho das mulheres em suas atividades laborais, e a cultura não se isenta desse câncer. E foi nas brechas iluminadas, que Nega Lu se juntou com outras mulheres e nasceu o “Slam d’As Poetisas na Cena!” Em 2018, ajustavam-se os detalhes finais do projeto, estatutos, parcerias, atividades, recursos humanos e materiais. Em 2019, as edições foram realizadas na praça Central de Santa Maria, posteriormente, recebeu convites inovadores e realizou algumas edições itinerantes. As Poetisas na Cena ocuparam o Festival de Aniversário da Cidade, assim como a Universidade Federal de Goiás, Escolas, Conferências de saúde e Educação e Festivais e Feiras do livro, dentre outras oportunidades de propagar o conhecimen-

to e o poder da palavra. Este projeto teve como missão propagar o empoderamento literário da comunidade feminina, preta, lgbtqiapn+, que representa muitas pessoas que moram nas periferias no Distrito Federal e Entorno. Firmamos parceria com a Livraria Leitura que premiava as artistas com livros e produtos da loja. Esse elo foi importantíssimo, deu gás para continuarmos o projeto que mesmo sem parcerias iniciais, conseguiu se manter até aquele momento, além de inspirar a coletiva com a certeza que o conhecimento salva, e simbolicamente, reviveu a chama do grupo. Realizamos uma edição dentro da Livraria Leitura, no Shopping do Conjunto Nacional - DF. Foi lindo, e as pessoas foram atraídas espontaneamente pelo poder que a poesia tem. Como tínhamos especialistas e profissionais de várias áreas que compunham o coletivo, fomos a UFG, em Catalão-GO. Lá, formamos uma mesa que abordou a Literatura Marginal, o Mulherismo e as estratégias de sobrevivência de artistas periféricas. Finalizamos o ciclo com Slam e Batalha de Conhecimento. No decorrer da execução, enviamos uma representante para disputar o Slam Estadual. O Banzo, representante do Slam DéF representou o Distrito Federal e Entorno, pois o Estado de Goiás não tinha representante, e o movimento de Slam era quase inexistente, se manifestava com os artistas que residiam no Entorno iam a disputas no Distrito Federal. Mas, Nega Lu representou As Poetisas na Cena no Slam BR19 a convite do Slam DéF. A experiência foi maravilhosa, e reformulamos os métodos de implementar o Slam e as ações do Coletivo. Foram anos de ações, e novas estratégias de dar prosseguimento ao coletivo, captando recursos financeiros e humanos para mantê-lo. Porém, em 2021, o coletivo decidiu encerrar suas atividades por tempo indeterminado, até que o grupo se organize e tenha condições de retornar de forma saudável e dinâmica. O Coletivo formou muitas (os/es) artistas e inspirou outros Slam's a se formarem. Hoje, dissipadas, as líderes d'As Poetisas na Cena agem individualmente, mas sempre coletivamente, com coletivas mentes. Agradecemos por contar nossa história!



Hera

Graffiti

Santa Maria – DF

Siga @heragraffiti

Olá, eu sou a Gabriela, mas na rua sou conhecida como Hera. Iniciei minha caminhada na arte urbana em 2019, atraída por pessoas próximas que já estavam inseridas no meio do graffiti. No começo me sentia insegura para participar do movimento, mas com o tempo fui me sentindo cada vez mais a vontade e parte disso. Hoje em dia não sei o que seria de mim sem o graffiti. Em pouco tempo, ele me proporcionou muitos momentos bons, de descobertas e conexões com outras pessoas que vou levar para a vida toda. Participei de alguns mutirões e ações sociais. Em 2021 viajei para Araxá, Minas Gerais, onde participei do meu primeiro mutirão nacional. Também tive a oportunidade de realizar uma oficina de graffiti para idosos no Sesc da Ceilândia, Distrito Federal. Essa experiência aproximou duas gerações e teve como propósito romper com estereótipos associados à pessoa idosa e ao universo das artes urbanas. Foi uma troca incrível e divertida e que marcou minha trajetória até aqui. Hoje o que me inspira a continuar é perceber como a arte urbana, a arte periférica é libertadora e necessária para a quebrada. Ela é um instrumento potente de contestação social, de reflexão e união da nossa comunidade. O graffiti é um movimento que faz parte de uma cultura, a cultura Hip Hop, que é sobretudo um modo de vida fundamentalmente periférico. É capaz de alcançar todas as gerações e proporcionar uma troca única com as periferias.



MC Colômbia

MC/Rapper/Cantora

Santa Maria - DF

Siga @newoff_0

Me chamo Elizabeth tenho 25 anos, nascida no gama e cria da Santa... minha história no rap começa desde muito nova, minha mãe já escutava muito em casa, mas eu comecei mesmo fazer parte do rap, quando estava comentando erros na vida e fui parar numa unidade de internação. Foi onde conheci o professor Francisco e o Projeto Rap, que me deu um direcionamento pra escrever minhas próprias letras e colocar sentimentos nelas, pra quando as pessoas escutarem se identificarem.

Colômbia M C, começou sua carreira de rapper, por meio do Projeto RAP (Autonomia e Protagonismo), em 2016 quando cumpria medida socioeducativa de privação de liberdade na Unidade de Internação de Santa Maria Colômbia já se apresentou em Saraus, Feiras Literárias e Simpósios e Seminários, participou das Coletâneas Projeto RAP Volumes 2, 3 e se apresentando 26º SarauDáVoz na a Unidade de Internação de Santa Maria. Colômbia MC se apresentando no encerramento do Seminário “Por que e como falar de Encarceramento em Massa, no Ensino Médio, que aconteceu no auditório do Instituto de Ciências Sociais da UNB. Colômbia MC se apresentando no encerramento da Festa Literária de São Sebastião.



Bgirl Maia

Breaking/Danças Urbanas

Santa Maria - DF

Siga @maiamajestic

Tudo começou na Santa Maria, foi ali que eu assisti a primeira batalha de breaking da minha vida, e o louco é que fui para assistir meus amigos dançando e só me lembro de uma dupla de bgirls que foi chegando longe na competição, acho que eram as únicas mulheres do evento e elas estavam ganhando de todo mundo, foi lindo demais. Depois desse dia tentei procurar quem me ensinasse a fazer aquilo até que conheci o bboy Katal, que morava no Céu Azul na época e que treinava numa escola perto da casa dele, ele foi a pessoa que mais acreditou em mim nesse início.

Depois de um tempo fui morar com a minha mãe em Olhos D'água, uma cidade pequena, município de Alexania - GO, e o Katal foi pra lá também dar aulas de breaking para as crianças e jovens da cidade através de um projeto organizado pela minha mãe e que acontecia no quintal de casa.

Quando voltei a morar na Santa Maria fiquei distante do meu professor e amigo de breaking e acabei me envolvendo muito mais com os trabalhos circenses junto com meu pai, treinando uma vez ou outra ali no espaço Moinho de Vento. Até que em 2015 eu decidi me mudar para SP com o objetivo de buscar mais conhecimento sobre a cultura hip hop, aprender,

treinar e participar das batalhas de breaking. Morei lá por quase 2 anos e aprendi muito. Nesse período pude conhecer mais pessoas da cena e também me destacar mais enquanto bgirl.

Voltando pra Brasília pude me conectar com o grupo BSBGIRLS e também com o meu atual companheiro bboy Allef, que foram pessoas super importantes para o meu crescimento desde então. Com uma base mais segura na minha cidade eu comecei a viajar para eventos em outros estados e a partir de 2019 comecei a viajar também para fora do Brasil.

De lá pra cá muita coisa aconteceu, em 2020 eu ganho meu primeiro evento internacional (Queen of The Floor, na Dinamarca), em 2021 eu entro para a primeira seleção brasileira de breaking, em 2022 ganho o maior campeonato de breaking do Brasil (Red Bull BC One Cypher Brazil), em 2023 vou pro Japão representar o país no meu primeiro evento esportivo internacional (Breaking For Gold World Series), neste mesmo ano me torno a primeira brasileira a ser convidada para o maior evento de breaking internacional (Red Bull BC One World Final, em Paris) e em 2024 ganho o meu primeiro patrocínio.

Além disso, eu me mantive sempre fazendo trabalhos na área do circo com o meu pai e meu irmão, produzindo encontros de dança nas praças, trabalhando também como jurada em eventos dentro e fora do Brasil, dando workshops, produzindo encontros de bgirls online, desenvolvendo espetáculos e criando conteúdos para a internet. Acredito que é essa constância que tem feito eu conquistar tanta coisa e ao mesmo tempo ganhar o respeito e o reconhecimento da cena do breaking no mundo todo. Tem muita coisa pra fazer ainda e tenho muitos objetivos para correr atrás, mas tem sido importante pra mim celebrar cada pequena e grande conquista que do hiphop na minha vida.

Meu nome é Júlia Maia e eu sou filha da dona Lú e do palhaço Mandioca Frita.

Thug Dee
Lidia dallet
Layó
Rayane Psiu
Eldy DJ
Laiz Cecília
Dj GrazyPeriférica
SERVA
Bgirl Valery
Débora Glamurosa
Jane Alves
Lis Martins
Loury
Larissa Oyá
Negra Eve
Ketlen Hoope
Júlia Nara
Mina Tay
Stephane Heidi
Gabi Kashuu
Realleza
Angela Rocha
Belladona
Nay Luz

Capítulo V

REGIÃO OESTE

Quebradas

Brazlândia e Ceilândia





Thug Dee

MC/Rapper/Cantora/Produtora

Brazlândia- DF

Siga @disouza99

Digelaine de Souza ou Thug Dee, reside na cidade satélite de Brazlândia mãe, mulher negra, cantora, compositora, começa sua história no rap em meados dos anos 90 precisamente 1997, ouvindo nomes do cenário do movimento hip hop do DF como Gog, Cirurgia Moral, Baseado Nas Ruas, Código Penal, Câmbio Negro dentre outros. Também tem como referência grupos de outros estados, mais precisamente São Paulo. Tem seu contato direto, quando aceita um convite para integrar em 1997 o Grupo Voz Sem Medo, atuando no grupo como backingvocal, seguindo a fazer shows em diversas regiões administrativas e entorno. Passa a conhecer melhor o movimento, identificando-se ainda mais com esta cultura. O contato com estúdios e demais grupos traz participações notórias com grupos de São Paulo, Goiânia e também do Distrito Federal. Em 2002 deixa o Grupo Voz Sem Medo e passa a integrar o grupo Belladonna, onde gravou o CD Por Amor as Moedas com o também produtor Duck Jay e segue com o grupo até o ano de 2009 quando inicia sua carreira solo. Já em carreira solo Thug Dee, gravou cerca de 5 músicas entre elas “Me perdi no seu Olhar” com participação do Tribo da Periferia, O Preço, Um Abraço Seu e outras participações. Foi contemplada em 2013 pelo projeto Donas

da Rima, para participar do primeiro DVD de rap feminino da América Latina, com o videoclipe se sua música —Um abraço seu, a ser lançado em 2014. Em 2014 Thug Dee segue participando de eventos de grande expressão da cultura hip hop, principalmente em relação ao fortalecimento do rap feminino no Distrito Federal como a apresentação no Hip Hop de Mulher para Mulher com homenagem a rapper Dina Di e apresentações, saraus e diversos shows com o Donas da Rima, participa do Projeto Ensaio desde 2014, que dispõe de espaço para grupos em início de formação se apresentarem para comunidade onde vivem. Em suas composições e participações que realiza mantém em suas letras o apelo por uma sociedade. justa com seus indivíduos, o dia a dia das periferias, sua luta por justiça e razões para não nos calarmos diante a tantos fatos que ferem a sociedade como drogas, violência em todos os sentidos, exploração, fala também de amor, paz, confraternização e união este último de grande necessidade para o movimento rap, utiliza-se de várias vertentes e estilos musicais para entoar um novo canto. Em sua cidade Brazlândia Digelaine Souza coordena uma escola de Futebol que atende mais de 200 crianças utiliza o esporte em sua modalidade, o futebol, como expressão de cultura e rendimento, enfatizando a inclusão social, traduzida como um fator de desenvolvimento e transformação humano, no caso, das crianças, gerando mais saúde, mais equilíbrio, agregando valores e principalmente um importante instrumento para capacitar pessoas a ingressarem construtivamente na sociedade, já que irão frequentar um ambiente social e apaixonante devido o contexto da profissão. Diante de um país em que os problemas sociais são inúmeros e que esta sedia eventos esportivos de importância mundial.



LÍDIA DALLET

*MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento/Beatmaker
P Sul, Ceilândia – DF
Siga @lidiadalletoficial*

Lídia Dallet é a multiartista brasileira, dona de uma das vozes mais marcantes da Cultura HIP HOP no Distrito Federal. Cantora, rapper, compositora, diretora vocal, videomaker, produtora musical e estudiosa dos ritmos latinos, das mulheres do RAP, JAZZ, Nego Spiritual e R&B, esta potência criativa chamada Lídia Dallet, viveu infância e adolescência no Setor P Sul, bairro de Ceilândia-DF, sob forte influência de músicos autodidatas. Mulher negra e não padrão, Lídia Dallet desenvolve-se como um ser integrado à natureza por meio de sua expressão artística e processo pessoal de tornar-se mulher. Dentre seus diferenciais como uma artista da Cultura HIP HOP, destacam-se a lírica afrofuturista e a sonoridade Ceilândia Latin Jazz - gênero artístico do qual ela é uma verdadeira propulsora - esse dois elementos, somados à versatilidade do flow da rapper, que alterna falas sincopadas com linhas melódicas, interpretadas com grande potencial e extensão vocais.

Como surgiu o Ceilândia Latin Jazz? Por meio de pesquisas que integram a cultura do cerrado e nacional, identidades latino-americanas e referências de outros gêneros musicais criados pela comunidade negra, como o JAZZ. Como base da sonoridade, a Cultura HIP HOP e outras ancestra-

lidades africanas - como o Blues e o Negro Spiritual, tudo isso somado às narrativas de bem-estar, afeto e autoestima, como forma de enfrentamento ao desafio psicológico, intelectual e emocional, que é vivenciar interseções diariamente, em uma sociedade emburrecida pelo racismo, classismo, etarismo e reprodutora de violências contra a comunidade LGBTQIAPN+.

Todo este conteúdo musical, político e histórico é o que a artista chama de Ceilândia Latin Jazz.

Por que? Como uma grande consumidora de música, em uma noite do ano 2014, Lídia Dallet, como costumava fazer às terças-feiras, dirigiu-se ao Teatro Nacional, em Brasília-DF, mas dessa vez, para apreciar o show de um cantor da MPB, conhecido popularmente por suas músicas em novelas e arranjos dotados de inquestionáveis doses de negritudes, como influências do Jazz e o Samba. Ele, homem cis e branco, na ocasião, estava ao piano e acompanhado pela Filarmônica de Brasília, enquanto Lídia Dallet estava na plateia preparada para consumir os arranjos do repertório daquele artista. Mas aquela noite mudaria a vida de Lídia, pois, para a sua surpresa, percebeu que o cantor, em alguns intervalos entre uma música e outra, pressionava o dedo indicador de uma forma robótica sobre uma única tecla do piano, como um gesto irônico que expressava uma certa crítica à forma supostamente “simplória”, que O RAP foi construído, em suas raízes mais primordiais e por motivo de escassez, mas que hoje, tornou-se a principal estética de uma das músicas mais ouvidas do mundo. O cantor, na intenção de quebrar o silêncio e animar a plateia, dirigia-se ao Maestro com um tom ácido e perguntava: O que vamos cantar agora? E então ia sugerindo algumas opções, todas elas rappers e pessoas ligadas à música produzida nas periferias pela comunidade negra. “Enquanto eu ouvia aquelas gargalhadas do público e percebi a principal motivação do riso delas, tive consciência da apropriação cultural, racismo e classismo, que estavam acontecendo ali. Senti que quase ninguém naquele auditório sabia que a “música boa” que aquele cantor tentava fazer, bebia das mesmas fontes de onde surgiram o RAP, O Funk e o Samba. Naquele momento senti o meu corpo todo ferver e a Cultura HIP HOP me chamou naquele dia, e eu, que já me apresentava com alguns grupos de RAPs de vários segmentos, nunca tinha sentido um chamado tão forte para me aquilombar, então, imediatamente respondi: Bóra, bóra!” Lembra Lídia Dallet. Por sua versatilidade, representatividade e virtuosidade musical, foi convidada para trabalhar com alguns dos principais artistas do RAP do Distrito Federal como GOG, Rei, X Câmbio Negro, Vie-

la 17, Realeza (DF/RJ), Vera Verônica e muitos outros. Também deixou sua marca em trabalhos de artistas de outros segmentos musicais, como Jorge Vercillo (MPB), Beto Dourah (MPB), Beatriz Águida (MPB Contemporânea/Rock 'n' Roll), Larissa Umaytá (Samba) e Haynna, (Rock/R&B).



Layó

MC/Rapper/Cantor/Conhecimento/Literatura de Rua

Ceilândia Norte – DF

Siga @layo.com.br

Layó é o renascimento de Debrete, cria da Ceilândia que caminha desde 2015 no rap, na poesia, e na arte educação. Coleciona vivências em batalhas, slams e palcos icônicos como Festival Latinidades e Favela Sounds. Atuou como co-organizador do Fórum Nacional de Mulheres do Hip-Hop 2023. Lançou em 2018, o livro *Cartas para NegraLua*, com poesias de amor entre pretas. Organizador do livro *Quebrada Livre: Literatura Marginal*. Bacharel em Museologia e Mestrando em Ciência da Informação. Indicado ao prêmio destaque de iniciação científica e premiado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Moção de Louvor Pela Câmara Legislativa. É com palavras de amor e luta que Layó constrói sua caminhada, e deixa marcada na memória de quem lhe escuta, uma poesia carregada de essência afro-brasileira e favelada. As minhas vastas experiências com projetos sociais e Hip-Hop incluem participação ativa em órgãos e entidades de grande relevância para proteção de direitos das crianças e adolescentes. Já nas minhas primeiras experiências profissionais atuei no projeto *Poesia Nas Quebradas - PNQ* levando o hip-hop como ferramenta de aprendizado para 11 escolas de Planaltina - DF e para a Unidade de Internação da cidade. Atuei como arte-educador, trabalhando direta-

mente com crianças e adolescentes e também realizei atividades de comunicação e pesquisa no Núcleo de Estudos e Organização da Literatura Marginal - NEOLIM do mesmo projeto, como resultado da pesquisa tivemos o livro *Vozes e Escritos do Gueto: Trilhas e Trajetórias da Literatura Marginal*, também fui um dos organizadores do livro *Quebrada Livre: Literatura Marginal Periférica*, com mais de 60 poesias escritas por adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. Realizei também, em 2018, como trabalho da graduação em Museologia na Universidade de Brasília - UnB, uma exposição sobre as mulheres no Hip-Hop do DF. A exposição intitulada *Se Essa Rua Fosse Mina*, levou o hip-hop para dentro da universidade. Uma das experiências de trabalho de maior relevância foi no Centro de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes - CEDECA, no projeto *Territórios Amigos das Crianças e Adolescentes*, onde atuei em quatro territórios de ocupação no Distrito Federal, realizando atividades de promoção dos direitos das crianças e adolescentes, desenvolvendo atividades educativas com mais de 30 famílias, e atuando na coordenação de comunicação do projeto gerenciando as redes sociais e realizando assessoria de imprensa. O projeto *Territórios* também teve como resultado a publicação do livro *Territórios Amigos das Crianças e Adolescentes: Um olhar sobre a situação de crianças e adolescentes vivendo em processos de ocupação*. A experiência de trabalho mais recente, no entanto, foi na Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ em parceria com a Promotoria de Justiça da Defesa da Infância e da Juventude do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) no projeto de pesquisa-ação *Territórios da Construção de Si: Processos de Desinstitucionalização de Jovens e Adolescentes Pela Maioridade*, onde atuei como pesquisador e educador, realizando atividades educativas com jovens e adolescentes em processos de desinstitucionalização em mais de 6 instituições de acolhimento no Distrito Federal.



Rayane Psiu

Breaking/danças urbanas/MC/Rapper/Cantora/Produção

Ceilândia – DF

Siga @raypsiu

Artista , bailarina e musicista . Rayane Psiu , nascida em Brasília, Distrito Federal, 26 anos. Bailarina, professora e Coreógrafa, iniciou sua admiração pela dança aos 10 anos de idade. Participava de apresentações e competições em diversos eventos na sua região. Aos 15 anos decidiu se dedicar somente ao hip-hop L.A Style, onde conheceu o seu primeiro professor “Rafael Vieira (Nino)” e foi aí que adquiriu mais conhecimento da tal arte, buscando assim, aprender e aprimorar as suas habilidades na dança. Em 2013, decidiu ingressar em umas das companhias de danças urbanas mais renomadas de Brasília, a Cia Have Dreams, onde conseguiu expandir todo seu conhecimento e técnica. Especialista em Hip Hop dance, pesquisa e compartilha diversas modalidades de danças urbanas. Ray Psiu é integrante do grupo EMPIRE DANCE CREW na coordenação e direção coreográfica. Atualmente nessas áreas representando a Ceilândia como Rayane psiu. Bailarina e campeã sul-americana 3 vezes consecutivas. Representei Brasília no hip hop internacional . Fui integrante das seguintes companhias : Cia Have Dreams , Grupo cultural obará, ccb , empire Crew , pocs Crew. Na área musical , me dediquei a estudos constantes por 10 anos da minha história . Praticante nos instrumentos de

percussão, trompa e trompete . Integrante das bandas projeto arte jovem (Ceilândia) ação social criança feliz (norte dame -Asa sul) centro Marista circuito jovem (Ceilândia) todos como banda de fanfarra . Escola de música de Brasília.



Eldy DJ

DJ

Sol Nascente- Trecho 2- Ceilândia -DF

Siga @eldy.dj

Eldy, nascida em Santa Rita de Cássia, Bahia, atualmente reside em Ceilândia DF, Sol Nascente trecho 2. O início Em meados de 2012, por ser atuante em divulgação de eventos, na época era mais diversão do que profissão, iniciei meu interesse na arte da discotecagem por ver Djs tocarem. Vi a Dj Luciana Vieira (DF) e Dj Thascya (MG), E percebi que poderia fazer parte do cenário. Eu ficava atrás delas e tentava aprender as mixagens e a conduzir uma pista de dança apenas observando. Daí comecei a praticar em festas de amigos. Procurei a Dj Rachel para me mostrar melhor como funcionava o equipamento. Daí peguei gosto e fui procurando melhorar minhas técnicas. Aprendi observando e amo o que faço. Ser DJ é um sonho que realizei e busco por espaço e reconhecimento. Com muito trabalho consegui juntar dinheiro com meus primeiros cachês e consegui comprar meu equipamento de discotecagem, iniciei profissionalmente em 2015. Sempre encarei a música com excelência, pois além da forma subjetiva de expressar ideias, também enfatizo a importância da compreensão das sensações nas relações interpessoais. Hoje, com o objetivo de liberdade musical, mesclou influências de músicas da cultura urbana. Sou organizadora de eventos em saraus educativos e sociais. Sou funda-

dora do Coletivo Funk de Estilo. Tenho projetos realizados na cultura urbana acrescentando o empoderamento feminino. Integrante do Coletivo FNMH2. Realizo apresentações em várias localidades do DF e outros estados. Profissionalismo e amor a um estilo de música da periferia. Há mais de 10 anos, artista, ativista cultural, arte educadora e aspirante em produção cultural. Estou na luta pela valorização do cenário Feminino na Periferia do Distrito Federal. O Hip Hop como uma arte que conscientiza jovens negros da periferia. “É o instrumento que usamos para poder falar de consciência preta. valorização e legado material e imaterial da população negra, dando destaque à cultura negra dos locais , colocando como prioridade fornecedores negros nessa cadeia produtiva e tomando ações afirmativas. Conheça nossa quebrada... Águia imperial de Ceilândia (escola de Samba), Céu das Artes QNR, Jovem de Expressão, Praça dos Direitos, Casa do Cantador, Espaço Cultural Filhos do Quilombo.



Laiz Cecília

MC/Rapper/Cantora/Produção

Ceilândia -DF

Siga @laiz.cecilia

Eu, Laiz Cecília, sou oriunda de periferia e natural de Brasília/DF. De família simples com educação materna extremamente presente, nasci na década de 80 e desde a infância já me identifiquei com as batidas que rolavam naquela época: os 'Miamis Bass'. Em meados dos anos 90, ouvia em fitas cassetes as músicas de ritmo pesado e flow quase que "falado" com letras de protestos de cunho social. Eu era ainda uma criança, mas aquilo mexia comigo de tal maneira, que até hoje eu não consigo explicar a sensação de ouvir a voz de Thaíde e DJ hum, Código 13 e logo depois conheci o grupo Racionais MC's. Eu conseguia as fitas k7 através de alguns pouquíssimos amigos na escola que ouviam os Rap's escondido de seus pais (rsrs). Isso não acontecia comigo, pois minha mãe: Dona JÔ, sempre foi muito felizível e não me proibia ouvir Rap. Porém, eu tinha que respeitar os momentos dela em ouvir seus sertanejos e baladas dos anos 80/90. A maneira com que eu me sentia representada nas letras de Rap, até hoje não encontrei em lugar algum. Em 1998, conheci um movimento Hip Hop gospel conhecido como MHG, que acontecia em encontros numa igreja evangélica. Através deste movimento tive meu primeiro contato com o microfone na mão e já comecei a realizar participações como MC em vários grupos de Rap, tais como: ALV, Atitude Para Crer, Filhas do Rei, Renascidos das Cinzas e outros. Comecei também a me envolver nas

produções de diversos eventos do Hip Hop nos anos 2000 que contavam com grandes atrações da época: Apocalipse 16, Pregador Luo, Provérbio X, Verdade Relatada, X-Barao, Lito Atalaia, DJ Alpiste e tantos outros; inclusive já dividi palco cantando com alguns deles. Realizava trabalhos como Rapper MC em orfanato, lazer em rua e eventos culturais. Em 2010 me afastei das atividades dentro da cultura Hip Hop, devido a um diagnóstico de *câncer hepático* e passei a lutar pela vida. Nesse período de enfermidade o Rap continuou presente. Eu o escutava sempre e por várias vezes me senti refugiada no melhor estilo musical do mundo! Em 2015, depois de ter vencido o câncer, voltou a participar novamente do cenário Hip Hop, frequentando eventos, e algumas produções. Em 2019, gravou com o artista Mano Dáblío, o single e videoclipe TOGA juntamente com a cantora Helen Dieb e performance do DJ Marola. Inclusive conheci o artista Mano W num orfanato no qual eu realizei um trabalho de conscientização através do Rap. (MC) Em 2020, continuo realizando produção de projetos e eventos dentro da vertente. Em 2022, dou início a uma carreira de apresentadora de festivais, eventos culturais, lazer, lives em canais de YouTube e cobertura de eventos como entrevistadora com grandes nomes do cenário da cultura Hip Hop: DEXTER, KLJAY, GOG, IDEOLOGIA E TAL, REI (Cirurgia Moral), ATITUDE FEMININA, COKTEL MOLOTOV e tantos outros. Além de fazer parte da produção e organização da conceituada festa DABOMB desde 2020; eu atualmente exerço um trabalho como redatora do canal de YouTube Rap Total, sob a direção dos Rappers Rei servo (Ex Cirurgia Moral) e Rivas Alibi. Sou também responsável pela produção e revisão de textos do Site: hiphop50df.com.br, que é voltado para as questões do cinquentenário do Hip Hop que tem por finalidade tornar esta Cultura num patrimônio imaterial. O rap e sua cultura me trouxeram até aqui. Não é só uma música dançante, é um compromisso, é liberdade, é ânimo para os dias maus. O Rap salientou o meu gosto pela leitura e escrita, me ensinou a valorizar a minha individualidade, me ensina a lidar com a vida e suas decepções, a lidar com os amores, com a cores e seus valores. Quantas vezes eu entendi as coisas que minha mãe passava em silêncio, quando eu ouvia histórias narradas pelos MC's de mulheres como ela que lutavam tanto por um filho(a). A cultura Hip Hop é uma escola rica com potencial gigantesco e que pretendo levar a todos que estiverem em meu caminho de alguma forma. Minha gratidão pelo Hip Hop e seus elementos é infinita. Com o Rap aprendi que é possível fazer acontecer! Hoje sou casada, moro em Ceilândia/DF desde 2020, tenho formação técnica e superior e continuo fazendo uso das minhas habilidades dentro do Hip Hop como Rapper MC, apresentadora, entrevistadora, produtora e redatora. Viva a Cultura Hip Hop ! Por: LAIZ CECÍLIA



DJ Grazzy Periférica

DJ/Produção

Ceilândia -DF

Siga @djgrazzy_almd

Me chamo Grazielle cresci na Ceilândia, meu pai e Dj de flash Back sempre estive envolvida junto como ele no movimento, e foi minha inspiração com 16 ano a começa a tocar, meu primeiros eventos no ginásio poliesportivo da guariroba , depois me apresentei na casa do cantador onde fui ganhando visibilidade em 2017, entrei como Dj da casa cultural Cio das artes, hoje em dia vivo pela música e levo inspiração a todas outras pessoas que queria ser da música também .



Serva

MC/Rapper/Cantora/Produção

Ceilândia -DF

Siga @serva_rapper_oficial @mercyamartinscerimonial

Eu sempre curti Rap. Ouvia visão de rua e decorava as letras do grupo. Meu primeiro CD foi do Álibi e Cirurgia Moral e Tropa de Elite. Ah como eu viajava nas pancadas. Sempre gostei de escrever, e em 97 surgiu o projeto se liga galera. Lá então tinha a oficina de Rap e DJ. Na oficina o Marquinho da Tropa de Elite colocava uma base junto com o DJ Chokolaty e lá a gente com jornais tinha o dever de escrever 4 rimas, e pra mim era algo muito fácil, pois sempre gostei de escrever. Nas festas da escola, nós nos apresentamos. Pra mim era algo surreal cantar ao lado de um cantor que eu era fã. Com um tempo, eu e mais algumas pessoas começamos a acompanhar a Tropa de Elite nos shows. Subir no palco com o cara que eu admirava e tocava no meu toca fitas as músicas eram demais. Daí dentro do “Se liga galera” surgiu o grupo PR 15, onde fiz parte durante alguns anos no início do grupo. Porém me envolvi com um componente, engravidei, e como ele saiu do grupo por estar aprontando, percebi que estava sendo excluída do grupo também. Senti muita raiva na época, mas hoje entendo. Fiz algumas participações em alguns projetos com o Tropa de Elite, em outros grupos, e participações de Raps de colegas como o coletivo Guetunido, e o Rafinha do BravoZ que foi a minha última canção gravada. Fiquei afastada do RAP a uns 15 anos, com relacionamento sem apoio, e hoje, divorciada, estou preparada e de volta aos palcos.



Bgirl Valery

Breaking/danças urbanas

Brazlândia- DF

Siga @valer.iy

Sou conhecida como Bgirl Valery da Colômbia cheguei no Brasil 2015 sou Colômbiana tenho 33 anos e tenho um menino lindo! Eu conheci o breaking na Colômbia em um projeto social para comunidades indígenas! No começo não me identifiquei porque queria cantar e ficar no Rap! Mais por coisas da vida.. vi as meninas dançando no asfalto sem nenhuma proteção no chão achei muito incrível e me interessei fui na primeira aula e desisti pois estava passando por muitos problemas na minha vida pessoal !! Mesmo assim, depois de uns meses voltei às aulas de breaking e foi pegando amor e continue treinando e assistindo as conversas reuniões que faziam sobre a mulher empoderada!...sobre a mulher dentro do cenário do breaking .. comecei estudar sobre o hip hop. Logo em alguns meses viaje ao Brasil, para visitar minha mãe .. minha mãe me apresentou os lugares onde os bgirls e bboys se apresentavam (São Bento) eu vi e me apaiei

xonei e continue treinando .. não foi fácil nos primeiros anos , não sabia falar português e o Trabalho estava muito difícil porém passando alguns anos, foi me adaptando e treinando breaking, treinando português e minha condições forem melhorando .. o hip hop me salvou de várias situações da vida ! Me deu oportunidades também, viajei muito... Atualmente moro em Brasília e construí uma família linda . Nós respiramos hiphop ../vivemos hiphop dia a dia! Eu espero passar meu legado ao meu filho . Sou grata ao Brasil a cultura brasileira pelo acolhimento que tive e que tenho nestes anos



Débora Glamurosa

MC/Rapper/Cantora/Produção

Sol Nascente- Trecho 2- Ceilândia -DF

Siga @coletivosolNascente @deboraglamurosaoficial

Débora Regina da conceição de Alencar vulgo Débora Glamurosa desde menina sonhava em ser cantora e dançarina. Com incentivo da igreja onde fazia parte iniciou sua carreira no ano de 2008 no coral da igreja e em grupos onde fazia parte, regeu enquanto ali congregava estudou e adquiriu conhecimento para ir a frente a um sonho que estava em seu coração, desenvolveu seu aprendizado em 2011, quando começou a compor músicas diversas e nos seguintes, dedicou – se a produção de funk Rio, saindo do segmento gospel para o mundo da música secular. Débora Glamurosa escolheu o funk de periferia porque se identifica com as batidas, sons que fazem mexer o corpo na mesma proporção dos bits e como a música é cantada. Quando escreve pensa na realidade, na dúvida da mulher, no jeito no qual as mulheres podem conquistar seus objetivos não denegrindo sua imagem. Suas músicas são caracterizadas e de identidade do que acredita. O foco seria funk melody, seja pelo romantismo e realidade característico desse som mais suave ou pelo manifesto de retratar nos conteúdos musicais as histórias de realidade de um público da periferia. Em 2012, foi descoberta pelo produtor musical Ceggo mc e produtor na empresa best, mais de 20 anos de mercado no mundo funk no dia do clip

“viva la vida” ouviu sua voz além da dança e incentivou a projetar sua carreira artística e lutar pelos seus sonhos, como artista, motivando a investir cada dia mais em seu talento. Débora Glamurosa compôs seu primeiro funk em parceria com MC Ceggo e teve sua música lançada, produzindo a nacionalmente todas autorais. Em março de 2015 entrou para o estilo rap onde gravou sua primeira música com o produtor, Gabriel Cocketel Molotov que a incentivou a participar desse segmento. Nesse mesmo ano fundou com Rodrigo Silva e Stephane Heidi o coletivo cultural e Social Sol Nascente onde faz trabalhos relacionados a cultura, social, empoderamento feminino, abrange toda a família. Lançou uma música chamada Maria da Penha que trata de violência doméstica e feminicídio, história real, no qual abriu portas para palestras em 11 escolas do Distrito Federal a convite da Regional de Ensino sobre o tema Violência doméstica, abordando o tema com precisão. Em 2017 começou a atuar fez um filme com Adirley Queiróz que teve seu lançamento em 2023. Hoje é cantora, compositora, atriz, produtora cultural e presidente do coletivo cultural e Social Sol Nascente, onde atendem mais de 200 famílias em vulnerabilidade social e é presidente do conselho de cultura do Sol Nascente Pôr do Sol.



Jane Alves

Breaking/danças urbanas/Produção

Sol Nascente- Trecho - Ceilândia -DF

Siga @janeftcruz

Comecei minha trajetória na dança ainda na escola já como dançarina, figurinista, coreógrafa, cenógrafa e já produtora, dos grupos de dança que eu participava na escola, pouco tempo depois da chegada do Hip Hop no Brasil, juntamente com um meu irmão mais velho e uma irmã mais começamos a participar de apresentações e rachas pelo DF e Entorno, e em bem pouco tempo estávamos criando no quintal da nossa casa com um grupo de amigos, a primeira formação de um dos principais grupos de breaking do DF e do Brasil, a DF Zulu Breakers em 1989, dentre eles estavam os que hoje são artistas consagrados como, Câmbio Negro, Álíbi, DJ Chokolaty, Cirurgia Moral, dentre outros de grande expressão na cultura até hoje, mesmo ano em que começamos o “Movimento”, hoje o atual Encontro de B. Boys e BGirls, que perdura até hoje sendo uma plataforma de disseminação, fortalecimento e projeção de artistas e da cultura hip hop do DF e entorno atraindo artistas do país intento e até visitantes internacionais, posteriormente a esta formação, já casada com Rivas, Kabala/ Álíbi, Rapper, grafiteiro e B. Boy, também criador de um dos melhores grupos de Break a Reforços Breakers, desde 1984, do qual participei da segunda formação a partir de 1995 também como produtora, dançarina,

coreógrafa, figurinista e cenógrafa, época em que cheguei a participar de até 5 grupos para potencializar e suprir as oportunidades de propagar a cultura em outros âmbitos de eventos, com muita dificuldade e inúmeros desafios, década marcada pelos lances de rua e viagens para nossa vizinha e eterna rival que é Goiânia, onde os rachas eram épicos e a troca da cultura era eletrizante, conseguindo agregar a crew duas B. Girls iniciantes a Angela que mesmo morando em Brazlândia a conheci em Goiânia num racha e a Rose companheira de academia, amigas e irmãs de coração e vida, quando tivemos a oportunidade e coragem de viajar por quase todo Brasil, fazendo espetáculos e competindo em Cyphers e rachas, influenciado e inspirado muitas outras mulheres a desbravar está cultura, já em 1.999, com o CD solo do Rivas/Kabala, o Álbum Valorizado Nossa Arte, onde além das atribuições descritas anteriormente coloquei todo a Reforços Breakers pra cantar gravando os refrões de várias músicas do CD além da montagem e ensaio de todo o espetáculo que acompanha o show, o que marcou a cultura nacional, sendo considerado até hoje o primeiro CD de breaking do país, onde fui várias vezes reconhecida pelo rosto em diversos estados e ocasiões por onde tive o privilégio de representar e disseminar a cultura Hip Hop, inspirando e encorajando muitas mulheres não só a dançarem, mas principalmente a ocupar seu lugares e espaços nesta cultura que discrimina mesmo sendo ela mesmo ainda muito discriminada, o que não me impediu de prosseguir, com a dança até a minha gravidez em 2000, e mesmo tendo voltado a dançar após o nascimento do meu filho/Ravel, optei por priorizar a maternidade, e me mantive somente na área de produção cultural com projetos de cultura urbana, exclusivamente de Hip Hop, trajetória que se mantém contínua, tanto com com projetos voluntários como o Encontro de B. Boys e B. Girls, entre outros e projetos via editais do FAC alcançando todo o DF e entorno, e atualmente como família continuo a contribuir e não só com a cultura do mas também nossa comunidade e sociedade, como proponente do Arte Urbana nas Escolas já na quinta edição, o Brasil Super Battle tendo o Rivas como o proponente e eu como produtora executiva e coordenadora de produção também já na sua quinta edição, e ainda o privilégio de ser coordenadora de produção e cenógrafa no projeto do meu filho Ravel/produtor musical Rapper e músico, o Produzindo Sonhos de produção musical, já indo para sua segunda edição. Não posso deixar de reconhecer o que o hip hop me proporciona, que é poder ser exatamente quem eu deveria ser, me tornando plenamente em quem sou.



Lis Martins

MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento

Brazlândia- DF

Siga @apenas_lis

Comecei fazendo arte ainda aos 7 anos de idade quando comecei a aprender tocar violão. Em seguida todos os instrumentos me chamavam atenção, e assim fui seguindo com cada um deles que eu tinha acesso: contra baixo, guitarra, percussão, bateria, dentre outros. Não demorou até o canto se introduzisse na minha vida, e assim fui explorando outras camadas artísticas. Anos depois me deparei com o freestyle, com as batalhas de rima, e me encontrei também neste lugar de expressão, até o momento eu já realizava a escrita de poesias, mas fazer a rima na hora era encantador. Passei a integrar a organização da Batalha das Gurias em 2015, o grupo de Rap África Tática em 2018 e a Associação Molec em 2019. Atualmente me apresento de forma solo, faço participação em shows de outros artistas, me apresento também como musicista em outras bandas, além de realizar produção cultural de forma itinerante com a Batalha das Gurias, e em Brazlândia-DF, como a Batalha do Cinzeiro. Além disso, sou também Assistente Social, e no momento estou me especializando pela FIOCRUZ, no programa de Residência Multiprofissional Álcool e outras Drogas, realizando a interlocução da importância da arte em Processos Terapêuticos, e o Hip Hop como instrumento de diálogo e mediação dentro dos

sistemas de Sócio Educação, sejam elas em Meio Aberto ou Internação. Participei do Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop nos anos de 2016, 2018, 2019, 2020 e 2022, sendo este um dos espaços de maior solidez da nossa discussão enquanto mulheres do Hip Hop, além de outros fóruns, encontros e espaços de formação como foi o projeto “Dona Imperatriz”, idealizado pela artista Thabata Lorena.



Loury

Graffiti/Produção

Ceilândia- DF

Siga [loury_lyma](#)

Eu sou artista Lou nasci surda, e pertencço a essa comunidade, mas contra minha vontade fui obrigada e tentar me comunicar através da voz. Desde que sou pequena, as pessoas fazem piadas com a minha altura, por ter muitos pelos, e me chamavam até de macaca. Eu sempre me esforcei para pertencer a um grupo, mas nunca fui aceita tanto por ser surda, como pelas minhas características. Infelizmente, por causa desse preconceito que sofri, comecei a me raspar, tentar mudar como eu sou, para tentar me encaixar na sociedade. Mas com o passar do tempo, eu percebi que eu nunca fui diferente de ninguém. A única coisa que muda, são as minhas características das outras pessoas. A arte conseguiu me fazer ver que sou especial do jeito que sou, independente da minha aparência. Através da arte consigo expressar o que realmente sinto, e determino o que quero. Meu corpo pertence exclusivamente a mim, e eu decido quem eu quero ser.



Larissa de Oyá

MC/Rapper/Cantora/Graffiti/Produção/Conhecimento

Brazlândia- DF

Siga @laarioya/@apretadequebrada

Lari Oyá natural da Aracaju-SE, mulher preta, bissexual e periférica, nasceu no subúrbio da cidade, no bairro Suissa (SE) e tomou rumos para Brazlândia-DF no ano de 2019. É Grafiiteira, ilustradora, Poetisa, Mestre de Cerimônia, Oficineira, Produtora Cultural, Articuladora e Educadora Social. Há mais de 10 anos no movimento Hip Hop vem construindo e se inspirando em coletivos como Batalha das Guria (DF), Associação MOLEC (DF), TODAS BRASIL (BR), DOIM (DF) nos quais vem atuando como forma de protesto e melhoria para o povo preto e da periferia. Esteve presentes em vários eventos, rodas de conversas, trabalhos audiovisuais, festivais nacionais e internacionais de graffiti, tais como: Agora e à vera (2018/SE), Festival Viva nos Queremos (PE/2018), Festival de Artes Pão e Tinta (PE/2019), Encontro de Graffiti Socorreria (SE/2019), Graffiti Festival Bahia de Todas as Cores (BA/2019), Cores Femininas (PE/2018/2019/2020), Potygraffiti (RN/2019), Semana Municipal do Hip Hop (SE/2019), Residência Artística Festival de Artes São Cristóvão (SE/2019), Forum Nacional de Mulheres Do Hiphop (PE/2019), Festival Hiphop ta em Casa (BR/2020), Body Paint Projeto Negra Luz (SE/2020), Mural De Graffiti Centro de Atenção Psicossocial Infantil Asa Norte (DF/2021), Homenagem: Prêmio

Mulher Trajetoria do Hiphop (BR/2021), Graffiti para Videoclipe da Banda Afrika Tatica (DF/2021), Projeto BSB 2060 (DF/2021), Live “ A Força De Um Amor Preto LGBTQIA+” (DF/2021), Cenografia para a Live “ Não Me Covid” (DF/2021), Pintura da Escadaria da Orla Espelho D’agua (DF/2021), Painel de Graffiti para o Evento Natureza Urbana (DF/2021), Produção Cultural Para o Evento “Batalha do Cinzeiro” (DF/2021), Pintura para Live de Lançamento do 2º Livro “Poesia Marginal” (DF/2021), Revitalização das Paredes do Mercado Sul (DF/2021), Mestre de Cerimonia Baile da Imperatriz (DF/2021), Pintura Digital para o Livro Poesia Marginal (DF/2021), Produção Cultural para Batalha do Cinzeiro(DF/2022), Prêmio Hiphop Lugar de Mulher (BR/2022), Forum Nacional de Mulheres no Hiphop (DF/2023), Jurada Para Batlha Bdg² (DF/2023), Mestre de Cerimonia Batalha do Cinzeiro (DF/2023), Produtora e Mestre de Cerimonia Edição Especial Junina Batalha do Cinzeiro X Batalha Das Gurias (QUADRILHA DA RIMA) (DF/2023).



Negra EVE

MC/Rapper/Cantora

Brazlândia – DF

Siga @originalnegraeve

Minha jornada foi construída dentro de casa, vi o movimento hip hop da minha RA Brazlândia acontecendo na minha infância. Minha mãe ainda era adolescente quando entrou pro rap e quando eu nasci, pela minha quebrada era aquela fita ou vai pra igreja ou vai pra crime. Eu me lembro dos bailes que aconteciam lá embaixo perto do balneário, meus tios e minha mãe iam lá cantar suas rimas e ouvir a dos amigos. Entre os meus 7/8 anos minha mãe, Thug Di deu início ao grupo BellaDona, e aí eu vi mais de perto ainda o que era tudo aquilo que cercava nossa existência. As letras que falavam dos bailes, dos amigos que se foram, da correria na quebrada. Eu lembro bem dos dias que elas iam pro estúdio, a Thug, Tati e Monique. Sempre tinha alguém para ajudar nessa missão de atravessar o DF de Brazlândia para Planaltina porque as donas produziam lá no DuckJay. Meu tio Marcos sempre disposto, envolvia todo mundo nos planos dele e envolve até hoje com todo o carisma e carinho que ele tem pelo rap. Vi vários momentos históricos do rap DF acontecerem bem na minha frente e o melhor de tudo vi mulheres sendo protagonistas desses momentos. Minha mãe é muito ativa e determinada em realizar, mesmo num espaço onde os homens eram maioria ela soube jogar o jogo do jeito dela. Meu

start artístico se deu em casa, ouvindo bons raps e R&b e cantarolando coisas com minha mãe, lembro dela pedir pra eu completar um rima ou ler uma letra que já estava pronta e dizer se estava legal. Eu me sentia parte de todo o processo e isso pra mim foi o que construiu minha coragem em ser artista. Cantei muito nos projetos da escola e no final do ensino médio, acredito que em 2013/2014, entrou no Levante popular da Juventude e nas atividades e acampamentos fui me envolvendo em outros coletivos e conhecendo outros rappers da cidade. Através do Coletivo Artsam, começou a integrar o grupo Mantendo a Identidade com Dj Liso, Glauber Santana e Gleice Kelly, Fabiana Lemos. Na época o ritmo do coletivo era intenso e nós fazíamos muitas apresentações em sarau, prêmios e atividades de outros coletivos. Lembro-me da nossa primeira apresentação em um grande palco, no Elemento em Movimento. Nesse grupo fazíamos um som que unia o rap e o reggae, e até hoje venho seguindo nessa vertente. Algumas rimas afiadas para algumas melodias suaves. Foram 5 ou 6 anos de grupo girando no DF e entorno, sem grandes pretensões, me envolvia com tudo isso de forma natural, como via acontecer na minha infância. Em 2018 inicio a jornada solo, com toda essa bagagem de casa, das ruas e com muito carinho porque todo passo que dou sinto que é conectado com os passos que minha mãe deu. A representatividade, a responsabilidade, a ancestralidade presente na minha vivência moldam minha identidade artística. Fiz conexões com as bandas de reggae da cidade e um dos meus primeiros shows solo foi fazendo um tributo a Lauryn Hill com a banda Nova Raiz. Conectada com os coletivos e movimento hip hip surge uma oportunidade de fazer parte da Cypher Punho Cerrado, com Markao Aborígene, X Câmbio Negro, Mente Consciente e outros relíquias do rap DF. Iradas construções foram muito importantes para fincar um elo entre as gerações. Sustentei uma caminhada alegre com os braços de quem ia chegando junto comigo e fazendo acontecer. Em 2023 lanço meu primeiro single com apoio de uma galera muito importante como Markao Aborígene, Mayara, Layo, Caftos, Ana Flávia Barbosa, Jessica Make Up, Dona Rayla. Tudo sempre feito a muitas mãos, reafirmo que minha trajetória é fincadas no rap mas se permite alçar outros vôos em outros ritmos e poesias Gosto de afirmar que tudo tem seu tempo e nada se faz sozinho, o rap me ensinou a ser uma artista coerente e firme mas principalmente atuar em coletividade, pensando no toque que minhas palavras podem dar na ideia de quem ouvir.



Ketlen Hoopes

MC/Rapper/Cantora

Brazlândia- DF

Siga @ketlen_hoopes

Nascida e criada em Brazlândia, Distrito Federal, frequentava desde pequenos eventos sociais na cidade, como a batalha do cinzeiro entre outros culturais da cidade.

Comecei compor aos 10 anos fiz meu primeiro som com 14 anos tenho um álbum intitulado “Dona firmeza”, o rap pra mim foi minha porta de entrada pro futuro onde aprendi a importância de estudar e evoluir academicamente continuo na função e brevemente trazendo novos projetos e um novo álbum.

O Turismo e a cultura da minha quebrada, traz a raiz do hip hop e com tudo merece ser respeitado dentro da Brazlândia, onde indico o Ensaioço e as batalhas da escada e do cinzeiro.



Júlia Nara

MC/Rapper/Cantora

Ceilândia e Samambaia - DF

Siga @julianaraofc

A cultura hip hop aparece pra mim desde a adolescência quando adquiri meus primeiros CDs de rap nacional. Rádios comunitárias ainda no Piauí, aquela sequência me tocou. Em 2010 fundei o grupo Função Periférica em Samambaia, rap independente e consciente. Desde então passei a participar de grupos, coletivos e seminários sobre o hip hop. Fui me fortalecendo dentro da narrativa periférica onde a poesia me ajuda a entender o que sou hoje. Música, arte, compreensão da vida e fortalecimento das nossas raízes. Lancei dois clipes com apoio de mulheres negras e apoio da Casa Akotirene residido em Ceilândia norte. É o rap. Eu também sou fruto desse movimento.



Mina Tay

MC/Rapper/Cantora

Ceilândia- DF

Siga @Mina_Tay_dzt

Tayane Custódio Aires, iniciou no movimento Hip Hop em 2006, adotando o nome artístico Mina Tay, Em 2015 grava seu primeiro CD, em parceria com Markim Dazantigas, com o título “A nossa cara”. Atualmente faz parte da associação Palmas Hip Hop, e da Frente Nacional Mulheres do Hip Hop, onde desenvolve palestras, debates e shows.



Stephane Heidy

MC/Rapper/Cantora/Graffiti

Ceilândia Norte – DF

Siga @sterheidy

Sou Stephane Heidy comecei na cultura como Assessora do Grupo de Rap Versão 157 em 2013/2014, logo depois fundamos o Coletivo Social Cultural Sol Nascente trecho 3 em 2015 que em seguida no mesmo montamos o Grupo de rap feminino “Minas de Styly” com Stephane Heidy e Débora Glamourosa onde cantamos em alguns eventos como Hip Hop Contra a Fome, Outubro Rosa e outros. Fiz parte desse movimento durante 4 anos no qual me afastei devido a gravidez, casamento e algumas dificuldades que tive, mas com a esperança que tenho de retornar. Como Grafiteira comecei em 2015 na empresa Rodrigo Silva que fiquei 2 anos. Na minha quebra tem a Praça da Bíblia (P Norte), Casa do Cantador (PSul), Praça dos Eucaliptos mais conhecida como (Zoca) na minha quebrada e de boa, mas falta muitas oportunidades e espaço pra todos principalmente mulheres



Gabi Kashuu

*DJ/Beatmaker/MC/Rapper/Cantora/Breaking/danças urbanas/Produção
Ceilândia – DF
Siga @adj.kashuu*

A trajetória da Kashuu se inicia em 2015 quando morava em Sobradinho DF com a tia e começava a frequentar movimentos culturais na cidade e no Plano Piloto a fim de conhecer melhor a cultura Charme que cresceu vendo através da família paterna, na maior parte buscava conhecer as festas de black music. Nesse meio conheceu muitas pessoas que abriram portas para conhecer outras cidades e outras experiências musicais do universo charme e paralelo a isso conheceu as batalhas de rima na Ceilândia e na Universidade de Brasília, a Batalha da Escada. Através do universo das batalhas de MC's, se integrou a Batalha das Gurias, que foi responsável importante na formação do que viria ser primeiramente a Mc Kashuu, que batalhou pela primeira vez na Batalha da Escada e então reconheceu seu protagonismo como mulher negra e do Hip Hop abrindo margem para atuar na organização e realização de outras batalhas pelo DF. Foi na Batalha das Gurias que Kashuu viu a possibilidade de agregar ao momento da rima a performance de DJ, elemento que já flertava desde criança, pois tinha o hábito de gravar mídias e organizar rádios no colégio, assim como batalhas de Hip Hop na escola. Estima-se que DJ Kashuu tenha sido a primeira mulher DJ de batalhas de Mc's no Distrito Fede-

ral, pois na época as batalhas não dispunham de estrutura e eram feitas com o suporte de caixinhas de som ou palmas e beatbox. Demorou algum tempo até a Mc Kashuu se identificar com o termo DJ, pois acreditava, assim como acredita até hoje, que o termo se refere a um pilar extremamente importante da cultura Hip Hop e acompanha a responsabilidade de sempre se manter em estudo de técnicas, história musical, contexto e o talento de proporcionar momentos únicos e emocionantes para quem presencia a performance desse elemento. Começou a se identificar com o termo depois que fez sua primeira apresentação na Casa 7 da Norte, localizado na Ceilândia Norte, onde experimentou um sentimento que dali em diante seria a bússola para sua vida, carreira, auto aprimoramento, conduta e luta por mais possibilidades desse sentimento para mais pessoas como ela. Após isso vieram várias experiências marcantes como a fundação da Organização Não Governamental “OS DA RUA DE BAIXO” em 2018, onde criou-se redes com outros coletivos em prol da revitalização e ressignificação de espaços e locais onde não há investimento cultural e opções de lazer para a população. No ano de 2019 até 2020 participou do projeto Juventudes nas Cidades no INESC recebendo formação em diversas áreas do conhecimento cultural juntamente com outros artistas de cidades periféricas do DF. Em 2019 se integrou a Casa de Lafond, coletivo multicultural de dançarines negres e perifériques tendo se retirado da formação em 2021. Em 2020 se integrou ao Coletivo Multicultural Reflexo das Ruas como produtora cultural e posteriormente como presidente. Acompanhou nos palcos artistas como Rebeca Reallega, Lídia Dallet, Eduardo Taddeo, Markão Aborigene, Rosa Luz, Heitor Valente, Negra Eve, Emcee Lê, ICris, Taliz, Brunetty BG e Donas da Rima no 6º Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop em Recife, bem como para todas as artistas de diversos lugares do país presentes no evento e também para muitos artistas do território do DF e atualmente acompanho a dupla RIVAS E RAVEL, ícones da Ceilândia e de todo o Brasil e participou do grupo Dimensão Negra durante 3 anos. Realizou formação como DJ no projeto Elas Agitam e de gestão, produção cultural e artística no Nordeste com a Mercúrio Produções. Foi premiada na categoria DJ no Prêmio FAC Cultura Hip Hop e recebeu Moção de Louvor pela Câmara Legislativa do Distrito Federal pela dedicação e comprometimento com a cultura Hip Hop. Tocou em eventos históricos como Elemento em Movimento na Ceilândia, Encontro ELLA na Argentina, SoulBlack em Curitiba, participou e foi campeã do SLAM Q’BRADA na Bienal do Livro em 2018, foi DJ na edição da festa Makossa na Ceilândia e em outras muitas edições, na 52ª Edição do Festival de Cinema, já foi mestre de cerimônias no CarnaSarau, tocou

na festa Mama África, no 49º e no 52º aniversários da Ceilândia e Festival Criolina...Esses sendo apenas alguns dentre muitos eventos onde buscou representar suas origens, sua história e demonstrar o respeito que sente pelo Rap Nacional, pelo Hip Hop, pela black music e pela cultura negra que a move no mundo. Já participou de eventos com artistas que são suas referências como Dj Ketlen, Lis Ventura, KL JAY, Daniel Ganjaman, OPS, Umiranda, Savana, Janna, Beatmilla, Raffa Santoro, Chokolaty, Dj A, Mu5ao, Puppa Jay, Diafreeka e Negra Li. Um breve resumo de uma história densa, carregada de desafios e conflitos, vitórias e derrotas, mas um denominador comum sempre será a fé de que a cultura que a salvou de um mundo triste, violento e cinza possa continuar salvando e trazendo novas perspectivas de vida para meninas e mulheres como Dj Kashuu. E a história continua...



Realleza

MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento

Sol Nascente, Ceilândia – DF

Siga @_realleza

Rebeca Elen, conhecida artisticamente como Realleza, nascida em outubro de 1995, filha de mãe mineira e pai moçambicano, cria da Ceilândia/Sol Nascente, Distrito Federal. Começou a cantar na igreja, com 10 anos, e aos 13 migrou para o RAP. O Hip-Hop entrou na sua vida através de um projeto social que ocorria na escola pública em que eu cursava o ensino fundamental. As letras falavam sobre a preservação do meio ambiente, luta contra o racismo, respeito e tolerância, entre outros temas de conscientização para os adolescentes. Através desse projeto nasceu Realleza que atua ativamente no mercado musical e iniciativas sócio-culturais até os dias atuais como, rapper, cantora, compositora, advogada, arte educadora e pesquisadora acadêmica do Hip-Hop e Matriarcado Africano através de uma visão interseccional de raça, gênero e sexualidade. Como artista Realleza representa o empoderamento ancestral matriarcal, com rimas e flows originais e um peso musical filosófico do RAP ao R&B, tem na diversidade e na inclusão seus fios condutores. Multiartista desenvolveu sua autoestima e potência criativa através da música. Seu empoderamento artístico se dá enquanto mulher negra, bissexual e periférica, atualizada sua estética afrofuturista com letras certeiras, em uma voz

que fala por si, sem pai, patrão ou padrinho que chancele seus passos firmes e autênticos. Como advogada e arte educadora, se apresenta com o nome de batismo - Rebeca Elen. Assumindo lugares de liderança como consultora jurídica através da iniciativa MINHA ARTE MEUS DIREITOS. Esse projeto foi idealizado com o intuito de ajudar artistas e produtores independentes, com pouco ou nenhum conhecimento, sobre Direitos Autorais e Contratos Artísticos. O curso é direcionado para mulheres, negros e indígenas, LGBTQIAP+ e periféricos, com o intuito de fortalecer esse público na proteção jurídica das suas obras e prestações de serviços artísticos, trazendo uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e sexualidade sobre a Indústria Musical. Já como pesquisadora na linha dos Direitos Humanos mergulha no Movimento Hip-Hop como base filosófica, pedagógica, política, cultural, ancestral, matriarcal na busca de direitos fundamentais para povos e populações marginalizadas sócio e economicamente.



Angela Rocha

Breaking/danças urbanas

Ceilândia- DF

Siga @angelarocha52

Tudo começou mais ou menos em 1995, morava em Brazlândia e acompanhava meu irmão nos eventos, via a galera entrando nas rodas, os meninos, na época não tinha nenhuma referência de meninas então colava com eles, treinava com meu amigo Lila. Foi assim que comecei a entrar nas rodas, era mágico, todo mês íamos para o encontro no conjunto nacional. Fui para excursão em Goiânia e conheci as meninas, Jane e Rose da Reforços Breack. Foi assim que comecei a treinar de verdade, apresentações e viagens, éramos uma família. Depois de alguns anos Cabala (Rivas) nosso líder, se converteu, aí conheci as BSBGirls (Bianca e a Fabiana) minha passagem pelo grupo foi rápida, naquela época comecei a trabalhar muito e a logística de treinos tava muito difícil. Conheci o Fuzio (Júlio) da DF Zulu como morava perto da minha casa comecei a treinar com ele e depois entrei para crew. Depois decidi sair e montei minha crew. Em 2007 surgiu Soul Gueto Style (Estilo com alma no Gueto). Inicialmente era formado por mim, Bgirl Jô e Bgirl Ellenzinha. Depois entrou a Bgirl Tuca, Bgirl Tay, Bgirl Vanessa e Bgirl Dayse. Nosso grupo tinha como objetivo: incentivar a prática do B.girling entre o público feminino, transformando-as em verdadeiras guerreiras.



Belladona

MC/Rapper/Cantora

Brazlândia – DF

Siga @belladona_oficial

BellaDona é uma rapper brasileira, cantora, compositora, escritora e assistente social.

Sua família é indígena mas Tati é natural de Brasília, nascida em Brazlândia.

Tatiane Nunes Lima, começou no mundo musical cantando na igreja ainda criança. Já na adolescência pelo fato de cantar música gospel, iniciou-se os convites para gravar os refrões de grupos locais.

Assim começa sua trajetória no movimento Hip Hop, como backing vocal e agora como compositora. Pois Tati já recebia notoriedade por escrever poesias, jograis e peças de teatro desde a escola. Por isso a facilidade para se destacar no movimento, pois na época as mulheres eram apenas backing vocal e ela veio compondo suas próprias letras. Não demorando muito se sobressai, e passa de cantar refrões a se tornar MC com suas próprias composições.

Com seu talento ela foi crescendo no rap chegando a ter reconhecimento com sua participação na música “Faro Fino” com Cirurgia Moral, a partir daí seu trabalho começou a ser vinculado com nomes grandes do rap de Brasília (Dj Jamaika, Relato Bíblico, Atitude Feminina, Viela 17, Voz

sem Medo etc).

BellaDona passando por muitas trajetórias lança a Mixtape “Por amor as moedas” e a partir daí começa sua ascensão no rap, entrando para a banca Kamika-z projeto onde envolve grupos como Tribo da Periferia, Look, 3 Um Só, Face Oculta etc.

Considerando a Kamika-z sua virada de página, BellaDona tem sido uma mulher de destaque no rap sendo citada como referência musical por vários artistas.

Como em todo Brasil as mudanças chegaram, o rap da capital também mudou de várias formas, uma das mais significativas vieram com estilo diferenciado e necessário.

BellaDona traz a junção de histórias vividas, relacionamentos, reflexões, empoderamento, a liberdade e o cotidiano do jovem na periferia mostrando a realidade suburbana. Com vocal forte e impactante, rima sob bases que percorrem os estilos gangsta rap, dirty south, r&b, o funk, o bass (gravão) cultuado pela nova geração, reúne pensamentos e batidas expressivas.

O primeiro disco “A Flor da Pele” consolidou o nome BellaDona no rap nacional, foi produzido pelo rapper Duckjay (Tribo da Periferia) o videoclipe “Recalque” foi aclamado por vários artistas sendo considerado um vídeo a frente do tempo. O disco apareceu em diversas listas elaboradas por críticos e jornalistas entre os melhores lançamentos do ano e obtiveram uma excelente aceitação, juntas somam 50.000 milhões de visualizações no Youtube.

A história da BellaDona já foi contada em um documentário chamado “Elas na Rima”.

Durante a pandemia fez Lives e Shows Online por Ruas, Palco em Cena, Budweiser House, Fica em Casa.

O disco “Madame”, lançado em 2020, na pandemia, vem com a faixa de mesmo título, sendo o carro chefe do disco, a música abrange sobre a mulher ser empoderada, confiante, determinada, não ser tratada como produto, independente e poderosa. Vivências intensas, assim como o álbum todo apresenta.

A música “Coração de Neon” está no filme do mesmo título. CORAÇÃO DE NEON

“Um longa-metragem brasileiro, dos gêneros drama e ação, escrito e dirigido por Lucas Estevan Soares e produzido por Rhaisa Gonçalves.

O filme foi exibido pela primeira vez em 7 de abril de 2022 no Cinemark Memorial City, em Houston (EUA). A partir daí participou de diversos festivais nacionais e internacionais, estreando nos cinemas brasileiros

no dia 9 de março de 2023.

Coração de Neon recebeu várias indicações, sendo premiado no Festival Internacional de Cinema de Moscou, na Rússia, no Festival Internacional de Cinema de Houston (WorldFest Houston), nos Estados Unidos, e no FestCine Pedra Azul, no Espírito Santo.

A trilha sonora compõe o filme que foi lançado em 2023.

A história da artista vem sendo contada pela mesma, em palestras que realiza dentro de centro de internação, através da sua profissão sendo Assistente Social.

Seus últimos feitos, Belladona escreveu a introdução do livro “A flor do Sol” do escritor Doutor Portela, se apresentou online nos programas UnbTV, Projeto Rap, Atendimento Socioeducativo de Londrina- Paraná. Foi jurada no Festival Valor Periférico. Homenageada no Mural na Ceilândia que conta a história do Rap do DF. Fez música para propaganda da Budweiser para a Copa do Mundo e ganhou o prêmio Q.I. de artista referência em 2024.

Belladona em maio de 2024 sofreu um acidente de carro, onde passou por muitos traumas e ainda segue se recuperando, usou dessa situação para ser um “gás” para dar continuidade aos seus trabalhos.

“ Hoje sinto que passei apenas por um obstáculo, que foi vencido, pelo querer de Deus, pois não foi fácil”. No momento Belladona está em estúdio terminando o Quarto Disco “Senhor e Senhora Smith”



Nay Luz

MC/Produção/Conhecimento

Ceilândia - DF

Siga: @nayanex

Nascida em Ceilândia, proveniente de uma família de nordestinos e mineiros, Nayane sempre almejou um futuro melhor, afirmando: “Vou fazer algo grande”. Essa determinação moldou sua trajetória de vida, que é marcada pelo desejo constante de adquirir conhecimento e entender a vida por meio dos espaços e das pessoas que a cercam. Estuda e pesquisa saúde mental dos artistas do Distrito Federal.

Em seu currículo, Nayane reúne diversas habilidades, incluindo artesã, cosmetóloga, comunicadora, articuladora social, terapeuta comunitária, empreendedora, produtora cultural, poeta e mestre de cerimônias. Nayane é produtora cultural, terapeuta comunitária, agente cultural e mobilizadora com forte atuação nas ações sociais do Distrito Federal. Com raízes em Ceilândia, ela é fundadora da Cangaço Produções Periféricas e co-fundadora da Propro Produções, coletivo de mulheres pretas periféricas que atuam em diversos setores culturais. Com vasta experiência no movimento Hip Hop do DF, Nayane está à frente da construção do inventário do Hip Hop local, unindo sua paixão pela cultura urbana e pela preservação da memória artística. Além de produzir eventos, ela escreve projetos e oferece suporte a diversos artistas, ajudando na criação de

portfólios e CEAC, fortalecendo a presença da arte periférica no cenário cultural.

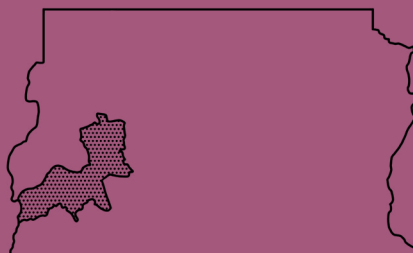
Coordena o projeto e é CEO da marca Odara Melanina, sempre integrando arte, cultura e saúde mental em suas ações. Reconhecida por sua atuação em eventos como Porão do Rock e Bienal do Livro, Nayane é também uma voz ativa em debates sobre empoderamento e inclusão. Seu trabalho foi premiado com o Prêmio Mulher Negra da Cultura FAC 2022, e ela segue mobilizando e articulando redes de artistas, com o objetivo de ampliar e valorizar o legado do Hip Hop no DF e o impacto social da arte na comunidade.

*Thabata Lorena
Rodríguez Marion
Dona Gi
Ísis Zavlyn
Bratz
Lorak (Lork)
Mamá
Prix Paixão
Bekka MC
Nati
Amanda Antunes
Majestosa
Amanda Owls
Dj Rachel
Miah (Raissa Miah)
Najuh
Janna
Janine Mathias
Dree-k
Rose
Meimei Bastos*

REGIÃO SUDOESTE

Quebradas

Águas Claras, Recanto das Emas, Samambaia, Taguatinga e Vicente Pires.





Thabata Lorena

MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento

Taguatinga sul -DF

Siga @thabata.lorena

Sou maranhense de imperatriz do MA, cheguei em Brasília retirante, migrando do nordeste com o sonho de melhoria de vida na capital, viemos pra samambaia onde conheci o rap do DF na expansão da norte, o rap mudou minha visão de mundo, foi minha escola, ainda mais pra mim que abandonou os estudos tão cedo. Em 2004 comecei a rimar, fiz parte da formação da primeira roda de frre stayle do DF (salvo engano) os MC's de classe, compondo a roda até 2009, amadurecendo meu trabalho vocal. Com a chegada do meu primeiro filho em 2009 me descobri arte educadora nas escolas do Sol nascente atuando no ensino de cultura afro-brasileira conforme as leis 10.639/03 e 11.645/08, o hip hop sendo linguagem método e fim pra minha atuação na educação crítica e formação de multiplicadores sociais. Me voltei pra produções de arte e cultura tradicional compondo o coletivo Mercado sul vive, na linha de valorização de saberes tradicionais pesquisa que até hoje compõe minha produção musical, em 20214 o primeiro álbum e em 2017 o DVD novidades ancestrais. Em 2021 veio o projeto Dona Imperatriz que impulsionou 8 carreiras de cantoras do DF, um projeto formativo sobre a cadeia da música e gestão de carreira investimento feito em carreiras proeminentes na nova geração do rap

DF, esse é meu jeito de fazer hip hop oferecer pras manas, as estruturas que aprendi a utilizar esse projeto teve apoio da secretaria de cultura e já tem a segunda edição confirmada. Esse ano tem lançamento, vou lançar um disco num espetáculo de teatro com orquestra, figurinos fantásticos e tecnologia, convidado a periferia a ocupar os espaços consolidados de cultura e arte, SET é um experiência sensorial que vai levar a periferia na máquina do tempo para futuridades afro-brasileiras.



Rodrigues Marion

*MC/Rapper/Graffiti/Produção Cultural/Literatura de Rua
Taguatinga sul -DF
Siga @vulgomarinao*

Tenho minha trajetória iniciada pelo meu nascimento que já vem de quebrada, criado em QnQ na Ceilândia norte desde 1992 e já familiarizado com o rap e o graffiti e com o teatro representando as figuras importantes do graffiti que foram criminalizadas. Desde então me apaixonei pelo teatro e pela arte de rua ao mesmo tempo e com isso veio os saraus de poesia que me permitia expor minhas escritas que antes eram só minhas e já faziam parte de várias realidades além da minha. Quanto tive consciência de que já não se tratava mais só de mim e da minha história, foi que aprendi a andar em coletivo e que várias histórias juntas formam uma comunidade mais forte e capaz. E foi quando comecei a participar de coletivos como sarau-vá, slam das minas, comboio percussivo, entre vários outros até hoje com a Transcrew que é um coletivo de grafiteiros trans.



Dona Gi

MC/Rapper/Cantora

Samambaia – DF

Siga @ddonaggi

Sou parte da cultura e iniciei a carreira aos 14 anos !

Com o grupo Cenáculo, segmento gospel!

Em 2009 Participei do grupo As foras da lei !

2011 dei início à carreira solo !

mais de 100 músicas entre participação e solo.

Dona de casa, mãe solo, mas com muitos sonhos e muita coragem pra enfrentar a vida...

Em minhas letras falo, sobre traumas, protesto, amor, empoderamento, um vendaval de emoções vividas e sofridas ...

Sempre quis mostrar a força da mulher preta e que a desigualdade social não prevaleça.

A voz tem que ser ouvida em todos nós cantos...

Resistência, lealdade, fé e esperança!

Sou forte, sou guerreira, sou a mulher brasileira...

25 anos ...



Isis Zavlyn Bratz

*MC/Rapper/Cantora/Produção/Literatura de Rua
Taguatinga – DF
Siga @isiszavlyn*

Me chamo Isis Zavlyn, sou uma travesti preta, nascida e criada na M-Norte, moro em Taguatinga-DF, sou uma artista independente e periférica que desde de pequena esteve inserida no âmbito da arte. Já realizei diversas apresentações e

Particpei de vários projetos culturais, sou a idealizadora da Batalha do Grude 1º batalha de rap voltada ao público LGBTQIA+. Hoje, estou fomentando a minha carreira solo com o intuito de transformar e inspirar vidas com a minha arte. Atualmente sou integrante da casa de Laffond onde carrego o título de Princesa da Casa. (Cultura Ballroom).



Lorak/Lork

MC/Rapper/Cantora/Graffiti/Produção/Conhecimento

Samambaia – DF

Siga @Karolyнетuyane

Karolyne Tuyane, 28 anos, natural de Paraíso do Tocantins (TO), residente de samambaia -DF, conhecida nas batalhas como MC Lorak. Assistente Social formada pela Universidade de Brasília (UnB), teve seu primeiro contato com as batalhas de rima na UnB, na Batalha da escada onde foi realizada uma batalha exclusivamente para mulheres no final de 2015. Desde então nunca mais se afastou do ambiente, após algum tempo entrou para a organização da Batalha das Gúrias (BdG), uma batalha exclusivamente feminina que visa o empoderamento feminino e a ocupação de espaços que são majoritariamente masculinos. No qual faz parte da organização até os dias de hoje. Após algum tempo na organização da BdG, também fez parte do coletivo batalha da escada durante quatro anos, realizando batalhas semanalmente na UnB, com a intenção de promover a cultura de resistência negra e periférica que é o Hip-Hop dentro do ambiente acadêmico. Entre as batalhas que já participou se destacam em eventos de Hip-hop, como o Hip-Hop contra a fome, Elemento em movimento, eventos de valorização e proteção da vida de mulheres, Green Moove, entre outros. No início de 2018 começou a se aventurar no mundo do grafite, assinando Lork, uma arte de rua que a cada dia tem conquis-

tado mais seu espaço e coração pela representatividade e resistência que possui, assim como o movimento Hip-Hop no geral. Acredita que o Hip-Hop é um movimento social de luta e transformação que tem a capacidade de emancipar todos aqueles que realmente se dispõem a entender sua essência. Samambaia é uma quebrada que sempre abraçou o Hip-Hop, e existem alguns pontos que são referência para esses encontros, como o complexo cultural de samambaia, galpão do riso, imaginário cultural(-que está fechado por falta de incentivo e investimento) e o parque três meninas.



Mamá

Produção

Recanto das Emas– DF

Siga @projektorapdf

Marcilene Gomes é Produtora Cultural, arte-educadora, estudante de Pedagogia, Palestrante, Diretora Artística do Projeto RAP (Ressocialização, Autonomia e Protagonismo) e coordenadora do saudoso Espaço Cultural Ubuntu. É idealizadora, colaboradora, arte-educadora e acolhedora de diversos projetos pedagógico/culturais voltados ao empoderamento da juventude preta e empobrecida do Distrito Federal e Entorno, dentre eles destacam-se o Sarau da Falsa Abolição, Sarau Ubuntu, Sarau Calian-dra, Sarau Só o Carçoço, Sarau Dá a Voz, Projeto RAP, Slam Afronta, Slam Quebrada, SlaMais Direitos, Risco na Quebrada, Despejo Poético, Batalha Sagrada, Batalha das Gurias, Escola do Flow, Escola de Formação da Família Hip Hop, Festival de Música da UISM, dentre outros. Por meio do Espaço Cultural Ubuntu conquistou os prêmios Cultura e Cidadania 2016 e Elemento 5 em 2017. Pelo Projeto RAP conquistou os prêmios Itaú Unicef (2017 e 2018), Prêmio de Práticas Inovadoras nas Escolas Públicas do Distrito Federal (2020), Prêmio Cultura Brasília 60 (2020), Prêmio BSB 2060 (2020) e o Prêmio Valor Periférico nas categorias Hip Hop Social e Menção Honrosa (2023). Mamá começou sua trajetória no Hip Hop como amante da cultura. Em curto espaço de tempo, passou de amante a mili-

tante e de militante a produtora. No ano de 2013 fundou o Sarau da Falsa Abolição que acontece, anualmente, na garagem de sua casa no Recanto das Emas. O Sarau acontece sempre próximo ao 13 de maio e tem o propósito de dar visibilidade à luta histórica da população negra em busca de sua emancipação, se contrapondo a narrativa que coloca a Princesa Isabel como heroína. O sucesso do Sarau da Falsa Abolição foi tamanho que a garagem da Mamá ficou pequena. Então, em 2015, surgiu a ideia de criar um ponto de encontro da juventude negra periférica dando origem ao Espaço Cultural Ubuntu. Entre os anos de 2015 e 2017 Mamá e sua equipe conseguiram colocar o Recanto das Emas no mapa da Cultura do Distrito Federal por meio do Ubuntu. Foram dois anos intensos e potentes nos quais o Espaço Cultural Ubuntu se consolidou como espaço para promoção da arte, educação e fruição, promovendo trocas de saberes a fim de fortalecer identidades e gerar integração entre a comunidade, culturas, artistas, passantes e curiosos em prol da construção de um mundo melhor. No Ubuntu Mamá e sua equipe promoveram a arte por meio de saraus, apresentações, exposições e ensaios. Também foram realizadas trocas de saber por meio de oficinas, formações e reuniões comunitárias. Essas ações foram realizadas junto a um aconchegante espaço literário com a biblioteca comunitária, acompanhado de um bar lanchonete para ter aquele momento para conhecer e conversar com as diversas pessoas! O Ubuntu existiu por causa do reconhecimento da comunidade, recebendo apoio de diversos grupos e coletivos. O nome Ubuntu vem da filosofia africana que tem como princípio compaixão, partilha, respeito e empatia; trata-se da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras. Uma pessoa com ubuntu tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são diminuídos, oprimidos. Atualmente Mamá é Diretora Artística do multipremiado Projeto RAP (Ressocialização, Autonomia e Protagonismo) que vem promovendo, desde 2015, a transformação de trajetórias de vida de adolescentes em condições de vulnerabilidade social, por meio dos quatro elementos da cultura HIP HOP (DJ, MC, Graffiti e Break) aliados ao 5º elemento (o conhecimento). As ações pedagógico/culturais do projeto, a princípio, estavam voltadas para os socioeducandos da Unidade de Internação de Santa Maria. Porém, após receber várias premiações e ser reconhecido internacionalmente, hoje o projeto conta com aportes financeiros que permitiram ampliar as ações ofertando intervenções em outras unidades socioeducativas, nas escolas regulares além do acompanhamento de egressos do Sistema Socioeducativo.



Prix Paixão

DJ/Breaking/Danças Urbanas

Samambaia e Riacho Fundo II – DF

Siga @Prixpratikkaa

Sou a Priscila Paixão, conhecida no mundo artístico como Prix. Conheci a cultura Hip Hop em 2007 através de uma apresentação de Rap feita pelo Markão Aborigine na escola Centro de Ensino Fundamental 120 de Samambaia. A escola em que estudava na época. Minha participação em uma primeira oficina de Hip Hop foi na residência do Markão, na garagem da casa dele. Era ele mesmo que ministrava as aulas, por meio dessa iniciativa que conheci a dança Breaking. Por intermédio do Markão Aborigine, conheci outras pessoas que praticavam breaking, Bboy Japão e Bboy Edy, que juntos tiveram a iniciativa de formar um grupo de Breaking chamado “Original Stylers” e eu fui uma das integrantes convidadas a se juntar a eles. Minha primeira crew de breaking. Começamos a treinar na calçada da loja Castelo Forte da Samambaia Sul, pois naquele tempo não tinha espaço para a prática da Dança Breaking. Mas depois de termos sido assaltados no treino, conseguimos um local para treinar chamado Instituto IACC. Fui integrante do grupo até o ano de 2010 quando o grupo resolveu encerrar suas atividades. Infelizmente a prática por mulheres na dança breaking é pouca, naquele tempo apenas três Bgirls faziam parte do grupo, mas somente eu dei continuidade. Lembro que

Eu e os outros integrantes do grupo ficávamos ansiosos para todo o primeiro sábado do mês ir prestigiar o movimento da cultura hip hop, 'O ENCONTRO DE BBOYS E BGIRLS' em Brasília que acontecia no CONIC, era o encontro das crews, das Bgirls e dos Bboys dançando, rachando e se divertindo. Era hilário as performances e os rachas/batalhas que aconteciam naquele encontro. Foi histórico e único!!! Lembro de uma batalha realizada no Sesc 3vs3 em que vi duas Bgirls batalhando (Bgirl Angela do SoulGhetto Style e Bgirl Hellen) que me inspirou muito. E lembro dos grupos de Bgirls na época do encontro rachando "Soul Guetto Style e Brasil Style Bgirls". Tenho uma grande recordação do DVD de breaking que meu irmão me deu dessa Batalha do Sesc e da RedBull Bc one 2005, eu assistia tanto aqueles DVDs. Em 2009 comecei a fazer oficinas de Breaking e Hip Hop na Praça do Cidadão na Ceilândia no programa Jovem de Expressão, com o Bboy Fuzzy e WillOcking. Foi a melhor época do Jovem de expressão, éramos incentivados a estudar, praticar e conhecer a cultura Hip Hop. O local fornecia passagens e lanches, e eu ficava o dia todo por lá. Foi o local onde muitos Breakers evoluíram e conseguiram conquistar vários títulos nacionais e até mesmo internacionais. Em 2010, Eu, juntamente com outras Bgirls (Guida e Borninha) resolvemos fundar o grupo "Beat of the Soul" (Batida da Alma), que tinha como intuito incentivar a dança bgirling e a união de bgirls. Praticamente éramos as únicas Bgirls que treinava no Jovem de Expressão. E naquele tempo infelizmente o grupo Soul Gueto Style tinha acabado e então só tinha o grupo Brasil Style Bgirls no DF. Com a prática da dança Breaking, muito treino e incentivo de várias pessoas, neste mesmo ano eu fiquei em primeiro lugar em um dos maiores campeonatos de São Paulo chamado Battle of the Year. Pra mim foi um MARCO, foi onde eu vi que todo meu esforço valeu a pena. E que realmente eu tinha me encontrado. Voltar para casa com um troféu, experiência e várias histórias foi um incentivo para várias pessoas e principalmente para mim. O FuzzyBoy juntamente com outras pessoas organizam excursões para campeonatos renomados e dentro de uma oportunidade dessas vários Breakers conseguiram viajar e trazer títulos para Brasília. No mesmo ano fui convidada a fazer parte da Cia de Dança New Old Schol, através dessa cia tive contato com outros estilos de danças urbanas, participamos de vários festivais de danças e campeonatos como o Rota Convida 2010 em que conquistamos o primeiro lugar. Consegui conquistar vários títulos em campeonatos nacionais e internacionais. Em 2012 deixei de fazer parte do grupo Beat of the Soul, minha primeira crew formada apenas por mulheres, que foi o meu refúgio durante muito tempo. Minhas sistas, minha família, várias lembranças

ças e evoluções juntas, fomos resistência por muito tempo e parceiras em vários campeonatos. Levo todas no meu coração, fizeram parte do meu crescimento e da minha história. Em 2014 entrei no Grupo Brasil Style Bgirls, através de um convite feito em uma apresentação no Dia Internacional da Mulher e neste mesmo ano comecei a praticar o Disk Jockey com o Dj Liso, meu professor de longa data. Viajei para campeonatos internacionais como - Outbreak/IBE/Catch The Flava/FootWar. Infelizmente com o tempo acabei lesionando o meu joelho e como amo a cultura Hip Hop, o meu pensamento foi e é sempre permanecer na cultura Hip Hop, e nesse tempo o DJ chegou para somar e ampliar os meus conhecimentos. Acompanhei alguns artistas no decorrer da minha carreira, entre eles estão Markão Aborigine e Rebeca Realaleza. Realizei apresentações nos eventos Latinidades, Sesc Garagem, Ruas convida, Batom Battle entre outros eventos de Breaking.

Em 2019 realizei o projeto ELAS AGITAM, voltado para formação de DJs mulheres. Oferecia oficinas para as DJs de várias cidades satélites. As oficinas foram realizadas no espaço Cultural Imaginário na Samambaia e o seu encerramento no Complexo Cultural da Samambaia. O projeto foi muito positivo e um incentivo para várias outras pessoas realizarem projetos voltados ao DJs. Em 2022 juntamente com o meu grupo Brasil Style Bgirls, fomos convidadas a participar do Aniversário de 40 anos da Nike AirForce, foi um grande reconhecimento e valorização do nosso trabalho receber um convite tão grande como esse. Atualmente faço parte do grupo Brasils Style Bgirls, Sou formada em Educação Física e pós graduada em Treinamento Desportivo, tenho uma filha linda que também tem muito amor pela dança. Continuo atuando nessa cultura maravilhosa do Hip Hop, participando de campeonatos, eventos, palestras e tentando ocupar espaços. Sou grata pelas oportunidades que se abriram na minha caminhada e principalmente pelos lugares culturais e institutos que abriram as portas para treinos. Hoje na cidade em que moro Riacho Fundo 2 ainda não conheço pontos culturais, mas na Samambaia temos o Complexo Cultural, Galpão do Riso, Skate Park e também tinha o Espaço Imaginário que foi um dos lugares que treinei por muito tempo com a minha crew "Beat of the soul". Deixo aqui minhas indicações ... Bgirl Guida; Bgirl Borninha; Bgirl Kelly; Bgirl Etienne; FabGirl; Bgirl Tay(Águas Lindas); Bgirl Tuka; Bgirl Angela; Bgirl Hellen; Dj Ketlen; Dj Donna; Dj Janna.



Bekka MC

*MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento/Literatura de Rua/Fotografia
Samambaia- DF*

Siga @souabekka ou @nerddoguetto

Tive meu primeiro contato com rap no Jovem de Expressão, eu era pirralha, 13 anos. Através do break e rimas. Em 2014 quando a BDG (Batalha das Gúrias) começou a organizar as batalhas e proporcionar espaços para mulheres poderem rimar e com regras que não ferisse as mesmas (respeito). Eu vi ali uma oportunidade de sair da plateia e ir pro mic. Não só pra mim, mas para todas as mulheres que sempre ficavam ali na plateia durante as outras batalhas do DF. Onde a maioria (90%) eram homens, rolava muitos preconceito e desigualdade de gênero no conteúdo das rimas nas batalhas. Isso deixaria a mulherada desconfortável e pouco confiante para encarar. Por mais talento que tivesse, isso era menosprezado. E sempre que eu ia, fui tendo contato com o rap, hip hop, dialeto de rua e acesso a vivências que viviam disso. Anos depois, me aproximei das organizadoras da BDG e tenho acompanhado de pertinho o incrível trabalho que elas realizam para expandir e valorizar as mulheres e pessoas trans na cena do DF e entorno. E, é incrível. Sempre que rola um evento me coloco a postos para o que precisar porque realmente o que me motivou lá trás, motivará outras mulheres a se expressarem e ocuparem espaços que elas querem estar. Participo do Sarau da Quarta, que aconteceu ali

no cio das artes (PSUL - Ceilândia). Moro na Samambaia Norte, um dos pontos semanais é a batalha do metrô, na estação terminal. E, o querido centro cultural localizado ali na 302. Sempre que precisamos, conseguimos marcar agenda para utilização do espaço.



Nati

Graffiti

Recanto das Emas e Ceilândia- DF

Siga @naianatti

Iniciei no graffiti no ano de 2006, na época por ter tão poucas mulheres na cena e as informações serem mais na internet eu não tinha tanto recurso, eu conheço o graffiti através de uma revista da época chamada revista graffiti da editora escala, eu já me interessei de cara, mas eu só comecei de fato a ir para a rua quando eu conheço outra mulher grafiteira a Miah, juntas vamos para a rua e começando a pintar, criamos um grupo somente de mulheres chamado SRA Spray Rosa Attack Crew, as integrantes eram, Nati, Miah, Nuna, e a cunhada da Miah na época, nesse período tinham Dona, Fê8, Maga, Kel, Star, Lola, e outras que não vou lembrar os nomes, minha memória falha, com o tempo foram surgindo muitas outras mulheres na cena e foi um crescimento até chegar os dias de hoje, em 2006 me senti bem recebida pelos homens na cena do graffiti, hoje que eu vejo um retrocesso, mas juntas mesmo sendo poucas éramos unidas e sempre que conseguimos nos encontrar para pintar era muito legal, eu participei de diversos eventos de graffiti em Brasília entorno e fora de Brasília, nunca parei de pintar, teve ano que pintei pouco, mas sempre consegui me manter na cena, eu sempre amei muito na rua pintando, nesse meio tempo em Brasília nunca teve um evento somente de mulhe-

res do graffiti, na verdade o primeiro a ter foi um mutirão organizado pela Michele cunha, a anos atrás não lembro o ano exato e depois outras manas em 2022 fizeram com o mesmo nome dado por Michele cunha o evento com o fundo do FAC, acho que essa edição com o fundo do FAC deva ser a 3 edição que teve apoio de fora (posso estar errada em alguma informação, afinal estou falando de fora e contando com minha memória ruim) estou a 17 anos e somente esse evento até hoje, somos muitas mas ainda falta um olhar para com nós, hoje eu trabalho com arte digo isso porque eu não consigo vender meu graffiti na rua para clientes, eu vendo minha habilidade com spray e o cliente escolhe a arte e o desenho que ele quer, ainda não consegui fazer o que faço na rua de graça e fazer o mesmo e ser paga por isso para clientes e empresas, espero no futuro conseguir, trabalho com ilustração tradicional digital, pinto tela, madeira, faço produtos com minhas artes como print, bottons, marca magina, espelho de bolso, produtos com minhas artes originais, organizo um evento juntamente com meu marido que também é grafiteiro Soneka, o Circuito Muralha um evento que visa revitalizar prédios em cidades periféricas, possibilitando que artistas periféricos possam pintar em grande escala painéis de graffiti, a primeira edição foi no Recanto das Emas em 2022, eu meu marido e outro artista do graffiti criamos uma graffiti shop em 2020, uma loja especializada na venda de artigos de pintura para grafiteiras, a loja fica em Ceilândia norte, nossa visão é levar material de pintura de qualidade com preços acessíveis, é difícil empreender mas seguimos na luta, no ano de 2021 eu fui selecionada a participar do Meeting Of Styles, maior evento de graffiti do mundo, aqui no Brasil ele ocorreu em Palmeira no Paraná, eu fui a primeira mulher do Distrito Federal selecionada até então, me senti feliz por ter conseguido participar desse evento, eu já estava grávida e não sabia na época, como grafiteira a 15 anos foi um momento de comemorar minha jornada.



Amanda Antunes

Conhecimento

Samambaia - DF

Siga @amandaarso

Sou Amanda Antunes, tenho 29 anos e moro em Samambaia (Brasília/DF). Sou mãe, antropóloga e fotógrafa. Minha história com as mulheres do rap do Distrito Federal começou em 2015 e se desdobrou por meio de projetos de pesquisa na área de Antropologia. Em 2015, quando eu ainda cursava graduação em Antropologia na Universidade de Brasília, surgiu o interesse em criar um projeto de iniciação científica. Inspirada pela linha de pesquisa apresentada pela professora Fabiene Gama, minha orientadora naquela época, elaborei um plano de trabalho que, em linhas gerais, visava investigar a atuação de mulheres em grupos urbanos engajados em ações políticas. Através desse projeto inicial, comecei a explorar o universo das mulheres do rap de Brasília, buscando compreender suas identidades, expressões culturais e formas de resistência. De 2015 a 2018, pude me dedicar exclusivamente a esse cenário de pesquisa. Foi uma imersão profunda que me permitiu compreender as múltiplas camadas de significado e importância do hip-hop para as mulheres. Essas, em sua maioria negras e periféricas, contribuem para manter o movimento hip-hop vivo, forte e pulsante em diversas regiões administrativas de Brasília. Pude notar uma rede dinâmica e bastante expressiva de mulheres pro-

tagonistas do Rap. Conheci e acompanhei ações de mulheres que atuam não apenas como rappers, mas também como produtoras, cinegrafistas, organizadoras, MCs de batalhas de improviso, instrumentistas, poetas/slammers e outras. Estive com mulheres de diversos coletivos/grupos, como a Frente Feminista Periférica do Coletivo ArtSam, o coletivo Donas da Rima, Dona Filmes, Slam das Minas e Batalha das Gurias. Realizei entrevistas, trabalho de campo, fotografias e análises das diversas produções dessas mulheres. A fotografia foi uma ferramenta poderosa para documentar e valorizar as histórias que eu vinha conhecendo ao longo do projeto. Através das imagens, busquei transmitir não apenas suas lutas e resistências, mas também a beleza, a energia e a união que permeiam o universo do hip-hop e rap nas periferias de Brasília. Dentre trabalhos publicados, destaco a conclusão de curso que compilou fotografias e reflexões feitas no âmbito da pesquisa, com o título “Mulheres do rap: uma antropologia compartilhada sobre agências, performances e identidades nas periferias Brasília” (2018). Durante esse período, vivenciei muitas experiências marcantes, das quais destaco a oportunidade de fotografar os bastidores do show de 25 anos de carreira de Vera Verônica. Além dessa vivência, tive a oportunidade de trabalhar e acompanhar o nascimento do projeto “Slam Qbrada”, idealizado por Meimei Bastos. Tive a felicidade de participar de algumas de suas produções, fotografar suas performances, conhecer histórias e, assim, fazer parte do movimento. Através dessas experiências, pude perceber o potencial transformador da cultura e da arte como ferramentas de empoderamento e construção de identidades coletivas.



Majestosa

MC/Rapper/Cantora/Conhecimento

Samambaia - DF

Siga @majestosa_ofc

Sou a MC Majestosa (Kelly Cristina de S. Arruda). Iniciei minha carreira no Rap em 2020, mas, meu primeiro contato profundo com a cultura hip hop e com o Rap, foi em 2019, quando eu cumpria medida socioeducativa, onde tive contato com o Projeto Rap, foi lá que me aprofundi e quis levar pra minha vida como uma carreira, sou uma jovem que fui nascida e criada no Guará com Minha mãe, onde morávamos de favor na casa de um dos chefes da minha mãe, pois ela sempre foi diarista, sempre trabalhou muito, nos manteve (eu e meus dois irmãos) com seu salário..., mas, dai, acabei me perdendo, na verdade não só eu, mas meus irmão também e acabamos nos envolvendo com o crime, por passarmos muitas dificuldades, outro fator, foi o racismo que passei na escola, devido ao meu cabelo, da minha cor de pele, que na época eu não sabia lidar... quando eu tive contato com o Rap, achei ali um lugar e uma forma de me desabafar, me sentia bem, eu tinha mesmo liberdade de expressão, na real encontrei isso no Rap... Dai decidi levar a sério como uma carreira, hoje sou uma artista, estou longe da criminalidade, sou atriz e tenho músicas lançadas, poesias e livros escritas em livros, já recebi prêmios... Hoje tenho o Rap como a salvação da minha vida, me tirou de vários lugares profundos de

onde achei que nunca sairia,... E ele me salvou.

Hoje sou mãe, meu filho tem um ano e cinco meses, crio ele com muito orgulho atualmente faz várias apresentações, o Rap já me traz renda e tenho o Rap como uma conquista muito grande já me apresentei em, escolas, projetos sociais, saraus, slam,s e festas no Distrito Federal e Entorno e participei da Coletânea Projeto RAP Volume 4. Sou artista que compõe o Projeto RAP, prazer, sou majestosa.

node tado no evento Bora Dá Po REmas-



Amanda Owls

Graffiti

Samambaia Norte - DF

Siga @amandaowls @lumeowls

Sou Amanda mãe artista, tatuadora, graffiteira e educadora social conhecida como Owls por conta do Graffiti, conheci esse movimento ainda criança pelo meu irmão que tinha alguns amigos graffiteiros, logo criança fiquei encantada com essa arte mas só alguns anos depois comecei a entender e ir em alguns eventos inicialmente de break , depois algumas batalhas de mc's e aos poucos fui conhecendo o graffiti e resgatando o encantamento que tive quando criança , conheci algumas pessoas que foram cruciais para que eu me envolvesse com essa arte , através de um amigo conheci o Soutto que me deu algumas dicas , Turko, Dj Léo Zulu e pouco a pouco fui adentrando esse universo, fui chamada para participar da crew Caligrafia Mardita percussora do Sarau da Cm que hoje é o Sarau Voz e Alma, pouco tempo depois fui conhecendo algumas mulheres que já trilhavam essa caminhada e me identificando cada vez mais. O Graffiti me proporcionou conhecer muitas pessoas, e lugares, como São Paulo onde participei do Graffiti Queens, Bahia no evento Bahia de Todas as Cores , Belo Horizonte no evento Delas , Rio de Janeiro, Curitiba dentre outros lugares levando minha arte e principalmente na minha cidade e no entorno do DF , desde de 2011 nesse meio e desde de 2017 como educadora

ensinando graffiti para crianças e jovens em áreas de grande vulnerabilidade social , em 2019 fundei o espaço Cosmos Treze onde a ideia inicial seria ter oficinas e outras atividades voltadas para a comunidade mas por conta da pandemia tem funcionado somente como meu estúdio de tatuagem onde também trabalho a alguns anos.



DJ Rachel

*DJ/Produção/Conhecimento/Rádio Comunitária e TV Cultural Periférica
Recanto da Emas – DF
Siga @edivaniarachel*

A paixão pela música, me fez tornar Disc Jockey (DJ). As Divas da Black Music que escutei nas ondas sonoras do rádio mostraram-me a importância de suas vozes como empoderamento feminino, e hoje penso que mais mulheres artistas devem ocupar todos os espaços da comunicação: palcos, rádios, tvs, jornais, e até suas histórias devem ser contadas por meio de poesias. Quando saí da Escola de DJ - DJ Academy Brasil, situada em Taguatinga-Sul, havia pouquíssimas mulheres no cenário de discotecagem do DF, mundo onde a sua maioria eram de DJs homens. A sensibilidade do meu Professor DJ, Theo Andrade, na escola, incentivava a formação de mais mulheres DJs no mercado de trabalho, e isso fez toda a diferença na minha vida como DJ de luta que sou: um misto de técnica, repertório criativo e ativismo dentro da profissão DJ. Além do aprendizado obtido com meu professor, fui contemplada com recebimento por parte dele de uma bolsa de Curso de DJ (nível básico) em 2006, por meio de uma Rádio Comercial local, com apoio de um jurado (DJ Fabinho Tila) que observou minha capacidade de pesquisadora sobre bom gosto musical e paixão pela música eletrônica. Ambos os profissionais DJs (professor e jurado) abriram portas de conhecimento para uma mulher quebrar pa-

radigmas e preconceitos em uma profissão ditada somente para homens na época. Em meio a diversas apresentações em boates, ser DJ em projetos sociais e lutar pela causa do DJ em diálogos com Sindicatos de DJs de todo Brasil, momentos que mostraram-me que as lutas dos trabalhadores da cultura é uma só. De todos os trabalhos artísticos que apresentei nas comunidades do Distrito Federal e do Entorno, entrevistar o Movimento Hip-hop do DF no meu Programa de Música Eletrônica em 2023, foi minha maior experiência na lutas por mais mulheres nos palcos. Além de DJ, ser educadora social, arte-educadora, arte-terapeuta, conselheira regional de cultura do meu território, técnica em serviços públicos e membra do Grupo Gestor do Céu das Artes do Recanto das Emas – competências diversas – me deram propriedade para dizer com orgulho que sou uma agente cultural que luta em coletivo pelas causas socioculturais. Sou grata pelos aprendizados como produtora cultural nos coletivos Firma de Scratch, Reflexo das Ruas, Ubuntu, BPM e Positive, todos esses movimentos de cultura urbana e que travaram lutas da juventude negra periférica, público consumidor de música de protesto, espaços e atores sociais, que me ensinaram que palco, produção artística e plateia respiram o estilo de vida Hip-hop, bem precioso de valor social e educativo, imensuráveis, elementos importantes para uma construção de uma sociedade mais respeitosa sobre o Movimento Hip-hop. Obrigada ao Coletivo ArtSam, Ao Quadrilha Intelectual e ao Markão Aborígine pelo Prêmio Hip-hop - Zumbi Edição Descentralizada-, de reconhecimento da obra DJ Rachel e pela contribuição de nosso fazer artístico para comunidade do Recanto das Emas-DF. Obrigada pelo carinho dos meus educandos da Oficina de DJ do antigo Projeto Expressão que percorreu comunidades de vulnerabilidade social de todo DJ, onde me fez crescer muito como instrutora de informática com CTPS (Carteira de Trabalho e Previdência Social). Obrigada ao carinho dos meus educandos da Oficina de Rádio Educativa das Escolas CEF 507 de Samambaia-Sul e Escola Parque da Cidade - Proem, onde me fez crescer muito como educadora social. Obrigada pelo espaço da Rádio Comunitária do Recanto das Emas – Rádio Líder FM 98,1 FM – pela direção do Divino Cândido, por ter me dado o primeiro trabalho como DJ e que abriu tantas outras portas de geração de renda dentro da minha profissão artística. Obrigada ao movimento cultural de diversas regiões administrativas de todo o DF, por confiar em nossas lutas coletivas juntos. Ser DJ me deixou ativa no campo dos estudos sobre políticas públicas culturais (legislação), para sempre atender a coletividade, quando precisamos dar as mãos.



Miah (Raissa Miah)

*Graffiti/Produção/Conhecimento
Recanto da Emas e Taguatinga - DF
Siga @raissamiah*

Comecei na cultura Hip Hop em 2003. Já fazem vinte anos este ano. Quando fui a um treino de break na minha quebrada (Recanto), estava acontecendo em uma escola. Uma amiga ouviu na rádio e fomos. Eu nunca mais saí do Hip Hop e tinha 14 anos. Com o tempo, treinei, me envolvi e conheci mais pessoas. Em um dia de encontro de break na casa de um amigo que fazia aniversário, uma pessoa estava pintando. Eu simplesmente senti vontade de pintar também com ele e logo conheci mais pessoas do graffiti. No primeiro momento, só pensei em experimentar; ele tinha me deixado livre para colaborar e experimentar as latas.

Uma galera da Ceilândia tinha se mudado para o Recanto, e eu passei a ver mais grafites na cidade. Uma crew, do mesmo mano que me abriu para a pintura, pintava muitos murais grandes na quadra onde moravam. Eu sempre gostei de admirar esses murais. Quando estava no ensino médio, saí de estudar em Taguatinga para estudar no Recanto e me aproximei mais de algumas pessoas do skate. Já estava ligada no break e conheci uma mina na escola que se interessava muito por graffiti e fazia alguns pixos. Uma colega da minha sala me apresentou a ela, me passou seu MSN e então ficamos horas falando de referências e pensando em

graffiti. Era uma escola onde eu ia estudar à noite.

Estava com 16 anos e, em uma busca para trabalhar ou me encontrar em algo, fazia curso, estágio, mas me sentia muito insegura, perdida, sem confiança. Então, ia vendo as pessoas que faziam coisas que eu gostava. A arte sempre me atraiu e foi bem intuitivamente. Em algum momento, não sei bem como, passei a pintar com essa mina, que tinha um irmão (bem grande) que apoiava a gente a pintar na rua. Passei a pintar também com aquela galera que veio da Ceilândia e fazia muitos murais em uma quadra mais perto da minha casa. Eles tinham uma pintura bem autêntica e já com técnicas avançadas, gostavam de compartilhar ideias de pintura. Só de ver eles pintando ou poder pintar nos murais coletivos já me inspirou muito.

Passamos a participar de eventos e encontros, e aí conheci todo o pessoal do DF que pintava na época. Eram poucas meninas, umas 3 ou 5, mas conforme os anos foram passando, o número aumentou. Até que, nos últimos 5, 8, 10 anos, a cena mudou muito, e a gente foi entendendo que poderia trabalhar com isso. Quando eu tinha uns 23 anos, trabalhava no comércio e já tinha um filho; tive quando ainda estava no ensino médio. Comecei no Hip Hop no primeiro ano, e no terceiro comecei o graffiti, mas ao mesmo tempo engravidei. Lembro que estudei em umas 3 escolas nesse período; estava meio conturbado, mas tanto o break quanto o graffiti me deram uma sensação muito boa: de autoestima, foco, pertencimento e comunidade.

Tive meu filho aos 18 anos e segui fazendo graffiti sempre que era possível; ele aparecia bem recém-nascido e bebê nos encontros. Aos 22 anos, consegui um contato no graffiti que me mostrou sobre uma oportunidade de bolsa de estudos. Meu filho estava com uns 3 anos e pouco, e eu consegui essa bolsa. Me formei em jornalismo na Católica com bolsa social de 100%. Depois, passei a trabalhar com produção cultural e divulgação de eventos e artistas. Me joguei 100% na arte e na cultura profissionalmente. Entendi sobre empreendedorismo, dei oficinas, lancei produtos com minhas estampas, participei de coletivos, produzi eventos para mulheres e, hoje, sigo minha jornada entendendo como o Hip Hop me formou, formou minha rede, me deu suporte para minha autoestima, meus estudos e meus talentos.

Fico feliz de ver a minha cultura completar 50 anos e também poder colaborar representando meu elemento nos processos e articulações que estão ao meu alcance. Quero que o Hip Hop seja acessível ao máximo de pessoas, como eu fui. Hoje, meu filho se interessa muito pelo rap e prática; está com 16 anos e meu pequeno vive e respira arte junto comigo, me

acompanha nas pinturas e nos eventos. Assim, construí minha família com eles. Meus planos são poder investir ainda mais no meu trabalho autoral, alcançando reconhecimento artístico e continuando a trabalhar com minha área de conhecimento, a comunicação. Só gratidão até aqui. Salve, salve!

Com amor,
Raissa Miah



Najuh

MC/Rapper/Cantora/Literaturas de rua

Taguatinga Norte - DF

Siga @najuh.mc

Meu nome é Ana Júlia, conhecida como Najuh mc. Entrei no universo do hip hop no início de 2022 escrevendo poesias e participando como telespectadora. Mas no dia 02/02/2024 participei da minha primeira batalha de rima como MC Najuh, na batalha da Dimas em Taguatinga Sul, acabei me descobrindo e vendo que é um universo onde eu poderia ser eu mesma e através da minha arte tocar outros corações, entrei em organizações de batalhas (Batalha da Fonte e Batalha da Dimas) e em julho me ausentei para iniciar um lado da minha espiritualidade me iniciando no Candomblé, através das mesmas pude conhecer um outro lado do DF e do entorno, um lugar acolhedor onde eu encontraria pessoas com as mesmas ideias e objetivos que eu. Eu nasci dentro de um terreiro de candomblé e pude conectar ambas culturas idealizadas por pessoas pretas. Tive meu foco principal em atrair um público que tem suas origens em religiões de matriz africana e mulheres negras periféricas. Dentro das batalhas de rima fiz amizades que levo para a vida, conheci diferentes realidades e talentos únicos. Hoje ainda participou de saraus e batalhas de rima, com a ideia de posteriormente criar um evento inclusivo unindo o candomblé e o Hip Hop, sonho em poder pisar no palco do Duelo Nacional e um dia

ser reconhecido nacionalmente kkk. Faz pouco tempo que estou na cena, mas por tudo que vivi sinto que estive presente minha vida inteira. Não sinto vontade de parar e o que me faz permanecer é a vontade de dar reconhecimento a cultura local e mostrar que em Brasília tem cultura sim e que ainda permanece viva. Em Taguatinga existia a batalha do Relógio, na praça central de Taguatinga Centro, mas infelizmente foi encerrada devido à constante perseguição, mas fora ela a Batalha da Fonte realizada na Cascata de água do Taguaparque é um ponto que deveria ter reconhecido por ser uma das batalhas mais antigas do DF e ainda hoje ser o puro underground, ainda lutamos pela volta do teatro da praça que foi sucateado e é um grande ponto de cultura ao lado da biblioteca



Janna

DJ

Taguatinga - DF

Siga @dj.janna

Janaina Sousa, a DJ Janna é pioneira na cultura hip hop, sendo a segunda mulher a se tornar dj de rap no Distrito Federal e inspirando várias outras mulheres a se tornarem DJs nos anos posteriores. Cresceu na Ceilândia, cidade considerada o berço do rap, um dos pilares desta cultura. Janna é uma mulher preta e periférica, sua trajetória é símbolo de resistência dentro de uma cultura majoritariamente dominada por homens, onde mulheres muitas vezes são invisibilizadas. Com muita luta a dj foi conquistando espaço e reconhecimento, através de sua dedicação e profissionalismo, mostrando que as mulheres têm capacidade de ocupar os lugares que elas quiserem. Nos seus 13 anos de atuação DJ Janna já se apresentou em escolas públicas, orfanatos, centro de proteção a mulheres como a Casa Frida em São Sebastião, no Instituto Afrolatinas (rede de mulheres negras brasileiras que atua nas artes, memória, educação e gestão), na Cooperativa dos Catadores de Recicláveis na Estrutural. Ministrou workshop de discotecagem gratuito no Varjão, Sol Nascente, Candangolândia para meninas no Circuito Feminino de Skate, e para senhoras no CEAM de Planaltina. Também fez parte do projeto RAP Solidário que arrecadou alimentos para doar em creches. Além de fazer

parte da programação de eventos voltados para o público LGBTQIAP+. Seu trabalho ao longo dos anos já levou cultura, conhecimento e lazer de forma gratuita para pessoas de cidades com baixo IDH, mostrando que o hip hop em seus quatro elementos (dj, mc, breaking e graffiti) tem a capacidade de levar transformação e esperança para vida de diversas pessoas em vulnerabilidade social.



Janine Mathias

MC/Rapper/Cantora

QNL Chaparrau, Taguatinga Norte- DF

Siga @janinemathias

O RAP entrou na minha vida na adolescência nas ruas da QNL na chaparrau e nos bailes da Smurphie disco Club as festas da Da' Bomb e os bailes na chaparral. Entrei no Movimento Hip Hop Gospel onde atuei em presídios e fiz parte do grupo Verdade Relatada. Nessa fase através do hip hop aprendi a fazer produção de eventos e atuei em redes através dessa conexão em Sobradinho e Planaltina. Depois lado a lado da construção dos MCs de Classe roda de rima na praça do D.I. Gravei com MC Hadda, DJ LM. Meu irmão que hoje é o artista AfroRagga também foi resgatado através da minha história e hoje vivemos dessa cultura tão importante. Considerada uma das novas vozes do cenário nacional, a cantora, compositora, atriz e empreendedora cultural Janine Mathias é brasileira e reside em Curitiba (PR) desde 2009 onde profissionalmente iniciou sua carreira artística. Janine Mathias é conhecida por sua autenticidade e pela fusão de gêneros musicais, como o RAP e o samba. Além de diversos singles e participações especiais, em 2009 gravou seu primeiro EP solo: “Eu Quero Mergulhar”, pela gravadora Track Cheio. A artista é também influenciada pelo jazz e soul, e trouxe shows e realizou parcerias ao lado de artistas nacionais como Toninho Gerais, Iria Braga, Mulamba, Bia

Ferreira, Criolo, Sandra de Sá, Tássia Reis, Karol Conká, Dow Raiz, Elza Soares, Tuyo, As Bahias e A Cozinha Mineira, entre muitos outros. A cantora também é idealizadora da ÍFÈ Personalizados e do projeto itinerante que já foi visto por mais de 10 mil pessoas desde a sua estreia em 2014, o “Samba da Nêga” é onde a cantora recebe artistas para celebrar suas raízes no samba. Está lançando seu álbum a”ORAP do Meu Samba” com previsão para segundo semestre de 2024 com produção de Rodrigo Campos trazendo toda sua Devoção a música que a conduz.



Dree-K

MC/Rapper/Cantora

Samambaia - DF

Siga @Dreekoficial

Comecei minha trajetória no Rap DF em 2004. Acompanhava algumas batalhas de Mc's que ocorriam no Skate Park do recanto das emas, periferia do DF. Em meados de 2006 já participava efetivamente das batalhas onde faiscava algumas rimas. No decorrer das batalhas vinha percebendo que não me sentia mais a vontade de participar delas devido ao excessivo conteúdo machista, bullying, ataques de ódio e rimas sem conteúdo, temas. Passado-se o tempo, aos 15 anos comecei a compor minhas letras abordando diversos temas vivenciados no meu dia a dia, dentro de casa e nas ruas da quebrada onde eu morava. Ceilândia, DF. Minhas letras ecoam como um grito de revolta a esse sistema que ao meu ver está fadado ao fracasso com sua imensa falta de comprometimento com a educação em instituições públicas, intolerância e desigualdade. Os olhos críticos à realidade da favela que a mídia não mostra, mas, que a rua ensina, presente. Aos 18 anos me envolvi cada vez mais com a literatura marginal brasileira e tive uma visão disciplinada do “certo pelo certo”. A partir de 2017 aos 23 anos então surge a “DREE-K” cada vez mais forte em prol de evoluir, para desconstruir todos os conceitos de invisibilidade com o sexo feminino e promover o empoderamento feminino através das minhas composições

e críticas. Meu conteúdo é forte, consciente e verdadeiro em respeito a minha trajetória de vida. Conheci os dois lados dessa liberdade, e já fui privada dela quando fui presa em 2021. Ex presidiária? Rapper? realidade de muitas mulheres como eu. A música me salvou. E me mostra um infinito de possibilidades de ser eu mesma todos os dias. Esse é o meu super poder. E ser, nós mesmas desagradamos muita gente que não sabe o que é. Costumo dizer que enquanto você for o que os outros querem que você seja, você não será ninguém. Minha primeira música intitulada “Desconstruir” veio com a Produção Musical de DJ Raffa Santoro e Arte Gráfica de Beto Paiva (Agência Cumbuca). E essa música aborda sobre o crescimento, melhoria e sobre as portas fechadas de pessoas que desacreditaram do nosso trabalho por sermos mulheres e por acharem que mulher não poder cantar a realidade de forma agressiva.



Rose

MC/Rapper/Cantora/Conhecimento

Samambaia - DF

Siga @Roselane.alves.3

Meu nome é Roselane Alves, alguns anos conheci o Rap ,anos atrás, curtia os encontros em uma cidade chamada de Ceilândia, marcados na época por muitos lazeres, então nessa época conheci um grupo chamado Cúmplice de Sina, que levava poesias as mulheres ao público em geral, então foi aí que conheci nossa guerreira Vera VerôniKa, Márcia e DJ Alissom em 1999, eu fiz algumas participações em grupos da cidade era conhecida como kalanga ,hoje não canto, mas, tenho boa lembrança dessa época, muitas lembranças,... hoje sou mãe, dona de casa, guerreira, mulher, deixo aqui minha satisfação em partilhar, sobre minha história, gratidão...



Meimei Bastos

Literatura de Rua/MC/Produtora

Samambaia - DF

Siga @ameimeibastos

Nasci em Ceilândia, passei a primeira infância em Santa Maria e terminei de crescer em Samambaia. Cidade que me forjou enquanto pessoa e artista. Cresci vendo as mulheres da minha vida performarem as histórias antigas e recentes da minha família. Morávamos em um barraco muito simples, num lote cedido pelo governo, em Santa Maria, região administrativa do Distrito Federal. A cidade estava nascendo e não tinha saneamento básico nenhum. Era tudo um mundaréu de terra vermelha. Eu brincava nas valas e vigas de concreto na construção da cidade e eram tantas aventuras imaginadas nesse espaço, era tanta fantasia, que tenho certeza que essa vivência influenciou fortemente a minha escrita, a minha produção e a minha atuação como um todo. Foi a partir das experiências lúdicas que tive na minha quebrada e com pessoas importantes da minha constelação familiar que me encantei pela palavra. Com o amadurecimento individual, conseqüentemente, veio o amadurecimento político e literário. Acredito que amadureci durante as minhas leituras e com o contato com o RAP, que ouvia em casa e nas casas de meus vizinhos. A princípio a Literatura me serviu como refúgio para lidar com as constantes violências raciais e de gênero que precisei lidar durante o

processo de construção e tomada de consciência da minha identidade negra e periférica. Nos livros e no Hip Hop encontrei abrigo e acalanto e na escrita encontrei espaço para me expressar. Hoje, sou escritora, professora, produtora cultural, pesquisadora, editora, colunista e coordenadora do Campeonato de Poesia Falada do DF. Mestreira em e Saberes e graduada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Realizo pesquisas acerca do universo das batalhas de poesia falada, Slam. Estive na Argentina durante o ano de 2022 e início de 2023 realizando mobilidade acadêmica, financiada pela Associação de Universidades do Grupo Montevideu, onde participei de atividades na Universidad Nacional de Córdoba- UNC e na Universidad de Buenos Aires – UBA. Atuo em diversos movimentos sociais, promove saraus, slams, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa, especialmente direcionados à população negra e periférica. Publiquei meu primeiro livro, Um verso e mei, pela Editora Malê, em 2017. O livro está em diversas escolas públicas do DF e do MS, como obra selecionada pelo projeto Mulheres Inspiradoras. Da Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal, em 2018, recebi o prêmio de Cultura e Cidadania e, em 2020, o prêmio Aldir Blanc, na categoria Literatura e em 2023 com o prêmio Cultura Hip Hop na categoria conhecimento. Recebi em 2023 o prêmio Marielle Franco de Direitos Humanos, uma honraria entregue pela Câmara Legislativa do Distrito Federal a figuras com trabalhos relevante. Em 2022, publiquei meu segundo livro, A menina que bebeu água do chocalho, pela editora Avá. Como autora e poeta participei de eventos literários como a Festa Literária de Paraty - Flip, Feria Internacional del Libro de Venezuela - FILVEN, FLUP - Festa Literária das Periferias – FLUP, Bienal do Livro e da Literatura de Brasília – BBL, Festival de Poesia de Berlim e ministrei oficinas de escrita e performance pelo Brasil. Atualmente estou como editora da revista literária Ruído Manifesto, colunista do Jornal Brasil de Fato DF e na coordenação da produtora de cultura Caracas véi.



FRENTE NACIONAL DE
MULHERES NO HIP-HOP

Ravena Carmo
Nirvs
Nimsai
Bia nas Batalhas
DJ Nilma Naiz
Katia
Fabgirl
Kali
Miriam Késsia
Ella
Rebeca Carmo
Paula Dias
Red Lion
Dj Rafaela Rammos
Mic
B.girl Kelly
DJ Tânia
Tacha
Ediá
Eulla Yaá
Aline MC

REGIÃO NORTE

Quebradas

Planaltina, Arapoanga, Sobradinho I,
Sobradinho II e Fercal.





Ravena Carmo

Conhecimento/Produção/Literatura Marginal

Planaltina - DF

Siga @ravenacarmo/@poesianasquebradas/@casadohiphopplanaltina/@institutoperiferialivre

Ravena do Carmo Silva é uma mulher inspiradora de Planaltina, DF. Mãe solo, pedagoga, mestre em políticas públicas, educadora popular, cientista marginal e pesquisadora, sua trajetória é marcada por superação, ativismo e dedicação a Cultura Hip Hop.

Desde pequena, Ravena conheceu o Hip Hop em sua comunidade, em um projeto de breaking na praça de Planaltina, ao lado do Funções, onde dançava com outras crianças. Contudo, esses desafios acabaram passando por uma medida socioeducativa de internacionalização, período em que foi acompanhado pela música e pelo Rap. Foi durante esse tempo que encontrou no graffiti uma expressão libertadora, aprendendo com o grafiteiro e professor Rafael Jet Mix, que lhe deixou um salve com seu nome em um muro na esquina de sua casa em um saidão de natal, um gesto que marcou profundamente sua vida.

Ao sair, determinada a não voltar à internação, Ravena decidiu retomar os estudos. Conseguiu ingressar na Universidade de Brasília (UnB - FUP), onde se formou em Licenciatura em Ciências Naturais e Pedagogia, mais tarde concluiu seu mestrado, investigando políticas públicas no sistema socioeducativo para egressos com ênfase na cultura Hip Hop. Ao longo de sua vida acadêmica, Ravena manteve a escrita marginal como um refú-

gio e uma forma de resistência, e, na FUP - UnB, fundou o coletivo Poesia nas Quebradas, em 2015.

Com seis livros publicados (sendo este o sétimo) e diversos artigos, Ravena participa de várias obras além da literatura marginal e do Hip Hop, como a coletânea “Para Além das Algemas”. Seus projetos destacam-se pela inclusão e valorização da comunidade periférica, como o Empodera Quebrada, voltado para mulheres em situação de violência doméstica no Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM); Quebrada Gastronômica (empreendedorismo social e gastronomia afetiva); Saberes Inclusivos da Cultura Hip Hop, pioneiro no Brasil na acessibilidade das linguagens do Hip Hop para pessoas com deficiências, como graffiti sensorial; Nas Quebras da Socioeducação, realizado no sistema socioeducativo; Vozes e Escritos do Gueto: Trilhas e Trajetórias da Literatura Marginal no DF; Projeto Cria (voltado para a primeira infância contra o trabalho infantil); Poesia nas Quebradas nas Escolas; Quebrada Hip Hop, para fortalecimento das batalhas de rima do lado norte. Ela é fundadora do NEOLIM (Núcleo de Estudos de Organização e Difusão do Conhecimento em Literatura Marginal), criado em 2021 na UnB Planaltina junto à comunidade, professores da Secretaria de Educação e da universidade e idealizadora do Festival Quebradas.

Seus livros são: Poesia nas Quebradas vol. 1 e vol. 2 (2018 e 2021); Quebrada Livre (2023); Passarela do Pistão (2023); Vozes e Escritos do Gueto: Trilhas e Trajetórias da Literatura Marginal no DF (2023) e Cartas Para Adiar o Fim do Mundo (2024). Ravena também recebeu prêmios como : Marielle Franco de Direitos Humanos, Aldir Blanc I e II, FAC Brasília 60 Literatura, FAC Cultura Mulher e FAC Hip Hop.

Ravena também é fundadora do Instituto Periferia Livre e da Casa de Hip Hop de Planaltina. Ela é uma das autoras do inventário participativo do DF, um documento que colabora para o reconhecimento da cultura Hip Hop como patrimônio imaterial e cultural do Brasil, segundo o processo para ser da humanidade. Além disso, Ravena é uma das fundadoras do Grupo de Trabalho de Hip Hop da Secretaria da Cultura e de Economia Criativa e da Secretaria da Mulher do Distrito Federal (2023), onde trabalha com um grupo diverso de hiphoppers para inserir o Hip Hop em políticas públicas, para a comunidade Hip Hop e especialmente para mulheres no sistema socioeducativo. Ela atua como dirigente da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop no Distrito Federal, onde segue a luta pela justiça social e inclusão, usando a cultura Hip Hop e a Literatura Marginal como ferramentas de transformação para outras meninas e mulheres em contextos de vulnerabilidade, para adolescentes do sistema socioeducativo e para toda a periferia,



Nirvs

Graffiti

Vale do Amanhecer, Planaltina - DF

Siga @nirvsantos

Iniciei no graffiti em 2020. Por conta da Pandemia, comecei trocando ideia online pra pegar dicas com grafiteiros e aplicando no muro de casa. Em 2021 participei do meu primeiro evento de Graffiti, o 4º Encontro de Graffiti, do DF e Entorno. Nesse mesmo ano, participei de diversos mutirões por várias RAs do DF, como em Santa Maria, onde pintei uma parada de ônibus. Pintei também em Planaltina e no Guará, em muros das cidades, e na Estrutural e em Brazlândia participando do Fest Povos. Também em 2021 fui selecionada para participar do primeiro edital W3 Arte Urbana o qual pintei a parada de ônibus do SCS de frente para o shopping Pátio Brasil. Em 2022 participei do evento Elas por Elas no Recanto das Emas e também do meu primeiro mutirão fora do DF e Entorno, em Mogi das Cruzes-SP. Ainda em 2022, participei de mutirões no Areal, no Lúcio Costa-Guará, e na cidade Ocidental-GO. Em 2023, fui convidada a participar do evento DF Cultural. Continuo atuante apesar de estar mais afastada por conta de demandas do trabalho. O Graffiti mudou muito minha percepção da cidade e de mim mesma enquanto artista. Eu sou formada em Arquitetura e Urbanismo e já tinha um histórico como artista visual, tatuadora e ilustradora. Mas foi através do graffiti que consegui desen-

volver minha própria linguagem e estilo. A ilustração sempre foi uma paixão minha, mas não conseguia desenvolver personagens, por ter tido uma formação muito acadêmica não tinha referências de personagens que se pareciam comigo (negros e periféricos) e por isso não me conectava com o que tentava criar. Depois que comecei no graffiti, vi a possibilidade de fazer personagens que me representavam e que poderiam servir de identificação para tantos outros como eu. Minhas personagens acabaram por virar uma ferramenta de terapia pra mim. Sempre que sinto que estou precisando elevar minha autoestima, eu desenho uma persona pra mim e fico feliz de poder compartilha-las na rua para que elas possam transmitir afeto e cuidado para outras pessoas também.



Nimsai

MC/Rapper/Cantora/Produtora

Sobradinho II - DF

Siga @nimsai_exsoo

Minha relação com o Hip Hop começou em 2018, eu fui a primeira jurada de Sobradinho em batalhas de rima, neste ano só acontecia três batalhas, sobrado fight, batalha da PR e VDB, eu fui jurada nas três, no ano de 2019 fundei o coletivo chamado EXSOO, coletivo esse que tem como objetivo a valorização da cultura periférica, tendo poetas, MCS, entre outras vertentes, em 2020 comecei a mexer com produção de eventos relacionados a batalha de rima, dentro da minha cidade satélite, fui convidada para ser uma das organizadores da batalha de PR, e no mesmo momento me descobri como o Mestre de Cerimônia, sendo a primeira Mestre de Cerimônia da minha cidade, descoberta essa que me permitiu conhecer o Distrito federal inteiro, apresentei diversos eventos dentro do Distrito federal com relevância, conforme fui ganhando espaço, com isso veio os grandes feitos, no ano de 2021 apresentei a batalha de rima na feira internacional do livro, fui a primeira Mestre de Cerimônia a apresentar uma etapa Estadual no duelo Nacional de MCS no Distrito federal, fui a primeira mulher Do Brasil a ser uma host (Mestre de Cerimônia) na FMS, Freestyle Master Série, conhecida como a maior comunidade do mundo de freestyle, no ano de 2022 fui Mestre de Cerimônia do estadual da Bienal, competição

está que ocorrem dentro das universidades do Brasil, fundei o coletivo freestyle ao quadrado, sendo a única batalha existente a cidade satélite de Sobradinho 2, coletivo este que com menos de um ano tem um dos maiores públicos de Brasília, entre tudo isso fui conhecida como uma das figuras mais importantes do freestyle do DF, me eleger como representante dos MCS dentro da construção do cinquentenário do hip hop.



Bia nas Batalhas

Produtora/Fotografia

Planaltina - DF

Siga @bianasbatalhas e @biacamphotos

Olá, me chamo Beatriz, tenho 25 anos, sou mãe da Luna de Iano e dois meses e minha vida hoje gira em torno do HIP HOP, nada seria eu se tivesse tomado outro rumo! Em 2018 eu conheci meu atual marido e através dele eu conheci a batalha de rima, logo de começo fiquei apaixonada, toda semana colava e minha sede por fazer parte só aumentava, foi em uma das edições que eu peguei uma câmera que eu tinha e comecei a fotografar os meninos rimando e foi daí que eu vi que se permitissem eu poderia começar a escrever a minha história e contar história através das minhas fotografias na batalha. Cheguei em quem organizava na época e conversei se eu podia contribuir de alguma forma e fui super bem acolhida, abraçada e pertencer. Ali descobri meu potencial pela fotografia, algum tempo depois fui convidada a gerenciar as redes sociais da batalha e também ser uma das organizadoras da batalha que ainda faço parte. Através das batalhas eu conheci a Ravena que anos depois me convidou também para atuar nas produções e fotografias do Coletivo Poesia nas Quebradas na qual faço parte. Junto com o coletivo já participei de muitos projetos, como meu queridinho “Nas Quebras da SOCIOEDUCAÇÃO” que ministramos oficinas e elaboramos um livro com as todo material produzido pelos meninos e tive o imenso prazer de ter todo o livro ilustrado por fotos minhas.



DJ Nilma Naiz

DJ

Planaltina - DF

Siga @nilmanaiz (Instagram) nilma Naiz(Facebook)

Sou a DJ Nilma Naiz, nascida em Sobradinho, DF, mas cresci e moro até hoje em Planaltina, DF. Minha formação é dentro do Hip Hop, funk, beat, Miami trap, mas toco qualquer estilo, pois a música é universal. Meu irmão foi um dos primeiros DJs da cidade, e desde pequena acompanhava o trabalho dele com admiração. Me apaixonei pelas melodias, pelos vinis, aparelhagens e pela dança. Meu primeiro baile foi aos 14 anos no Múltiplas Funções, em Planaltina. Fiz parte de vários grupos de dança no DF (Dragões da Dança, Spider, Mil Colírios, The Light Dance e tantos outros), e desde então a música e a dança se tornaram parte de mim. Frequentei inúmeros bailes (Funções Múltiplas, O'Promeso, Danny Disco Club, Quarentão, Lá Sale e por aí vai). Esperava meu irmão sair para ligar as aparelhagens dele e, com isso, queimei muita potência dele, quebrei muitas agulhas e queimei muito PA, kkkk, ele ficou louco comigo. Meu primo Beto era DJ no Gama, e eu lembro o quanto ficava ansiosa para ele chegar do trabalho, porque sabia que ele ia ligar seu som e eu amava. Sou prima da DJ Donna BSB; já deu para ver que a música corre na veia da família! Me casei aos 22 anos, fui mãe três vezes e fiquei fora do circuito por 23 anos, pois meu esposo não me permitia nem sair de casa. Foi um

relacionamento abusivo do qual consegui me libertar em 2014. Voltei ao movimento e isso me encheu de vida novamente. Hoje, toco na Noite Black em todo o DF, onde já toquei em vários bailes pesados na capital (Makossa BSB, Monster Jam, carnavais, aniversários de cidades, encontros de equipes com a Bassline, etc.), onde a pista jamais fica parada. Aos poucos, vou quebrando paradigmas em um mundo masculinizado e vejo tantas como eu crescendo na cena musical e adquirindo o respeito que nós merecemos. Amo discotecar e meu sonho é viver disso, mas por enquanto vou trabalhando e discotecando à noite.

Aqui temos a Casa da Cultura, um espaço show que a galera usa para shows, oficinas de dança, teatro, canto, entre outros. Temos a Praça do Estudante, muito abandonada pelos governantes, mas que é um espaço lindo que sonho em ver um dia como um lugar para a cultura usufruir de forma ampla. Não temos muitos lugares para eventos, pois aqui em Planaltina o Hip Hop ainda é muito marginalizado, o que me deixa muito triste, pois sei do nosso potencial de inclusão pela música e pela dança na comunidade. Nossa quebrada possui um extenso currículo artístico com uma galera talentosa; só falta um olhar atencioso.



Katia

Mc/Rapper/Cantora

Sobradinho – DF

Siga @katiaferreiraduhz

Salve... Mulheres imponderadas, guerreiras, fortes aqui estamos nós. É motivo de muita alegria fazer parte desse projeto e poder lembrar tudo que vivi em 2000.. Hip Hop tudo começou como uma brincadeira confesso, e logo se tornou tudo muito forte e sério. Na época morava no Riacho Fundo I, mas vivi minha adolescência no entorno... Novo gama e sempre estava por lá, ali foi onde tudo começou... Já conhecia Stephanny e através dela o pessoal do hip Hop, e com ela André e Rafael (pato roco) que formavam o grupo comunidade x... E conheci vários manos como alemão, bumba e nosso saudoso Bumbinha. Então pra resumir um pouco, fui vivendo momentos especiais com toda essa galera e um dia fui convidada a ser integrante do grupo consciência coletiva, que eram alemão, bumba e nosso Bumbinha e lá comecei, como uma brincadeira... Mais logo vi que era mais forte que eu e tudo ficou diferente com o passar do tempo, não sei com precisão o tempo que durou mais sei que foi feito com toda garra e com todo o meu coração. Ali o hip Hop me tornou uma mulher mais forte mais segura e foi maravilhoso, conheci muita gente boa, a mulherada mostrando pra que veio mesmo e preciso dizer que foi um prazer imensurável tudo que vivi no meio dessas, e os manos que pô, sem

palavras, saudade dos bons. Particpei de alguns sons, do grupo Comunidade X , identidade e a banca, então..... Que tempo bom que volta nunca mais . E o que resta é boas lembranças. Hoje sobrevivo ainda no DF, sou evangélica serva de Deus e louvo rap gospel na minha congregação, ainda levo o hip Hop na voz levando a palavra do SENHOR com o rap na veia sempre!!!! E essa foi minha história que ainda continua até quando Deus permitir... Missionária Kátia 52 anos sobrevivente firme forte guerreira e guiada por Jesus. Deus abençoe todos nós, satisfação!



FabGirl

Breaking/Danças Urbanas

Planaltina - DF

Siga @fabgirl_br

Fabiana “FaB*Girl” Balduína, iniciou sua jornada com o Breaking na ONG Ação esperança (Vale do Amanhecer, Planaltina-DF), ela é uma renomada especialista em dança Breaking, com quase 23 anos de carreira. Ela possui expertise em ensino, treinamento, projetos, entretenimento e avaliação/júri relacionados ao estilo. Ela foi a primeira brasileira a representar o Brasil no Mundial Battle of The Year/We Bgirlz na Alemanha em 2008 e 2010, e foi invicta por 18 anos no Brasil. Em 2022, ela se tornou a primeira B-girl da América do Sul a ser jurada na Red Bull BC One World Final em Nova Iorque. Além disso, em 2003 fundou o primeiro grupo de Breaking formado só por mulheres de Brasília, Brasil Style Bgirls (BSB-GIRLS), também idealizou e produziu o maior festival de Breaking com foco em gênero do Brasil - Batom Battle (2011). Em 2020, fundou a primeira escola híbrida de dança Breaking do Brasil a Drop Education <https://www.instagram.com/dropeducation/>. Multiartista, é produtora criativa com atuação voltada para o fortalecimento e desenvolvimento de jovens mulheres em situação de risco social. Atualmente encontra-se dedicada em desenvolver e ampliar as suas pesquisas em Economia criativa & Danças urbanas, Tecnologia e Redes Sociais, Inovação e Metodologia Híbrida.

das de Ensina-aprendizagem em dança Breaking. Sua trajetória é marcada por dedicação, pioneirismo e contribuições para a cultura do Breaking no Brasil e no mundo. FaBGirl é uma autoridade na cena nacional e internacional pelas diversas contribuições a cultura Hip Hop, possui vários títulos conquistados e trabalhos realizados, sendo a primeira e única B-girl a participar do Red Bull BC one Cypher Brasília 2012, também a primeira brasileira a representar o Brasil no Mundial de Break Dance (Battle of The Year) We Bgirlz na Alemanha por dois anos consecutivos (2008 e 2009), em 2018, 2019 e 2021 foi a primeira Bgirl brasileira a compor a banca de júri do RebdBull Cyphers Brasil em São Paulo. Estudou, participou de festivais e fez diversos cursos, workshops, seminários de vários gêneros de danças urbanas com grandes nomes nacionais e internacionais aqui no Brasil e em países como Alemanha, EUA, Portugal, Holanda, Eslováquia, Espanha, Colômbia, França, Noruega e Argentina. Também atuou como atriz coadjuvante no filme premiado “A cidade é uma só” de Adirley Queirós e interpretou Iemanjá no filme “Street Dance Orixás” de Amy Campion California/EUA, gravado em Salvador em 2012. Trabalhou em renomadas plataformas como BSBGIRLS (Brasil Style Bgirls), MINC, SESC, Red Bull, Fundo de Apoio à Cultura do DF, Escola de Economia Criativa/ES e IFB-Instituto Federal de Brasília. Além disso, ela participou de festivais e eventos tanto nacionais como internacionais, incluindo Batom Battle/DF, Palco Hip Hop/BH, MID (Movimento Internacional de Dança/DF), Origrattes/ES e Red Bull BC One World Final-NY.



Kali

Graffiti/Produção/Arte- Educação

Planaltina - DF

Siga @iasmimkali @kali.grafita @trupesacrew

Nasci no interior de São Paulo, de família goiana e paulista. Moro em Planaltina-DF desde 2011. Me formei em Desenho Industrial (design) pela Universidade de Brasília. Sou grafiteira, artista plástica, designer e tatuadora. Também sou feminista, ateísta, punk e anarquista, amo livros e chuva. Faço graffiti desde 2011, e em 2016 fundei com amigos e amigas a Trupe S.A. Crew, coletivo de arte urbana, com quem realizo e participo de diversos projetos culturais e de educação para a arte. Participei do 1º encontro das grafiteiras do Distrito Federal e Entorno – Elas por Elas (2016), do 1º, 3º, 4º e 5º encontros de grafite do DF (2017, 2019, 2020 e 2024), e fui selecionada nos Editais SESC Mais Cultura (2019) e Sesc Viva Cultura (2021) para grafitar e mediar uma palestra sobre aprendizado no isolamento. Fui vencedora do Prêmio FAC Brasília em 2020 e 2023 na categoria graffiti e do prêmio 061 Citadinas de graffiti em 2023. Levo a bandeira do feminismo para as cidades em forma de pinturas de mulheres reais, mães, e sonhadoras fora dos padrões que ousam se expressar, e também no ensino de arte e graffiti para adolescentes. Desde 2019 coordeno o projeto Trupe Urbana: formação de jovens artistas, curso de artes de longa duração para adolescentes e jovens da periferia de Brasília, que se encon-

tra na terceira edição. No curso Trupe Urbana oferecemos apoio para jovens que querem ser artistas, através da profissionalização, acolhimento psicológico e formação de laços. Faço parte também dos coletivos Trupe Por um Fio, de teatro e circo, da Start Family Crew e da Spray Atômico, primeiro grupo de graffiti de Planaltina-DF do qual faz parte a primeira grafiteira da cidade, a Kel, e um dos pioneiros, o Pena, que sempre me incentivou a grafitar e que um dia me sugeriu a ideia louca de formar uma crew (e deu certo, a Trupe S.A. já fez 8 anos). Também já fui por cinco anos parte do coletivo Poesia nas Quebradas, que leva a cultura Hip Hop para escolas públicas, unidades de internação de menores infratores e à Universidade de Brasília. No Poesia fui designer, arte-educadora, grafiteira e tive a oportunidade de fazer algo que sempre quis: um livro – fizemos vários. Entrei na cultura Hip Hop através das aulas de break com a Louise Lucena e as BSB Girls, quando ainda estudava na UnB. No graffiti comecei antes, com o Luciano Czar, no quintal de casa, que também era – ainda é – o espaço de ensaios da Trupe Por um Fio. Gostaria de agradecer à dona Eleusa Francisco: foi através do seu acolhimento que iniciei minha trajetória nas artes urbanas (e tantas outras). Deixo também minha admiração à mestra Michelle Cunha, que me inspira tanto pela sua arte quanto pela sua coragem. Meu maior trabalho de graffiti até agora foi uma dançarina de quadrilha no Complexo Cultural de Planaltina, com 8 metros de altura; é importante para mim grafitar mulheres reais e suas expressões reais, sejam elas boas ou ruins – da alegria escancarada ao tédio, do escárnio à preocupação – e a brincante é uma dessas: ela está tão presente no seu fazer artístico que parece transcender a realidade. Um dos graffitis que mais tenho orgulho de ter realizado – e coordenado – foi o painel coletivo da Trupe S.A. em homenagem aos povos originários, na Praça São Sebastião (Planaltina-DF), que deve ter uns 15 metros também, mas de comprimento, e que infelizmente já não existe mais. Mas o maior trabalho mesmo é o de feminista e arte-educadora. Como é bom ver tantas novas grafiteiras, ao contrário de quando eu comecei. E como é bom ver as artistas que foram minhas alunas entrando na universidade, grafitando no Fórum das mulheres no Hip Hop, “vivendo de arte” e pintando as próprias empenas. Estamos juntas!



Miriam Késsia

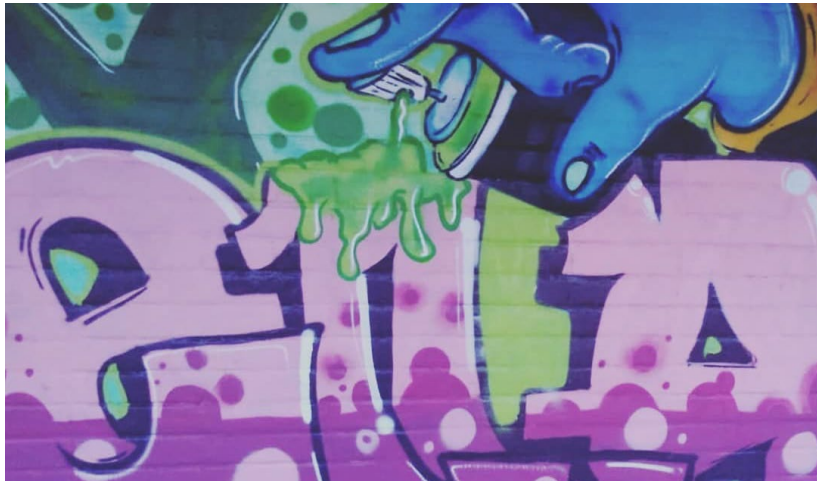
MC/Rapper/Cantora

Planaltina - DF

Siga @miriamkessia

É um prazer fazer parte deste projeto, me chamo Miriam Késsia, tenho 32 anos, natural de Planaltina - DF, mãe de 4 filhos, sou dona do lar e boleira/confeiteira, Rapper, e um desafio falar da minha história... Minha história no movimento Hip Hop se inicia em 1998 na cidade de Formosa -Goiás, quando minha mãe dona Rute Ribeiro de Souza, realizou o “I Festival de Dança de Rua” em prol das famílias carentes, eu tinha apenas 8 anos e esse foi amor à primeira vista pelo movimento. Em 2004, com 14 anos de idade, foi meu primeiro contato com o palco, me tornei integrante do grupo Razão Consciente, juntamente com o Mano Manya e Mano Newton, grupo de Formosa - Goiás. Desde então também me tornei secretária do “Programa Domingo Hip Hop” na rádio 92,1 FM, que ia ao ar todos domingos. Participei de vários eventos no DF e entorno, Damianópolis/GO, Alto Paraíso/GO, Posse/GO... em 2005 participei da 5ª edição do Abril Pro Rap, neste mesmo ano saímos na coletânea “Discovery G1 Para o Brasil Vol.2”. Sou filha de catadora, onde tive o prazer de participar de vários fóruns e movimentos, me apresentei em 2006 no Encontro Nacional do MNCR. No ano de 2007, me tornei mãe, onde me vi excluída pelo simples fato de me tornar mãe, demorou uns anos mais retornei a

ativa com carreira solo, no 11º Festival Lixo e Cidadania que aconteceu em Belo Horizonte - BH no ano de 2012, neste mesmo ano participei no “III Encontro de Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis” na cidade de Praia Leste do Pontal do Paraná - PR. Me mudei para Planaltina - DF em 2012, desde então tenho participado de alguns feat com artistas locais, tenho sido convidada a participar de alguns eventos. Em 2019 participei do Microfone aberto no Conic Plano Piloto, Planaltina Rap em Foco 3ª edição Planaltina- DF, Christmas Rap em Planaltina - Goiás, lancei música solo neste ano 2019, chama-se “Vendaval” e um remix de Vendaval com o Angolano Masta Friend disponível em todas plataformas digitais, lancei também um feat com Wery no Beat chama-se “Foi Lost” disponível no youtube. Então veio a pandemia o que me deu uma freitada. Mas atualmente tenho alguns feats engatilhados, e alguns festivais marcados para esse ano de 2023. Estou aos poucos reconquistando o meu lugar, vou passar uma visão geral do que é ser mulher no movimento, é dolorido, não é fácil obter espaço, ainda mais que não estou no meu auge de corpo perfeito, e infelizmente não se presa a voz ou a letra. Anos atrás no auge dos meus 15 anos me falaram a seguinte frase “ Vc só sobe no palco porque tem um corpo lindo e atrai público” e infelizmente ele estava certo, mas estou decidida a tomar de assalto o que é meu também por direito, pois também temos voz. E vai ter sim minas fora dos padrões na cena.



Ella

Graffiti

Sobradinho - DF

Siga @ladyellagraffiti

Me chamo Alhandra , vulgo ELLA, moradora de Sobradinho, iniciei minha jornada no graffiti quando estava passando por uma depressão e ansiedade , então decide fazer algo novo em minha vida é o Graffiti foi um hobby que encontrei para me acalmar e me tirar da zona de conforto, fazendo com que eu me desafia-se a cada desenho , tive meus altos e baixos no Graffiti como em qualquer área da minha vida, estava atuando a dois anos , quando entrou o ano de 2021 tive algumas decepções na vida, e minha saúde veio a ficar frágil, ficando internada em hospital, logo após minha saída do hospital , veio a triste experiência de ver meu avô falecer dentro de casa , então decidi dar um tempo no graffiti , quando estava decidindo e vendo as possibilidades de volta consegui ter uma ótima notícia em minha vida , estou grávida , então por agora ainda estarei parada para poder dar atenção a minha família e a mim , não vai demorar muito meu retorno , pretendo ainda esse ano voltar aos rolê de graffiti , meu amor pelo graffiti não morreu nem esfriou .



Rebeca Carmo

Conhecimento

Planaltina - DF

Siga @Rebecacarmo

Rebeca atua diretamente com mulheres em situações de violência, oferecendo apoio e promovendo a autoestima. Projetos como o “Empodera Quebrada” ajudam essas mulheres a reconstruírem suas vidas, destacando a importância do respeito e da valorização feminina. Ao trabalhar com diversas populações marginalizadas, incluindo pessoas com deficiência e jovens do sistema socioeducativo, Rebeca promove um espaço onde todas as vozes são ouvidas. Isso contribui para a construção de uma comunidade mais equitativa, desafiando preconceitos e discriminações. A coordenação no coletivo Poesia nas Quebradas e a promoção da cultura hip-hop permitem a valorização da diversidade cultural local. Através da arte, Rebeca ajuda a romper estigmas, celebrando as identidades e experiências únicas da comunidade através dos elementos da Cultura Hip Hop. A parceria com a Universidade de Brasília para a inclusão em estudos de literatura marginal e o acesso a direitos promove a educação como ferramenta de transformação social. Isso incentiva a conscientização sobre questões sociais e a importância da igualdade. Como empreendedora criativa periférica e produtora cultural, Rebeca se torna um modelo de resiliência e inovação, inspirando outros a seguir caminhos semelhan-

tes. Sua atuação reforça valores de solidariedade, cooperação e respeito à diversidade, principalmente entre mulheres. Esses esforços, somados, não apenas melhoram a qualidade de vida na comunidade, mas também fomentam um ambiente mais justo, onde todos são valorizados, independentemente de sua origem ou situação.



Paula Dias

MC/Rapper/Cantora

Sobradinho- DF

Siga @pauladiashh

Sou Paula Dias, cantora de Rap em Brasília. Iniciei no Rap nacional em 1998 em um grupo de Sobradinho chamado Eutanásia Rap, participamos no primeiro Abril pro Rap realizado em Sobradinho e fizemos algumas apresentações em algumas ações nas cidades satélites de Brasília e entorno com alguns grupos como Azulin , Marquim tropa de Elite entre outros. Logo após fui convidada a participar como backing em vários grupos, como Destinos Opostos, Def Mc's, Voz sem Medo, Viela 17 e outros grupos que começaram naquela época. Com Voz sem Medo gravei uma música que até a atualidade toca no cenário nacional, De Herói a Bandido, no CD o “Jogo do Viela 17”, cantei em 4 faixas. Participei também de mais alguns grupos como, Subconsciente, CTS, DMC Rapper, Hungria e Bonde Tesão, Interferência Negra, 13 Guetto e mais alguns grupos. Em meados de 2008 recebi um convite de uma das pioneiras de Brasília, Vera Veronika para participar de alguns shows como backing e esta parceria dura até a atualidade. Tenho 2 músicas solo, Indecisão e Detalhe, gravadas com o produtor e cantor de Brasília Duck Jay. Em 2017 participei do DVD comemorativo de 25 anos da Vera Veronika chamado Mojubá. Continuo fazendo algumas participações, mas sou apoio vocal oficial da Vera Veronika.



Red Lion

Graffiti

Planaltina - DF

Siga @red_lionn

Conheci o Hip-Hop na rua mesmo, claro, é clichê e real. Na quebrada em que cresci no bairro Jardim Roriz rolava alguns projetos sociais nas praças, nas escolas e com a influência dos meus pais cheguei a participar. Observava as raízes do Hip-Hop e os famosos “Bailes Black” que rolavam na cidade, quase não tinha minas representando na época, inclusive ainda bem que hoje em dia é diferente e talvez por isso é que estou aqui presente para contar a minha história dentro da cultura. Comecei com a dança, onde frequentei múltiplas funções para fazer apresentações, nos anos 2000 bombava. Segui com aquela vontade de criar e me expressar ainda maior e fui para o artesanato. Criei então a Cerrado em Vênus onde produz roupas de couro e pedras naturais, produzir e customizar minhas próprias roupas e ainda poder vender para outras pessoas foi o caminho para a economia criativa. A cada dia era mais satisfatório pra mim ser parte disto e poder deixar de lado aquele trabalho sistemático e opressivo que era outra parte de mim, passei por assédios e racismos dentro de empresas e cada vez gritava mais forte essa independência no empreendedorismo. A partir dali vieram minhas visões de explorar, desenhar cada vez mais. Em 2019 me mudei para o bairro Arapoanga e conheci a Crew de

Graffiti Trickster onde pude viver de perto e na prática o Graffiti. Daí pra frente muita coisa fluiu. Hoje em dia também sou integrante das Crews A. CrIO, Trupe S.A e SDN, tenho maior orgulho em ser parte e ter toda essa inspiração de artistas bem próximos a mim. Participei de diversos projetos pelo FAC articulado pelos produtores da minha quebrada e em um deles que aconteceu no CCP o “Freestyle Convida” ganhei meu primeiro prêmio dentro do Graffiti, foi essencial esse reconhecimento. Participei do projeto 061 Cidades em Samambaia que aconteceu no Galpão do riso, foi um concurso só para as minas, acho linda essa famosa sororidade, e fui uma das premiadas. Passar por esses caminhos, participar dos mutirões e dos eventos como em Anápolis-GO “A Cultura de Rua Invade” meu primeiro mutirão, “Além dos Muros” no Itapoã, “Sub Colors” no Guará, “Mutirão feminino” a convite do IRG no Itapoã, “Ocupa Becos” edição Recicla Ocupa na Cidade Ocidental, “Da ponte pra cá” em Sobradinho, Sextou com SESC, Fórum nacional de mulheres no Hip-Hop 8º Edição, Poesia Nas Quebradas. Viver e protagonizar essa cultura que me ensina a cada nova oportunidade é o que me move e me faz resistir.



DJ Rafaela Ramos

DJ

Sobradinho - DF

Siga @djrafaelaramos

Rafaela Karollyne Lima Ramos, a DJ Rafaela Ramos, desde muito pequena teve seus primeiros contatos com a música. Por influência de seu pai o DJ e Produtor Cultural DJ Hool Ramos. Em 2020 começou a apresentar o programa semanal Quarentena Music Beats, no Youtube e Facebook durante o período da Pandemia de COVID 19. Após isso DJ Rafaela Ramos, já discotecou em eventos como o Baile do Hool Ramos (2021 e 2022), sendo Homenageada em neste último, dia do DJ 2023 (Sobradinho DF), Lives do Projeto Mixtape BSB, evento Feira D´Elas 2023 (Edição Especial Dia dos Pais), Seletiva de DJs do Projeto Arte Urbana em Ação e no Encerramento do Projeto Arte Urbana em Ação 2023. Devido a sua desenvoltura e habilidade na utilização de toca discos, DJ Rafaela Ramos foi convidada pelo Curador do DMC WORLD América do Sul, DJ Erick Jay-SP (Pentacampeão Mundial de DJs), para realizar a abertura do DMC BRASIL 2023, na cidade de São Paulo-SP. Sendo ela a 1ª criança a se apresentar em um campeonato deste nível no Brasil e a 1ª DJ de Brasília a se apresentar no evento. Antes dela, apenas os DJs Alan DEF, DJ A e DJ Brotha representaram o DF neste renomado evento. A convite do Grupo Cultural AZULIM, se apresentou junto com outras crianças no evento Natal Solidário,

no Salão Negro da Câmara dos Deputados em dezembro de 2023. Já em março de 2024 participou do evento DJ Tânia Convida Elas, onde tinha por objetivo arrecadar material de higiene pessoal para mulheres em situação de vulnerabilidade social. Discoteca também no Baile Charme da Torre em Homenagem ao mês das Mulheres. Em 21 de abril de 2024, discotecou na abertura do show do artista Luccas Neto para um público de mais de 20.000 crianças.



Mic

Graffiti

Sobradinho - DF

Siga @michellecunha_mic

Sou paraense e fui morar em Brasília em busca de mais oportunidades em 2006/2007. Vivi 15 anos e foi onde eu me encontrei com o graffiti como forma de arte que me abriu as portas para conhecer melhor as quebradas, as cidades satélites e principalmente muitas pessoas e artistas. Eu já era pintora, tenho formação em licenciatura em arte, porém só comecei a ir para as ruas valendo em 2012. Foi através do Moll e do Sheep q aprendi usar o spray. Comecei com um personagem que ficou muito querido, a Corujinha que era um rolê mais vandal e que eu gostava de fazer em pontos abandonados e em pequeno formato para chamar atenção das pessoas para o abandono, para lixo... Às vezes o personagem vinha com uma frase, a principal era “a vida é sonho” ou “tanta casa sem gente, tanta gente sem casa” Depois comecei a desenvolver melhor outros personagens e temas, assim vieram os pássaros mais elaborados e geométricos e as mulheres. Um painel que gosto muito é o que está no espaço cultural da 708, retratei uma mulher com traços indígenas representando para mim a Cabocla Jurema, uma encantada. Esse mural foi através de um edital, eu e mais 6 mulheres participamos e é um dos meus preferidos pela escala, por ser uma conquista de mulheres e pelo lugar que eu frequentava muito

quando cheguei para morar em BSB. Quero destacar que nesse percurso do graffiti iniciado em 2012 o que mais me deu orgulho foi a iniciativa de dar Oficinas de graffiti para Mulheres. Foram em torno de 5 em Brasília e 3 em Belém envolvendo um público de mais de cem mulheres só todo. Algumas mulheres que atuam hoje iniciaram participando deste projeto que no começo era voluntário, eu só cobrava o material para poder atender o máximo de pessoas. Outra participação minha na cena era reunir mulheres para fazer multidão. Acho que foram os primeiros que envolvia só mulheres. Duas vezes eu organizei o Elas por Elas, um na Casa Frida e outro na Vila Cultural. Organizei sozinha as duas versões do evento, o 2° e o 3°, sem recursos, só com apoio para alimentação e algumas latas de tinta. Além deste, organizei outros mutirões sempre com o foco no graffiti feito para mulheres, o último foi numa escola do Guará em março de 2022. Participei junto da exposição MundeZ no museu da República. Eu e Brixx éramos as únicas mulheres representando a cena e foi bem difícil enfrentar o machismo nesse espaço. Além de que não havia mulheres negras. Quando a exposição se estendeu para o Parque da Cidade eu reclamei da falta de mulheres nesse rolê e consegui trazer o coletivo Risofloras, a Carli Ayô, Mai Bucar, Iasmin Kali e Borgê. Esse evento começou com a exposição, mas virou o primeiro encontro de graffiti do DF e o Fórum de graffiti. Atualmente voltei p o norte, mas sempre acompanho o rolê de BSB.



B.Girl Kelly

Breaking/danças urbanas

Sobradinho - DF

Siga @sandrakellylimasilva

Quando eu cursava a primeira série do ensino fundamental, em uma escola pública perto de casa no P. Sul, Ceilândia, comecei a perceber as desigualdades ao meu redor. Muitos dos meus colegas precisavam trabalhar para ajudar em casa e, por isso, deixavam de ir à escola. A escola era um ambiente onde o recreio não existia por conta da agressividade dos garotos, o que fazia com que as meninas precisassem ser fortes e aprender a se defender sozinhas muito cedo. Foi nesse período que meu interesse pela dança surgiu, imitando coreografias de programas infantis, como o da Xuxa. Ao mesmo tempo, me encantei com o filme Flashdance e as cenas de breaking.

Quando me mudei para Taguatinga, participei de atividades extracurriculares e, por um tempo, fiz aulas de jazz. Apesar de gostar da dança, sentia-me mal com as críticas da professora, que expunha meus “defeitos” na frente das colegas. Logo depois, me identifiquei com o taekwondo e outros esportes, principalmente os praticados majoritariamente por homens, como o basquete, SAKTE e a capoeira.

Durante a adolescência, em meio a muitas emoções e revoltas, o hip hop entrou em minha vida. Através da MTV, conheci a música e, posterior-

mente, o breaking. Ao ver poucos exemplos de mulheres nessa dança, senti-me atraída pela prática. Comecei a frequentar eventos e festas de breaking, mas enfrentava dificuldades por causa do preconceito que limitava as mulheres ao nível alto da dança. Determinada a aprender mais, continuei buscando espaços para praticar.

Com o tempo, me envolvi em eventos, trabalhei em uma loja de skate e conheci b.boys que me apresentaram algumas aulas e crews. Após várias tentativas de ingressar em uma universidade pública sem sucesso, decidi ir ao Rio de Janeiro no ano 2000, onde vivi de bicos e me sustentei sozinha. Foi lá que vi, pela primeira vez, meninas dançando hip hop, o que me deu motivação para continuar.

De volta a Brasília, em 2003 conheci um grupo de meninas que dançavam breaking e fui convidada para fazer parte do BSB.GIRLS, o primeiro grupo feminino de breaking do Distrito Federal. Desde então, continuamos crescendo, participando de campeonatos, workshops e eventos importantes. Nosso grupo se expandiu para outras cidades e até para os Estados Unidos, e continuamos promovendo o empoderamento feminino através da dança.

A dança breaking não apenas me deu força e expressão, mas também me fez questionar e desafiar os papéis impostos às mulheres na sociedade e na cultura urbana. Em 2014, me formei em Licenciatura em Dança no Instituto Federal de Brasília e sigo na busca de metodologias para continuar ensinando e compartilhando essa dança, que se originou nas ruas e traz consigo uma história de resistência e originalidade.



DJ Tânia

DJ

Sobradinho - DF

Siga @djtaniablackmusic

DJ, mulher, negra, mãe, avó, do lar, empreendedora e produtora cultural. Natural de Brasília-DF, criada em Sobradinho-DF e residente há 08 anos na cidade de Ceilândia-DF. Com seu companheiro “DJ SMOOGG” realiza Bailes de música negra, música Flash Back (70’s, 80 e 90’s) e também eventos socioculturais sem fins lucrativos com objetivo de apoiar famílias não assistidas pelo poder público. Realiza também intervenções culturais em escolas públicas da Ceilândia com grupos de dança de rua.



Tacha

Breaking/danças urbanas

Planaltina - DF

Siga @nathachacomch

Era as 15:00 de um dia ensolarado do mês de setembro de 2008, eu me recordo do cheiro e do vento batendo no meu rosto próximo da rua que ouvi aquele som pela primeira vez. Eu lembro do TUM TUM PÁ, a bateria de fundo e musicalidade, lembra de estudar Bambaata. Me lembro de aprender a fazer o primeiro top rock. Ainda sinto o meu coração a compensar! Era imatura demais, mas após finalizar meu ciclo com o Hip Hop me fez amadurecer. Quando se nasce na periferia as oportunidades são limitadas, e ainda como mulher estamos sem a presença de referências, e que bom quando nós nos encontramos com o HIP HOP. Se criam referências significativas. Eu nunca me importei com giros ou velocidade, estar inserida numa cultura enorme e no que ela representava importava mais. Eu entrei pela paixão. Foram 4 anos dançando. Muitos campeonatos, muitos eventos, algumas viagens. Mas quantas eu deixei o legado da cultura? Isso vale mais. Valeu mais do que sair em jornais. Tênis descolado| Mochila antiga, sem dinheiro para a passagem. E isso me lembra O refrão : Hey rap, a gente pode ganhar um milhão Desde que o que dê a direção seja nosso coração, irmão Fomos tocar com papelão Hip-Hop em ação, sem toda essa falação Esse negócio de todo mundo ser homem de negócio

Serviu pros ego inflar e camuflar o ócio Muito rei pra pouco trono Porque a cultura aqui é uma criança E ninguém notou o abandono. O Hip Hop foi para a Nathacha uma passagem FORMADORA. Ele me formou como empresária, mãe e profissional. Lembro da primeira Makossa, do Primeiro encontro de BBOYS e BGIRLS. onde todos preocupados em se divertir. Apenas se divertir. Eu fui agredida muito dentro de casa, e o Hip Hop me deu diretriz. Me fez não ter revolta. Eu me arrisco a dizer o senso enorme de competição que pairou na minha cabeça na época. Se tiver que dar um conselho e : A cultura é linda, se reconheça e reconecte com as raízes dela! As competições tiram seu foco principal que é a PERPÉ-TUAR. Perpetuar a Cultura do Hip Hop. Pois quando você vive verdadeiramente ela, você tem sucesso porque tudo é felicidade. Cada desafio é uma cypher divertida de entrar. Cada lágrima, vem com afago do tente outra vez. Voltar às raízes. Me faz querer voltar hoje! E contribuir! Meus olhos marejam, como fui feliz, sou feliz! Eu SOU. Porque: Ele me escolheu e vive aqui DENTRO. Porque enquanto houver batidas do meu coração, existe uma batida de HIP HOP em minhas veias. Eu penso, eu sou. Então eu parti por me desconectar com as raízes. Minha formação| Minha raiz. O Hip Hop salvou muitos e me salvou, e o maior projeto social. E não pode se perder. Sem ele toda violência que sofri não teria sido ressignificada. SER FRUTOS LIGADOS A RAIZ. E o que nos fará vencer e não pode se perder em você.



Edia

MC/Rapper/Cantora/Produção/Conhecimento
Núcleo Rural Lago Oeste, Sobradinho II - DF
Siga @edia.official

Nasci no interior da cidade de Rondon do Pará, fui criada num quilombo em uma comunidade do KM56 da BR222. Filha de Diane Vieira da Silva e neta de Domingas Vieira da Silva. Meu nome é uma mistura do de pai com o de mainha. Sou cantora, compositora, dançarina, brigadista florestal voluntária, produtora cultural e intérprete de Libras. Atualmente sou casada com uma mulher, moro no Núcleo Rural do Lago Oeste e tenho 23 anos. Acabei de executar meu primeiro projeto chamado 'SOMAR' que trabalha música, acessibilidade cultural e atitudinal e o protagonismo de pessoas com deficiência. Venho de uma família avexada, cheia de cozinheiros de mão cheia, multiartistas e de muito carimbó no pé, sempre fui muito cercada pela correria do dia a dia dos meus pais, da família na roça mas também das festas e dos festivais culturais que meu pai participava em Rondon, os banquetes familiares acompanhados dos brega risca faca e forró também sempre me foram marcantes, então desde moleca eu já tinha todos as características de uma mulher que ia ser foda na correria artística seja qual lugar fosse, seria arteira. Meu pai se chama Edson de Deus e ele foi minha primeira referência musical, ele é cantor, compositor, multi-instrumentista, artesão, luthier e mestre de obras independente. Tudo que sabe aprendeu só, fez de si sua fonte de acesso. Toca

qualquer instrumento de ouvido. Junto às referências da minha terra que influenciaram fortemente minha introdução artística na música e as referências do meu pai; somam-se minhas vivências e perspectivas do Pará até o Distrito Federal, junto ao trilhar de uma passagem da criança para a mulher que não foi um processo fácil mas me foi necessário pra ter cabeça pra morar e viver aqui. Foram muitos atravessamentos, principalmente saúde e falta de acesso e assédios. Sempre coleí nas batalhas de rima em Brazlândia, nos palcos para recitar umas paradas mas ainda não tinha gravado nada pra lançar mesmo até essa época (15 anos), fui despertando o interesse de rimar nuns beat free do youtube e assim me liguei que eu improvisava massa, que eu sentia legal as coisas e acabava usando a música pra conversar comigo mesma, e aí em diante segui escrevendo. Conheci uns amigos que tinham um estúdio, até gravei com eles na época. Assim adentrei a música, com calma e respeito como uma benção sagrada que eu já havia recebido antes. Meus pais se separaram em 2013, eu tinha 12 anos e a partir disso eu e mainha nos mudamos pra Sobradinho. Daí fui expandindo nos roles de Sobradinho também; na cultura mais pras bandas de cá e consegui realizar meus corres com mais solidez. Comecei a estudar várias paradas, consegui sair de casa com 17 anos por conta dos problemas com meu padrasto e afins, então nesse período também vivi em muitas casas, muitos lugares, muitas pessoas e energias até de fato me assentar e morar sozinha. Trabalhei com Dread por muito tempo pra levantar uma grana, em petshop, mercado a porra toda, vendi até jujuba e água no sinal lá no Parque da Cidade (trampo até hoje com dreads mas só com quem quero, os clientes massa de confiança). Eu componho quando sinto, quando vem, quando abandono o controle e me permito falar verdadeiramente o que sinto sobre tal assunto, trocando de pele aos poucos, acessando esse processo.... Na fim das contas, meus dias ruins tornam-se algumas grandes composições e dias bons, seguem florescendo música com um propósito maior. Sempre fiz meu corre conquistei minha independência muito cedo sempre estudei pra conseguir fazer meus investimentos fazer minha grana rodar uma forma inteligente me sinto muito rica e não falo sobre o dinheiro mas conheci as pessoas certas sabe os ciclos que começaram vieram e findaram foram necessários me vejo muito cuidada graças a Esù a minha vida me dá tudo que eu preciso e musicalmente falando é o que eu respiro mesmo então me sinto no caminho certo. E minha parada é viver bem, fazer o que eu amo e proporcionar acesso às paradas pra galera que vem de onde eu vim. Transmitir minhas ideias, trabalhar para um futuro massa pras cria. É isso! Isso tudo graças a Esù e Dona Sete encruza, Seu Cobra Coral e cabocla Jurema, Oxóssi, Iemanjá, Oxum e Oyá. Filhas dos donos.



Eulla Yaá

Produção/Conhecimento

Planaltina DF

SIGA @eullayaa

Eulla Yaá, 31 anos, travesti, moradora de Planaltina DF. Professora formada pela Faculdade UnB Planaltina. Tem uma trajetória marcada pela educação popular e pelo exercício das ciências na periferia. Como arte educadora, acredita no poder do hip hop como ferramenta transformadora dentro das escolas, utilizando essa cultura para conectar, inspirar e educar adolescentes. Possui compromisso profundo com uma educação popular e conectada com as culturas juvenis, onde o hip hop não é apenas uma expressão artística, mas um espaço de aprendizado e resistência. Compõe a coordenação colegiada do Centro de Defesa do Direito da Criança e do Adolescente e o Núcleo de Estudos e Organização do conhecimento sobre literatura marginal-NEOLIM.



Aline MC

Planaltina DF

MC/RAP

Siga @alinemc_

Aline Florêncio da Silva, uma jovem de 26 anos residente em Planaltina, é uma figura proeminente na cena cultural do Distrito Federal, mais conhecida pelo nome artístico Aline Mc. Sua jornada no mundo da arte começou nas batalhas de rima, onde se destacou dentro da cultura Hip Hop, e ganhou visibilidade através de seu canal no YouTube, expandindo rapidamente seu público e alcance.

Além de sua atuação artística, Aline tem um forte comprometimento com a comunidade. Ela participou de vários projetos sociais e culturais em escolas e centros de ressocialização infantil, contribuindo para o desenvolvimento artístico e social de jovens. Enquanto Mc, Aline também se destacou nas batalhas de rima na rota do afroturismo, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira e fortalecendo a identidade cultural por meio de sua arte.

Em 2019, Aline se aventurou em São Paulo, onde trabalhou em projetos musicais e audiovisuais com renomados produtores, incluindo DJ Kaique, uma referência na cultura Hip Hop, e colaborou com a produtora Love Funk, uma das maiores do cenário do funk nacional.

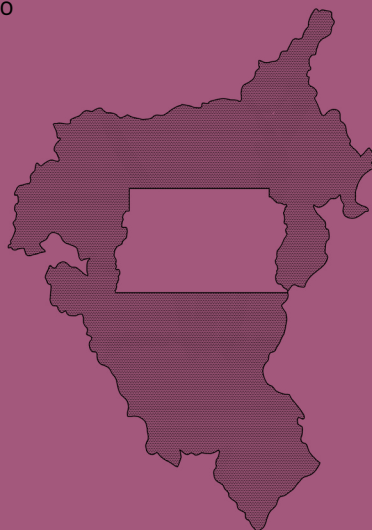
Atualmente, Aline Mc é reconhecida como uma das maiores influenciadoras do Distrito Federal, acumulando mais de 1,2 milhões de espectadores em suas redes sociais, incluindo Instagram, YouTube e TikTok, solidificando sua presença tanto na música quanto nas atividades sociais.

Jane Mulher Comum
Mai
Dj Ketlen
Guerreira Lilian
Lia
Lory de Oyá
Minatina
Bisa
Juliana
Negra Bill
Stephanne
Thay Brito
Tuyra
Negritas Arteiras
Marcia
Rayssa
Santa Surda
Dany Cool Cat
DJ Bruna Val

REGIÃO METROPOLITANA DO DISTRITO FEDERAL

Quebradas

Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.





Jane Mulher Comum

MC/Rapper/Cantora

Bairro Jardim Céu Azul, Valparaíso de Goiás- GO

Siga @Janemulhercomum

Jane começou sua carreira em 1990, quando formou o grupo “Atitude Feminina” e desde então vem fazendo uma grande diferença no rap feminino do Brasil. Uma grande referência no que diz respeito ao rap consciente e social, com letras que defendem os direitos da mulher, da periferia e contra qualquer tipo de discriminação. Jane lançou seu primeiro trabalho solo em 2007, com a música Inocência que relata a vida de uma menor de idade se prostituindo, falando assim do mal da prostituição infantil no Brasil, participou de grandes eventos por todo o Brasil. É professora no projeto Mixando, onde leva cursos profissionalizantes para alunos da rede pública de Valparaíso e do Distrito Federal. De 2007 até hoje vem contribuindo no cenário hipo hop novos espaços na cultura hip hop. Em 2010 lança a música sozinha Jamais que logo se tornou sucesso na internet, em 2014 e 2015 participou do evento Expo Hip Hop um dos maiores festivais de Hip Hop do Brasil, em 2018 participou do documentário Smurphies Disco Club, participou em várias oportunidades de telejornais locais como DFTV(DF1/2) e DF Record, participou do documentário EM COMUM do canal FUTURA, participou por várias vezes de solenidades na Câmara Legislativa do DF e programas na TV Câmara, participa desde 2009 do Evento MINISTÉRIO HIP HOP em Valparaíso de Goiás.



Mai

Graffiti

Valparaíso de Goiás- GO

Siga @maybucar instagram

Entre na cultura hip hop bem jovem antes dos 18 já andava com rappers da cidade, Clayton (atual Torre Forte) Mangote(rapper, grafiteiro) já desenhava e fazia grafites , letras nos cadernos mas nos muros não. Muitos conhecidos que moravam no jardim oriente, Valparaíso morreram e outros seguiram, assim como eu. Segui outros caminhos, fui meio hippie, meio requieira, meio tudo, mas quando ouvia os ritmos e a poesia nas rádios ou pela cidade meu coração sempre batia forte e bate.Sempre quis fazer rap mas nunca tive talento pra isso, até cantei , fiz backing-vocal vocal para algumas bandas, mas rap nunca fiz. Anos depois meu reencontro com o hip hop não poderia ser melhor, já era mãe do Raul e nenhum dos trabalhos que fazia parecia fazer sentido, mas as tintas, os pincéis, os rolos, nunca saíram das minhas mãos. A partir daí comecei a participar de encontros de graffite femininos , encontros mistos, encontros de graffite e não parei mais até porque fazer arte é ser quem eu sou. Sou muito grata ao hip hop por ter me dado tanto espaço pra fazer meu trabalho.



DJ Ketlen

DJ/Produtora/Trancista

Águas Lindas - GO

Siga @djketlen.niggaz

Meu nome é Ketlen, sou natural da Ceilândia, moradora de Águas Lindas, preta periférica e mãe solo, toco em eventos e festivais desde 2015. Dei início à minha carreira tocando de maneira autodidata em festas e reuniões de amigos, tenho ligação direta com a música desde a infância e o contato igreja, porém já adulta e no intuito de me aprimorar, conhecer técnicas e equipamentos fiz 2 cursos de discotecagem e busquei referências da minha vertente preferida que é o Rap, sendo um com o Dj Oci-mar da Dabomb e o outro com o Dj Jean do projeto Jovem de expressão. Depois fiz alguns workshops com Djs experientes, através de projetos sociais, alguns deles foram com Dj Chokolaty, Dj Paulo Souto, Dj A entre outros Djs consagrados.

Daí em diante toquei, toquei e trabalhei em bailes e festivais como: Ma-kossa Baile Black (parece um sonho) Festival Elemento em Movimento, Festival Melanina, Biroscas do Conic, Underbaile, Bud Basement, STU Festival, Hip-hop Contra Fome, Festa KillaBeez, Festa Drop It Like It's Hot, Festival Pavilhão Luz, Lazer Isso Aqui é Df, Festival Favela Sounds, Festa Rala, Baile Charme da torre, Baile Charme da Capital, Festival Fyah, Circuito Candango de Skate, SoundSystem Batalha na pista, Fes-

tival Cultura Candanga...além dos tantos serviços prestados em eventos de cunho social para as comunidades, e que faço toda a questão inclusive. Recentemente fui contemplada na categoria “DJ” pelo festival Valor Periférico, e recebi o prêmio graças ao voto das pessoas que curtem meu trabalho e acompanham minha trajetória, isso foi especial de verdade.

Já trabalhei tocando no palco para artistas renomados no cenário musical como: Ellen Oléria, Lídia Dallet, Rico Dalazan entre outros.

Toquei em festas que se apresentaram artistas como: Ponto de Equilíbrio, Emicida, Ludmilla, Dj Jazzy Jeff, Gabriel o Pensador, Flora Matos, Rappin Hood, DJ KLJay, Djonga, entre outros.

Hoje eu tenho como principal objetivo promover espaço e autoestima entre público, que é composto principalmente pelo público jovem e periférico e como eu um dia, nem tem acesso às oportunidades no meio artístico.

Com o trabalho que desenvolvo como Deejay, busco estudar e transmitir o que tem de melhor dentro de nossa cultura através da arte da discotecagem.

Potencializando a cada dia mais a atuação por onde passo, costumo trazer comigo um bass line intenso, sempre com as novidades que estão rolando nas cenas mais influentes da Black Music e EDM nacional e internacional. Com as músicas que chegam através de artistas locais, além dos estilos consagrados dentro de vários segmentos como: Golden Era, Flash Back, Miami Bass, Lo-Fi, Bounce, Dirty South, Boombap, Trap, Gangsta Rap, RnB, Drill, Ragga, Dub, Reggae, Afro House, Funk, Brasilidades, MPB, Samba, House, Break Beat, Drum and bass, Funk Soul, Jazz, Samba Rock entre outros.

Meu projeto de produção artística pessoal carrega o nome de Young Beat. Nossa festa acontece desde 2017 e atuo como Dj residente, sempre trago Djs convidados e que costumam chegar com seus sets feitos para o público alvo que é amante da black music e periférico, a proposta da festa é trazer diversão, lazer e acessibilidade ao conhecimento musical do público underground na cidade e em seus arredores através da discotecagem. Também administro junto ao meu companheiro a marca de roupas Niggaz Paradi\$e que está em fase inicial, além do coletivo Niggaz Paradi\$e Urban Culture e esses projetos têm o intuito de promover o estilo streetwear da marca a todos os lugares possíveis através das roupas e acessórios, além de eventos feitos pelo coletivo para fomentar a cultura urbana, abertos pra comunidade onde resido.Sou Deejay oficial da rapper Realaleza desde 2017, e juntas nos contemplamos e nos apresentamos em eventos e festivais dentro e fora de Brasília, junto a um time de mulheres empoderadas e talentosíssimas em diversos segmentos artísticos.

Também faço parte do coletivo Encontro A.L. que movimenta a cultura hip-hop na cidade de Águas Lindas de Goiás onde resido, discotecando como DJ residente no Evento Mensal ENCONTRO DE B.BOYS E B.GIRLS AL que acontece desde 2017 completando em 2023, 6 anos de existência. Trabalho como colaboradora da loja ASKAL SKATESHOP, especializada em produtos para a prática de skateboard, modalidade com forte apelo cultural por ser vanguarda do estilo alternativo urbano que dita tendência de moda e comportamento em todo o planeta. O foco da loja é proporcionar qualidade em serviços e produtos, e busca pela promoção, organização de ações e projetos voltados à prática do skateboard e cultura urbana.

Trabalho como DJ residente no projeto Caravana cultural que leva arte e cultura com oficinas e apresentações artísticas através do instituto Lumiar nas escolas e nas casas de internação para menores infratores do Distrito Federal desde 2019.

Motivada a partir da necessidade de ter um espaço onde pudesse trabalhar com tranças e penteados afro de forma livre apesar da pandemia, iniciei o projeto: Espaço Queens.

O espaço atende a todes e é totalmente focado na autoestima através de referências ancestrais ligadas aos cabelos a moda e a beleza negra.

Além do trabalho com a beleza, o espaço conta com uma estrutura de mesa, som e iluminação, onde são feitas lives e apresentações artísticas em formato on-line.

Em 2021 a DJ Ketlen teve seu espaço furtado e levaram entre roupas, cabelos orgânicos, a controladora, notebook, caixa de som e muito mais daquilo que era seu equipamento de trabalho. No entanto seguindo os planos ela segue firme com seu espaço na intenção de crescer e ser fonte de renda para outras mulheres negras e periféricas em Águas Lindas e região!

Hoje a luta é pelo reconhecimento quanto ao assunto “remuneração” entre a produção e o artista periférico.

Minha expectativa é um dia poder ser e ver os meus serem remunerados da forma que realmente merecem em todos os trabalhos, para que assim os meus e os sonhos dos meus possam um dia serem realizados.

Além do dinheiro me sinto feliz, honrada e orgulhosa por tudo o que já passei e resistir em nome da arte da discotecagem.

Ela segue me salvando dos males que a sociedade causa, todos os dias.

Eu quero ser inspiração pras minhas!



Guerreira Lilian

MC/Rapper/Cantora

Jardim Céu azul -Valparaíso de Goiás-GO (Entorno Sul)

Siga @Guerreiralli

A carreira da Guerreira Lilian se deu início no ano de 2001. Com vontade de estar no espaço do Hip Hop formou um grupo de rap feminino no céu azul “Vozes da periferia”. Como não tinha espaço e pela falta de oportunidade de espaço para as mulheres, deixou o grupo com a chegada do Grupo R.D.F (Resistência da favela) no de 2003/2004 no Pedregal teve a oportunidade de mandar a sua voz em uma única música. O grupo teve reconhecimento e se integrou ao grupo. No mesmo ano o ex-integrante Preto Nagô resolveu montar seu grupo com Dj.Wrap e Guerreira Lilian e deu início do Grupo de Rap Afrodinâmicarima. Teve seu alcance tanto no entorno e no DF com várias apresentações nos palcos regionais. Guerreira Lilian em 2015 por motivos e forças maiores, se sentiu incomodada por ter na liderança 2 homens e apenas e ela de mulher, se viu a importância do poder de falar de uma mulher e negra. E se afastou do grupo e focou na sua carreira solo. Entrou de cabeça no projeto Voz Ativa (Jovem de Expressão) que a partir daí teve visibilidade e reconhecimento. Tem como seu parceiro Dj.W.Rap que é seu DJ e Produtor musical. Apesar disso, a guerreira sofreu racismo por ser mulher e negra. A mesma encontrou dificuldade inclusive na cena do Hip Hop. Guerreira Lilian teve várias obras elabora-

das, Projetos que foram Executadas nesse Período até o momento (Projeto voz ativa, do Elemento em Movimento),(Livro Hip Hop em Mim do Markão Aborigine),(Grupo Feminino Negro Afrorima),(participação no CD e DVD Vera Veronika),(Projeto Rapensando nas Escolas),(Participação em HIP HOP Mulher),(Trabalhou na Frente Nacional Mulheres no Hip Hop),(Participação no CD e DVD Grupo de Rap Baseado nas Ruas),(Projeto Donas da Rima),(Certificado cultural: Projeto Festival DF Hip Hop, Personalidades Culturais Lei Aldir Blanc),(Projeto Mulheres Inspiradora),(Eliminatória no Hip Hop do Cerrado),(Prêmio Hip Hop Zumbi),(Seleções YO Music),(Festival Latinidades),(V Fórum nacional de mulheres no Hip Hop),(Viela 17 Convida),Slam do Céu e Rap na Ativa(Participação em Grupos Musicais: Ocorrência Criminal, Paradgma, Quarteto Mc´s, Justiça Cega, Vera Verônika, Baseado nas Ruas é Afrorima. Atualmente é integrante do Bloco Afro Rum Black, cantora e percussionista. Guerreira Lilian é Co-Produtora legítima e é representante do Rap feminino no DF e Entorno sul.



Lia

MC/Rapper/Cantora

Cidade Ocidental -GO

Siga @lia.asdonnas

Iniciei minha história de certa forma em uma brincadeira no estúdio de meu esposo que até então não éramos juntos ainda, Góry Studio Arsenal e na oportunidade fizemos uma faixa cuja a participação se dá pelo artista Herli Dias atualmente backing vocal do cantor Gustavo Lima, daí a brincadeira ficou interessante e formei um grupo com mais duas amigas chamado As Donnas, realizamos várias apresentações dentro e fora do DF, dentre eles o BSB Rap Festival, Festival Hip Hop do Cerrado em participação com o grupo Química Perfeita e vários outros grandes nomes do Rap nacional, participamos do prêmio Hutus onde ficamos entre as 10 principais bandas concorrentes. Nessa caminhada também houve a oportunidade de sair em uma página da cultura do Correio Brasileiro, fizemos algumas apresentações em GO, MG e TO. Já praticamente em carreira solo mas usando o nome do grupo do qual só eu continuei, ainda soltei algumas faixas e uma delas se chama infância, onde relato os problemas com a pedofilia e a discriminação deste crime. Fiz parte do projeto social Quebrada Em Cena, onde fazíamos trabalhos dentro das unidades de internação do DF ministrando cursos profissionalizantes e exercendo a parte de conscientização junto aos internos. Participei de al-

gumas apresentações em lives também durante a pandemia. Hoje ainda não oficialmente fora dos palcos mas com grande desânimo por conta de vários fatores, entre eles o desrespeito a mulher dentro do movimento e o fator étnico por ser uma rapper negra, acompanho alguns eventos mas sem grande envolvimento, apenas me dedicando a família mesmo e outros trabalhos paralelos ao movimento Hip Hop.



Lory de Oyá

Produção/MC/Literaturas de rua

Parque Esplanada 01- Valparaíso de Goiás- GO

Siga @lorydeoya/@sarauda01

Minha trajetória se inicia na adolescência, onde escrevia poesia marginal e já organizava os Saraus na escola. O tempo foi passando e eu fui me enxergando dentro dessa realidade de manifesto, na luta e sofrimento pelos preconceitos sofridos ... Sonhava organizar um Sarau dentro da minha quebrada, igual aos da escola, mas ainda me faltava a “ essência “ para o movimento acontecer! Foi então que conheci o projeto Cultural SLAM DO CÉU, e lá participei e venci minha primeira batalha! Me apaixonei pelo movimento e percebi que ali era meu lugar! Então no dia do meu aniversário organizei a primeira edição do SARAU DA 01 (nome que dei em homenagem à minha quebrada) ,o movimento foi acolhido pelo Quiosque Dom Gourmett, colaram muitos artistas , tivemos um palco aberto , e percebi o quanto os artistas da quebrada , sentem falta de um local que os acolha e lhes dê espaço ! Hoje esse movimento já está na boca da galera , e temos uma parceria com uma batalha de Rima , que é a Batalha da Walls , a galera do Graffiti também traz seus tramos , e todos os dias eu me agradeço por ter dado esse passo , e o bingo o Hip Hop por ter acolhido minhas dores , minha arte e cultura ! Nossa logo é baseada na figura d’á povos originários, e como “mulher indígena”, me sinto acolhida e capaz

de dar espaço e Voz a tantas vozes que precisam ecoar a sua mensagem! Sempre tô colando nas batalhas, e mesmo que não seja o primeiro lugar em todas, sinto que estou sempre vencendo, enquanto artista e produtora cultural! Através do meu projeto, a comunidade tem acesso à cultura e lazer, desenvolve pensamento crítico e se liberta das amarras do sistema! Nossa luta foi uma caminhada contra a depressão, o crime e os preconceitos!



Minatina

MC/Rapper/Cantora

Luziânia -GO

Siga: @anacristina2261

Comecei no movimento por volta de 2003, através, na verdade de uma brincadeira e ao mesmo tempo de uma tirada onde um amigo tinha um grupo que era ele e 2 garotas os componentes e escrevi uma letra e quando estavam treinando mostrei e uma delas veio me perguntar se eu tinha coragem de cantar ali,... eu disse que nunca havia cantado mas decidi naquele momento tentar e daí então elas encerraram o grupo com ele e formamos um grupo feminino chamado ANÔNIMAS DO RAP depois mudaram as componentes onde permaneci até que desisti, passados alguns anos voltei com outro grupo também feminino chamado, Dialeto Consciente foram alguns meses até novamente decidir permanecer só no movimento desistindo após algum tempo porém o rap vive em mim e é minha vida até hj!



Bisa

Graffiti

Luziânia - GO

Siga @bisa_rafaela

Mulher preta da periferia de Luziânia - GO, mãe solo, artista visual, ilustradora e crocheteira. Aprendi a crocheter com minha avó, como uma tradição, e passei a levar a técnica como um exercício de criatividade. Em 2021 tive meu primeiro contato com o graffiti onde passei a unir as técnicas do crochê com a intervenção urbana. Minha ideia é levar o graffiti com o crochê para as ruas e fazer com que as pessoas conheçam e se identifiquem com este movimento e minha estética artística.



Juliana

MC/Rapper/Cantora

Céu Azul, Valparaíso -GO

Siga @julianaanaribeiroo

Iniciei a caminhada em 2000/2002 no grupo feminino “As Sobreviventes”, juntamente com a Ibéria, DJ Tiane e Cristiane, gravamos 2 músicas na época. Em 2002 formei o grupo “Lenda Suburbana”, juntamente com o meu esposo Téó (Imagem de Rua) onde lançamos a música “Só lamento e Levaram nossa paz”, em 2003 a música entrou para a coletânea Discovery G1. No mesmo ano, Naldinho ex Voz ativa integrou o grupo, Lançamos “Festa da periferia” e primeiro clipe, fomos apadrinhados pelo Lio do Liberdade Condicional onde iniciamos o projeto do primeiro CD com 10 faixas sendo 7 músicas exclusivas. “Vontade de vencer e Meninas superpoderosas” (participação das foras da lei, Minas do gueto, Jane e outras) são faixas que falam sobre o dia a dia da mulher no rap. Nesse tempo também integrei o grupo feminino “Minas do gueto” com a liderança da Ariane. Em 2007 o Naldinho faleceu e em 2009 decidimos parar nossas atividades. Atualmente realizo serviços sociais na comunidade.



Negra Bill

MC/Rapper/Cantora

Pedregal, Novo Gama -GO

Siga @fabricia.carvalho.754918

Bom meu início no movimento do Rap foi através do meu irmão mais velho (F.A) do Esquadrão R.A.P ia pros bales daí em diante fiquei mais envolvente no movimento e surgiu “As Aliadas do Rap” com as integrantes Ariane, Herbenia, Aline e eu Negra Bill gravamos nosso primeiro som “Gotas de lágrimas” gravada no Studio do pacificadores através do Esquadrão que sedia espaço do seu tempo nos bailes cantávamos e a galera ia conhecendo o grupo conhecemos vários grupos como foras da lei, As Damas, VeroniKa entre outras, fizemos shows na mansão Cancun ,tropical, em várias cidades, Recanto das Emas, Gama, Novo Gama, Santa Maria, Valparaiso; Ocidental entre outras quebradas, depois de alguns anos fui convidada a fazer parte do Esquadrão R.A.P fiz parte do primeiro álbum “Peso das palavras” sou grata a cada segundo que estive no rap que me ensinou e educou mas uma negra da periferia. Hoje sou mãe de 4 filhos, casada e devido os corre materno tive que para mas com rap dentro de mim ouço sempre e sempre ouvirei.



Stephanne

MC/Rapper/Cantora

Novo Gama -GO

Siga @marquesstephanne

Meu nome é Stephanie Marques e minha trajetória com o Rap começou aos 14 anos no ano de 2000. Em um projeto cultural da escola, me apresentei ao rap juntamente com duas amigas (Cláudia e Juliana) e tive a ajuda dos meninos do Comunidade X (Kaerb, Mano Boy e RD) nessa questão. Então eu entrei para o Comunidade X e comecei a fazer parte dos shows, apresentações e toda a correria de estar num grupo. Nossas apresentações eram no entorno Sul, em lugares como o Gama, Pedregal, Céu Azul, DVO e entorno. Gravamos músicas, fiz participações no grupo disparo verbal e a bancada escolta, que foi uma das melhores experiências da minha vida no Rap, pois éramos um grupo de pessoas de todas as quebradas em prol de um só motivo, o amor pelo rap, a irmandade, a união e o respeito. Sempre tive o apoio da minha família e muitos dos ensaios eram feitos na minha casa com a permissão do meu avô (Raimundo), das minhas tias e minha mãe (Odete Maria) me incentivando e acompanhando esses momentos. Ela por ser costureira já fez muitas das minhas roupas de apresentações e etc. O rap pra mim foi um divisor de águas, onde me apaixonei por letras de luta e sobrevivência. Convivi com pessoas maravilhosas, mulheres guerreiras e inteligentes. E eu me sinto

uma menina no meio dessas mulheres gigantes do mundo do rap. Hoje em dia muitas permaneceram, outras não, mas seguimos nossas vidas e caminhamos com as lembranças lindas que ficaram. O rap foi uma fase de grande crescimento em mim, até hoje ouço e acompanho pessoas e celebridades. Sendo elas pessoas que foram e ainda são grandes inspirações para mim. E nessas minhas lembranças mergulho intensamente e me recordo de onde formei uma identidade com dedicação e amor pelo rap... Assim finalizo essa pequena história que carrega uma experiência gigantesca! Eu vivi o rap, e hoje o rap vive em mim.



Thay Brito

Breaking/danças urbanas/Produção

Águas Lindas -GO

Siga @encontro_al

Minha História com o Hip Hop Conheci de fato o Hip-hop em meados de 2006, ouvindo muito RAP em casa com meus irmãos André William - And MC e Dayse Brito Ex bgirl, crescemos na cidade de Águas Lindas de Goiás, entorno no Distrito Federal. Posso Dizer que o Hip Hop me deu consciência, me fez entender sobre o meio que estou inserida na sociedade, eu sou grata ao Hip Hop por isso. Ainda em 2006 comecei a dançar músicas de Hip Hop, remix e etc. Vinculado a movimentos da religião cristã. Então conheci o Breaking e passei a treinar com frequência e conhecer o movimento Hip Hop de perto. Passei por algumas crews, considerando como principal para minha evolução o grupo de Bgirls Soul Ghetto Style segundo grupo de Breaking só de bgirls no DF que foi criado pela bgirls Angela. Uma das primeiras bgirls do grupo Reforços Breaking e Zulu Breaking. Após o encerramento da carreira da bgirl Angela O grupo Soul Ghetto Style parou suas atividades e parte das integrantes como eu e bgirl Tuka se unirão com outras bgirls, sendo elas Bgirls Prix, Guida Borninha, Sol, Nega Sam e Branca é formou o grupo BOTS também só de bgirls o grupo também teve um fim e as integrantes seguiram suas carreiras no Hip Hop ou fora dele . Hoje faço Produção cultural com foco no elemento Breaking e a dança é meu maior hobby. Sou idealizadora do projeto Encontro A.L que atua em todas as frentes do hip hop em Águas Lindas de Goiás desde 2017.



Tuira

MC/Rapper/Cantora

Lago Azul, Novo Gama -GO

Siga @Tuyrarayanne

Meu nome é Tuyra Rayanne, tenho 34 anos. Minha família sempre foi movida a música, os gêneros mais tocados nas festas eram MBP e SAM-BA, meu tio mais novo era quem amava RAP e todos os dias ouvia no último volume e dançava break, hip hop e aquele ritmo e danças me encantaram, então passei a imitá-lo, e todos riam e achavam bonitinho uma menina de 5 anos dançar break, aí comecei a cantar trechos das letras dos Rap que ele escutava, eram esses: Racionais, Álibi, Cirurgia Moral, GOG, sabotagem e tantos outros, assim que completei 8 anos e meu tio 18, ele foi morto, ainda iniciando sua vida adulta, e aquilo foi traumatizante pra mim porque era meu tio mais próximo e divertido, e ele também era muito jovem, eu e minha prima nos apegamos a todas as memórias e a partir daí o Rap virou nosso gênero musical preferido, e era estranho porque éramos crianças e todo mundo escutava os grupos da moda e nós amávamos Rap, nosso avô que era um homem muito sábio não recriminava o estilo e contava que o Rap existia devido aos sambas do Cartola e Jair Rodrigues, iniciamos nossa adolescência e ela montou um grupo de Rap com outras duas amigas para se apresentar nas escolas, elas cantavam bem mas não sabiam escrever suas próprias músicas, eu queria entrar no grupo mas só tinha 11 anos, então comecei a escrever letras de Rap, escrevi muitas mas guardava pra mim, escrevia sobre a desigualdade, racis-

mo, fome e tantas outras pautas importantes, sempre fui muito militante e me descobri expressando meus pensamentos no papel, o namorado da minha prima era minha referência mais próxima de um cantor de Rap (Alemão) ele soube que eu escrevia e pediu para ler minhas letras e ficou impressionado pela pouca idade que tinha e super me incentivou a cantar, disse que minha voz e as letras eram ótimas e divulgou para alguns amigos, mas foi meu grande amigo Neguim Edvani que entrou para um grupo e o líder queria uma integrante feminina, então ele logo lembrou de mim, e assim iniciei minha vida de rapper aos 13 anos, continuei escrevendo sempre por causas que acreditava, fizemos muitos shows no entorno, gravamos músicas no Studio do Brother, entramos para Escolta que era uma cúpula dos rappers do entorno e que lutava por espaço e reconhecimento da cultura, participamos de várias feiras culturais e esse era nosso maior meio de levar nossos pensamentos as comunidades, e era gratificante vê crianças e adolescentes se inspirando em nosso trabalho e querendo lutar pela igualdade de direitos, racismo desigualdade social e afroturismo, nem tudo eram flores, sofriamos muito preconceito, olhares tortos e falta de oportunidades, os pontos que tivemos oportunidades de nós prestar, foram: Mansão Cancun, galpões culturais do Gama, Smadi Clube, a aberturas de alguns shows em ginásios, algumas iniciativas da prefeitura do Novo Gama e administração do Gama, promovemos shows com cantores conhecidos para ter a oportunidade de nos apresentar, participamos de ONG com projetos voltados à comunidade, o grupo Versos Periféricos se desfez e logo o alemão me convidou para fazer parte do Consciência coletiva junto com o Bombinha, dois gigantes do Rap, muito aprendizado e algumas músicas lançadas, mas me mudei e com a distância ficava mais distantes os encontros para compor e criar juntos, e assim encerrou minha trajetória no Rap, não consegui mudar o mundo com minha arte mas com certeza consegui mudar algumas vidas e moldei muito do meu caráter e a mulher que sou, hoje não sou ativa no meio artístico, mas continuo admirando as mulheres do entorno que fazem a diferença para o Rap feminino, Vera Veronika, Guerreira Lili, jamais deixarei de me importar com o movimento, meus filhos conhecem minha trajetória, conhecem minhas músicas, gostam de RAP e tem orgulho de quem sou. O Rap mudou minha vida.



Negritas Arteiras

MC/Rapper/Cantora/Trancista

Novo Gama -GO

Siga @negritasarteiras

Minha vida com o rap começou por volta de 1996, escutei ideias letais e fiquei apaixonada. Sempre fui pra lazer com meus irmãos, onde fiquei mais próxima do rap Brasília. Abril pro rap foi onde abriu minha visão para as rimas, mas somente em 2006 fui convidada pelo Brunega do grupo Realidade das Ruas do Entorno (Valparaíso de Goiás) para fazer a tal voz feminina. Ali fiquei até o fim do grupo em torno de 2012. Hoje me descobri como voz independente no trap e rap. Pois minhas raízes de ideologias, vivências e lutas falam mais alto. O rap me trouxe a sobrevivência, por ser uma mulher em meio aos “vidas lokas”. Me ensinou a não desistir e me tirar o lugar da mesmice. Me fez olhar fundo e descobrir que a minha realidade era de muitos. Eu enquanto voz periférica e negra vou gritar através das poesias. Pois um dia irei partir, mas minha voz permanecerá!



Marcia

MC/Rapper/Cantora/Trancista

Valparaíso e Cidade Ocidental -GO

Siga @marciamartins.go

Meados dos anos 90 iniciei no rap, mas o rap já fazia parte do cotidiano, nossa trilha sonora do dia a dia, a identificação com o rap era automática era o nosso hit, hoje já há uma grande variedade música na quebrada como dizíamos, o rap é a poesia das nossas vida, mesmo que em alguns momentos seja de revoltas, mas também dançávamos do que vivia, motivada pelo grupo de Rap Sob Suspeita, quando presenciava junto Cintia (amiga) via o namorado dela cantando rap, ensaiando, então a convidei para formamos, uma dupla logo ela desistiu e me uni a Débora e Verônica, Dj Alisson, Rose então formamos “Missionárias”, depois mudamos o nome para “Cúmplice de Sina”, nas letra narra a respeito de mulheres, que marcaram a história do Brasil da força feminina, influenciando a união. Realizamos shows Ceilândia, Riacho Fundo, Gama, São Paulo no DF , marcantes como Rap Christmas realizado pela Redley Record, dividimos o palco com alguns renomados do Rap , Álubi ,GOG, Código Penal, Cirurgia Moral, liberdade Condicional, Visão de Rua, menção a rainha do rap finada Dina Di. Gostávamos muito de ir aos encontros no conjunto Nacional, dançar break, rever os colegas, participar dos bailes, shows. Fiz uma participação no CD do Liberdade condicional, e em 1997 conheci

o Pedro, o mesmo Ordep, pai da minha filha amada, Giovanna Paula, ele era integrante do grupo Versos ao Verbo. Pouco depois nos desintegramos do grupo de rap feminino e integrei junto com o Ordep, Chandel ,Dj Junior, Kal então formamos o grupo de rap Original onde conseguimos gravar o primeiro CD da Cidade Ocidental, em 1999 álbum Sacudindo o Gueto pela gravadora Discovery. Há pouco tempo me perguntaram se fui discriminada ou rejeitada no rap por ser mulher, me enchi de alegria ao lembrar ao nosso redor que tinha colegas, que sentia prazer em nos ajudar visível em suas atitudes como irmandade, ainda que havia poucas no cenário do rap, parecíamos heroínas rsrs. Hoje sou cristã evangélica, esposa de Wainer, Mãe de Giovanna e Breno, moro no Valparaiso de Goiás, militante contra a violência doméstica, atuante na política pública para família, gosto de ser instrumento de benção para meu próximo.



Rayssa

Breaking/danças urbanas

Águas Lindas -GO

Siga @rayssa.rps

Comecei a dançar breaking em 2018 como um passatempo, ia treinar no project sagaz uma ou duas vezes por semana e foi assim por muito tempo até o ano da pandemia que comecei a ter aulas com os arte educadores, Tsu e Jhoe, que começaram a passar ideias sobre batalhas de break e afins, no ano seguinte comecei a competir e continuo até hoje, algo que mais marcou a minha vida no breaking foi minha viagem para Portugal aos 17 anos para dançar no The World Battle, fiz diversas apresentações como Bgirl, e uma que me marcou foi a apresentação com a Sista Máfia na Makossa. Um ponto cultural da minha cidade que pode e deve ser potencializado é a Praça do Santa Lúcia.



Santa Surda

Graffiti/Produção

Cidade Ocidental -GO

Siga @santasurdaoficial2020

Olá! Sou Santa Surda, artista visual. Desde criança, adorava desenhar. Comecei a fazer teatro criança e, aos 12, nos quadrinhos; aos 17, fiz meu primeiro grafitti e meu primeiro trabalho de storyboard e direção foi com a equipe do curta “Louise” (2017). Voltei ao grafitti em 2021.



Dany Cool Cat

MC/Rapper/Cantora

Lago Azul, Novo Gama -GO

Siga @ Danycoolcat

Me chamo Danyella conhecida como Dany cool cat, comecei no mundo da música com incentivo de alguns amigos eu sempre amei, Rap dès dos meus 5 anos de idade escuto Rap amo todas antigas. minha inspiração aí com 12 anos decidi gravar minha primeira musica no Studio do mano Dalla CDP que me incentivou desde pequena dali começou a minha vontade imensa de continuar no mundo do Rap, amo cantar minha família ama quando tem meus shows, pois, eles vão e levam aquela energia muito boa pra me dar força, sim já tive várias críticas que o Rap não vai me dá futuro e tudo mais. Mas o sonho e meu e nele quero continuar tive a oportunidade de conhecer alguns ídolos meus de quando eu era pequena e tinha o sonho de conhecer, Osmair Código Penal, Thiagão Atalaia e muitos outros minha inspiração no rap começou com as músicas do Wlad Borges, Pacificadores, Cirurgia Moral, Facção Central, Racionais e a eterna DinaDi e a mina Karol Kolombiana, duas mulheres que me inspiraram muito e o Rap pra mim é vida. Ele me faz escrever meus sentimentos e passar isso para o mundo muita gente se identifica com minhas palavras ali e um pouco da minha vida numa folha de papel e amo passar isso para o mundo cresci, vivendo, no lago azul e céu azul duas cidades cheio de artistas maravilhosos espero um dia em Deus alcança muito mais, poder levar mais da minhas palavras para mulheres que lutou pra chegar e aqui está um pedaço da minha história.



DJ Bruna Val

DJ/Beatmaker/Produtora Musical

Valparaíso -GO

Siga @djbrunaval

Atuante como DJ há mais de uma década, Bruna Val também é produtora musical há cinco anos e apresenta uma pesquisa sonora que transita desde a Soul Music, House ao Techno. Seus sets e produções evidenciam a influência de sua afro-ancestralidade, referências do Jazz com suas baterias gravadas e harmônicos feitos com muita classe com resgate de elementos que salientam sua identidade pessoal e sonora. Ao longo de sua trajetória na música eletrônica, Bruna Val já se apresentou em pistas renomadas não só do DF - como Tônica, Vapør, My house, Balada em tempos de Crise, Parada LGBTQIA+ de Brasília - mas também a nível nacional, como 5uinto (DF), Universo Paralello (BA), D-Edge (SP/RJ), Surreal Park (SC) e Sounds of Quartzo (GO). Atualmente, Bruna Val é residente na festa de música eletrônica underground Antena (Externa-DF). Seus lançamentos recentes, sets e collabs com outros artistas podem ser conferidos na página da DJ no soundcloud.



Bgirl Branca

Breaking/Danças Urbanas

Cidade Ocidental - GO

Siga @branca.aguilas

Conheci o universo do Hip Hop em 2011, graças a um projeto social realizado em minha cidade. A iniciativa buscava tirar crianças das ruas e incentivá-las à prática de atividades físicas. Nesse contexto, me deparei com a oficina de Hip Hop, mais especificamente com o breaking, e foi amor à primeira vista. Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido conhecer o projeto e a oficina, que transformaram minha vida. Comecei a dançar naquele ano e segui até 2016, construindo uma trajetória repleta de conquistas. Venci campeonatos como o “Mulheres Batom Battle” e “Quando as Ruas Chamam”. Também participei de competições ao lado do meu antigo grupo de dança, o Rock Ninjas, e de um coletivo só de mulheres, o WE CAN DO IT BGIRLS. Em agosto de 2016, fui diagnosticada com uma lesão medular que inflamou toda a minha medula, e desde então, me tornei cadeirante e tetraplégica. Mas o espírito dançarino que existe em mim nunca se apagou; pelo contrário, ele me fortaleceu e me fez ser quem sou hoje: uma mulher resiliente, determinada e que jamais desiste de seus sonhos.

Atualmente, ainda atuo no mundo do breaking, não mais como competidora, mas como jurada. Hoje, sou vista como um exemplo de força e su-

peração por todos à minha volta. Busco constantemente novos conhecimentos, estudando para me atualizar na cena do Breaking e do Hip Hop. Sou muito grata a todos que me dão a oportunidade de compartilhar minha história, inspirando outras pessoas, tanto dentro quanto fora do universo Hip Hop.

Minha trajetória no breaking é respeitada, e tenho orgulho de ser considerada um milagre e símbolo de superação. As pessoas me enxergam como uma fonte de inspiração e resistência, e peço a Deus que continue me guiando para que eu seja uma boa referência para quem me acompanha. Sigo vivendo a cultura do Hip Hop com muito amor.



PARA NÃO CONCLUIR

Dados sobre a pesquisa

Para não concluir

Dentre as respondentes da pesquisa, 43% se declaram negras, 35,8% pardas, 16,7% brancas e 4,5% indígenas. Esses dados evidenciam a diversidade racial entre as mulheres e ressaltam a importância de sua representação nas discussões culturais e sociais. Além disso, 17% das mulheres relatam ter alguma deficiência, o que acrescenta outra camada de complexidade às suas experiências.

O Distrito Federal, predominantemente negro, precisa considerar essas intersecções a partir de uma dialética negra que valorize as vivências e lutas dessas mulheres. Essa diversidade não apenas enriquece o panorama cultural, mas também reflete as diferentes realidades e desafios enfrentados por elas em suas comunidades e regiões metropolitanas. É fundamental que as discussões sociais incluam todas essas dimensões, promovendo um diálogo que reconheça a pluralidade das experiências das minas e das manas.

Raça/Etnia

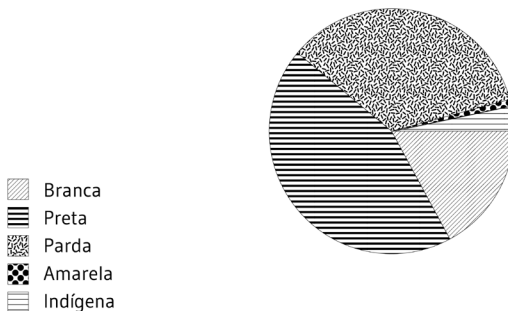


Gráfico 1

A análise da faixa etária das mulheres envolvidas na cultura Hip Hop revela um cenário interessante: 45,8% têm entre 31 e 45 anos, enquanto 41,7% estão na faixa de 16 a 30 anos. Essa predominância de mulheres jovens e adultas indica que o Hip Hop serve como um espaço significativo para a auto expressão e empoderamento, refletindo suas vivências e desafios contemporâneos. Por outro lado, apenas 7,5% das participantes estão na faixa de 46 a 60 anos, e 3% têm entre 0 e 15 anos, o que aponta para uma participação incipiente das crianças e adolescentes. Notavelmente, temos poucas mulheres acima de 60 anos envolvidas, o que sugere a necessidade de maior inclusão e incentivo à participação de todas as gerações, garantindo que a cultura Hip Hop continue a ser um espaço de resistência e criatividade para mulheres de todas as idades.

Qual a sua idade ou do seu grupo (por faixa etária)

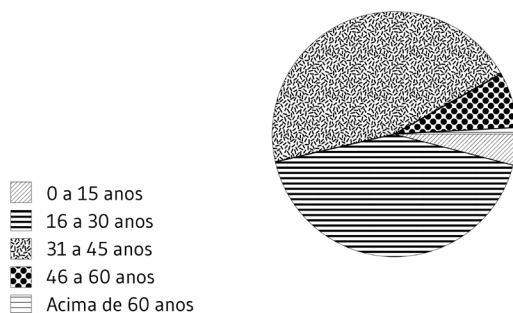






Gráfico 2

Em relação ao gênero, 91,7% das respondentes se identificam como cis-gênero, enquanto 5% se identificam como não binárias, 2,3% como travestis e 1% como mulheres trans. Esses dados ressaltam a importância de expandir o alcance e a visibilidade das mulheres trans e travestis no Hip Hop, que historicamente enfrentam barreiras significativas para a inclusão. A presença reduzida dessas identidades de gênero no cenário da cultura Hip Hop indica a necessidade de um esforço coletivo para criar um ambiente mais acolhedor e seguro, onde suas vozes e experiências possam ser ouvidas e valorizadas. Promover a participação ativa dessas mulheres é fundamental para fortalecer a diversidade e a representatividade dentro do movimento.

Identidade de Gênero

É como você se reconhece. Cisgênero: identifica-se com o gênero em que nasceu. Transgênero: Não se identifica com o gênero que nasceu. Não binário: Não se reconhece em nenhum dos gêneros ou transita entre eles.

-  Mulher cisgênero
-  Mulher transgênero
-  Travesti
-  Não-binária

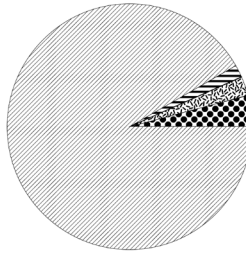


Gráfico 3

A diversidade de participação das mulheres na cultura Hip Hop é evidenciada pelos dados relacionados aos diferentes elementos do movimento. Entre as respondentes, 57,5% se identificam como MCs, rappers ou cantoras, destacando a forte presença feminina na música e na poesia urbana. Em seguida, 33,3% atuam na produção, um papel crucial para a criação e disseminação de conteúdo, mostrando que as mulheres estão cada vez mais tomando as rédeas dos processos criativos. Além disso, 18,3% se dedicam ao conhecimento, contribuindo para a educação e a formação dentro da cultura Hip Hop. As mulheres também estão presentes no graffiti (16,7%), nas danças urbanas (14,2%), como DJs (10%) e na literatura marginal/de rua (6,7%). Embora apenas 1,7% se identifiquem como beatmakers, cada uma dessas funções é vital para a construção de uma cena mais rica e diversa. Esses dados revelam não apenas a variedade de talentos entre as mulheres, mas também a necessidade de apoiar e ampliar sua visibilidade em todas as facetas do Hip Hop.

Qual elemento representa?

123 respostas

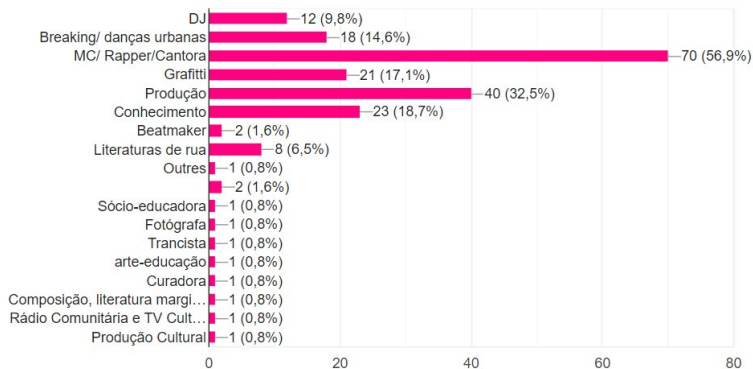


Gráfico 4

O afroturismo e o Hip Hop são instrumentos potentes para fortalecer as memórias, as identidades e enaltecer a cultura negra e periférica. O direito à cidade, nesse contexto, se manifesta na reivindicação e ressignificação dos espaços urbanos pelas mulheres da Cultura Hip Hop. Ao ocupar e transformar esses territórios, elas não apenas desafiam a marginalização e misoginia, mas também criam novos pólos de produção cultural e artística.

No contexto da pesquisa, 78,7% das mulheres participantes estão localizadas no Distrito Federal, enquanto 21,3% residem no Entorno, em Goiás. Essa concentração no DF pode estar relacionada à urbanização e ao acesso a serviços públicos e oportunidades de emprego, refletindo a dinâmica social e econômica da região. A RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico, análoga à Região Metropolitana, abrange essas áreas próximas ao DF, evidenciando a interconexão entre elas. A presença significativa de mulheres no Entorno, construindo conjuntamente a cena social e cultural, ressalta a importância de considerar as especificidades locais e as realidades enfrentadas por essas mulheres. Elas enfrentam desafios únicos relacionados à cultura, à economia e ao acesso a recursos. Essa diversidade geográfica enriquece a análise das condições de vida e das lutas das mulheres nesses dois contextos.

Localidade (fica no:)

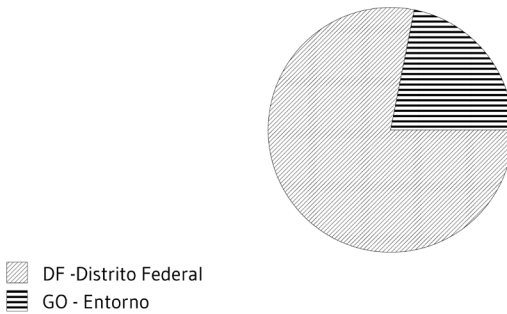


Gráfico 5

O direito à cidade implica em garantir que todos os cidadãos, independentemente de gênero, raça ou classe, tenham acesso igualitário aos recursos urbanos e possam participar ativamente na construção e transformação de seus espaços. Para as mulheres da Cultura Hip Hop do Distrito Federal e Região Metropolitana, isso significa ter a liberdade de expressar suas artes, histórias e vivências nos espaços públicos e culturais da cidade.

A pesquisa sobre Mulheres, Hip Hop, Afroturismo e Cultura na Capital, que resultou em dados coletados a partir de um relatório sobre as mulheres que responderam ao formulário divulgado nas redes sociais para ampliar o alcance no processo democrático, destaca a importância de visibilizar e potencializar as trajetórias artístico-culturais dessas mulheres. Essa iniciativa conecta suas raízes e promove um turismo alternativo que valoriza a diversidade e a inclusão. Ao integrar o direito à cidade com o afroturismo e o Hip Hop, cria-se um movimento de resistência e afirmação cultural, transformando as quebradas em territórios de potência, criatividade e desenvolvimento econômico.

Sharylaine, uma das pioneiras do rap nacional e uma voz importante na luta por espaço para mulheres no Hip Hop, fala frequentemente sobre a importância da resistência e da representatividade feminina no movimento. Em uma de suas declarações, ela aborda o papel das mulheres no rap:

“Para nós, mulheres do Hip Hop, ocupar esses espaços é lutar por todas as que vieram antes e pelas que virão depois. O rap é uma arma, e a gente usa nossa voz para denunciar, para resistir e para abrir caminho para as próximas gerações.” — Sharylaine

Garantir e fomentar o afroturismo, o “Turismo de Quebrada”, e projetos de Hip Hop liderados por mulheres é também garantir o direito à cidade e revela-se fundamental para promover a justiça social e a equidade, assegurando que as mulheres da Cultura Hip Hop e do afroturismo possam ocupar seus espaços de direito e celebrar suas raízes culturais. Ao unir o afroturismo à ocupação urbana, possibilitamos não apenas a visibilidade da cultura negra, mas também o reconhecimento de seus territórios e histórias, fomentando a construção de uma cidade mais inclusiva, diversa e rica em memórias e identidades.

Referências Bibliográficas

SEDUH (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação) - <https://www.seduh.df.gov.br/dossie-regioes-administrativas/> Acesso em: 29 out. 2024.

CODEPLAN - <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2017.pdf> Acesso em: 29 out. 2024.

Regiões Administrativas - <https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais/> Acesso em: 29 out. 2024.

Rose, Tricia. Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America. Hanover, NH: Wesleyan University Press, 1994.

Ribeiro, Alessandra. Afromix: Memória e Resistência na Perspectiva do Afroturismo. Salvador: Editora Cultural Negra, 2018.

Bahia, Silvana. Olhares Negros sobre o Brasil: O Papel do Afroturismo na Reconstrução das Narrativas. Brasília: Instituto Identidades do Brasil (ID_BR), 2021.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MMGY Global. (The Black Traveler: Insights, Oportunidades e Prioridades . MMGY Travel <https://www.mmgyl.com.com>

Rotas Negras. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/rotas-negras> . Acesso em: 28 out. 2024.

Embratur. “Afroturismo é o eixo central da Embratur”, afirma presidente da Agência. Disponível em <https://embratur.com.br/2023/08/31/afroturismo-e-o-eixo-central-da-embratur-afirma-presidente-da-agencia/>. Acesso em: 28 out. 2024.

Brasildefato. Hip Hop agora é patrimônio cultural imaterial do Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.brasildefatodf.com.br/2023/07/06/hip-hop-agora-e-patrimonio-cultural-imaterial-do-distrito-federal>>. Acesso em: 28 out. 2024.

CorreioBraziliense. Fórum Nacional de Mulheres no Hip-hop está de volta a partir desta sexta. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/03/5078923-forum-nacional-de-mulheres-no-hip-hop-esta-de-volta-a-partir-desta-sexta.html>>Acesso em: 28 out. 2024.

CorreioBraziliense: Conheça onde realizar o afroturismo em Brasília e no Entorno. Disponível em: <https://www.correioBraziliense.com.br/cidades-df/2023/11/6660462-conheca-onde-realizar-o-afroturismo-em-brasilia-e-no-entorno.html>. Acesso em: 28 out. 2024.

Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop (Org.). Perifeminas I: nossa história. São Paulo: Livre Expressão Editora, 2013.

Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop (Org.). Perifeminas II: sem fronteiras. São Paulo, 2015

Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop (Org.). Perifeminas: A Mulher Periférica em Tempos de Pandemia. São Paulo, 2021.



Tay, Kali, Yra e Borbo criando a identidade do 8º Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop, que aconteceu de 10 a 12 de março de 2023 em Brasília Planaltina-DF, 2019. Foto de Allana Diano

Organizadoras



Verônica Diano Braga

Vera Veronika, cantora de Rap, artevista negra, educadora e Artesã Afroempreendedora. Pioneira do Rap do Distrito Federal desde 1992. Defensora incessante dos direitos humanos, da equidade de gênero, igualdade racial e do combate a homo/transs/lesbofobia. Vera faz da palavra cantada um instrumento de conscientização e luta e da estética produzida por sua moda, empoderamento com pinturas manuais em tecidos e biojoias. É mulher negra que soma 32 anos de carreira na cultura hip hop. Engajada no trabalho comunitário atuante com cultura Hip Hop em Escolas e com educadores. Representante da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop do Distrito Federal. 50 anos do Hip Hop no Mundo - 40 anos do Hip Hop no Brasil- 32 anos de Hip Hop da Vera Veronika



Ravena Carmo

Ravena do Carmo Silva é uma intelectual orgânica, artista, mãe e mulher periférica. Atua como educadora popular, poetisa, produtora cultural, escritora, pesquisadora e ativista. Com seis livros publicados, Ravena possui licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília (UnB), formação em Pedagogia pela UDF e é mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação (POGE) pela Faculdade de Educação da UnB. Fundadora do Instituto Periferia Livre, do projeto Poesia nas Quebradas e do NEOLIM (Núcleo de Estudos e Organização do Conhecimento em Literatura Marginal (FUP - UnB), seu trabalho é voltado para crianças, adolescentes de periferias e comunidades em situação de vulnerabilidade social. Ela também é dirigente da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop e já foi reconhecida com prêmios como o Marielle Franco de Direitos Humanos, Aldir Blanc, FAC Brasília 60 Literatura, FAC Cultura Mulher e FAC Hip Hop. Compõe grupos de trabalho para elaboração de políticas públicas para a Cultura Hip Hop na Secretaria de Cultura e Secretaria da Mulher do Distrito Federal. Atualmente, Ravena é Analista de Políticas Públicas na Coordenação Geral de Medidas Socioeducativas e Programas Intersetoriais, Trabalho Infantil, Trabalho Escravo e Tráfico de Pessoas, do Ministério do Desenvolvimento, Assistência Social, Família e Combate à Fome.

Pesquisadoras/es



Jaqueline Fernandes

Artista, ativista negra, jornalista e gestora cultural há mais de vinte anos. Ao longo de sua trajetória, vem desenvolvendo políticas, programas e projetos estratégicos voltados para a promoção da equidade de raça e gênero. De 2015 a 2018 foi Subsecretaria de Cidadania e Diversidade da Secretaria de Cultura do Distrito Federal. É Reitora da Universidade Afrolatinas, diretora do Instituto Afrolatinas. Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça e em Estudos Afro-Latinos. Fundadora da Griô Produções e do Festival Latinidades - maior festival de mulheres negras da América Latina.



Aline Karina de Araújo Dias

Pioneira do Afroturismo, em Brasília – DF, projetista inovadora em Afroturismo no Centro-Oeste, através do Circuito Cerrado Ecoturismo (2015), ‘Sebas Turística (2016) e ‘Turismo Fora do Avião (2023), bacharela em turismo pela UnB (2017), mestra em preservação do patrimônio cultural pelo Instituto do patrimônio histórico artístico e nacional – Iphan (2022), através da pesquisa: o território é pequena África, desafios e perspectivas da gestão turística no sítio arqueológico do Cais do Valongo-RJ (patrimônio mundial). Foi sistematizadora da Escola Nacional de Administração Pública Enap, através do projeto “Cidades que transformam”, por meio da iniciativa do Turismo Afrocentrado em Flores de Goiás, colaborou para a criação do Programa Rotas Negras do Ministério da igualdade Racial e Ministério do Turismo (2023), foi supervisora de Afroturismo, Diversidade e Povos Indígenas da Agência Brasileira de Promoção internacional do Turismo Embratur (2024).



Cristina de Sousa

Cris de Souza é CEO da empresa Dona Filmes e uma cineasta com ampla experiência na área audiovisual. Graduada em Tecnologia de Produção Audiovisual e atualmente cursando uma pós-graduação em Marketing e Comunicação Publicitária, ela atua no setor desde 2007. Ao longo de sua carreira, adquiriu vasta experiência em filmagens, edições e criação de material audiovisual, além de produção cultural e Diretora de fotografia. Adicionalmente, Cris coordena uma equipe de comunicação e é educadora social. Como uma mulher preta de várias facetas também é produtora e rapper do grupo Donas da Rima, e em sua carreira solo, está produzindo a EP “Feita de Ferro é Flor”.



Eldnaide dos Santos Oliveira

DJ Eldy, nascida em Santa Rita de Cássia, Bahia, atualmente reside em Ceilândia DF. Sempre encarou a música com excelência, pois além da forma subjetiva de expressar suas ideias, também enfatiza a importância da compreensão das sensações nas relações interpessoais. Hoje, com o objetivo de liberdade musical, Eldy mescla influências de músicas da cultura urbana. Profissionalismo e amor a um estilo de música da periferia. Atuante desde 2014, artista, ativista cultural, arte educadora e aspirante em produção cultural. Está na luta por valorização do cenário Feminino na periferia do Distrito Federal.



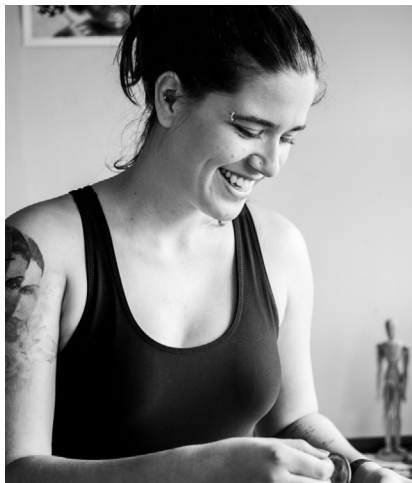
Layó Rita da Silva Pereira

Layó, é o renascimento de Debrete, cria da Ceilândia que caminha desde 2015 no rap, na poesia, e na arte-educação. Coleciona vivências em batalhas, slams e palcos icônicos como Festival Latinidades, Hip-hop contra a fome e Fórum Nacional de Mulheres do Hip-Hop. Lançou em 2018, o livro *Cartas para NegraLua*, com poesias de amor entre pretas. Organizador do livro *Quebrada Livre: Literatura Marginal*. Bacharel em Museologia e Mestrando em Ciência da Informação. Indicado ao prêmio destaque de iniciação científica e premiado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa.



Fabiana Balduína Freitas Silva - Fabiana "FaB Girl" Balduína

Cria de Planaltina-DF, é uma renomada especialista em dança Breaking com 23 anos de carreira. Possui um histórico notável de conquistas e vasta expertise em ensino, treinamento e julgamento de eventos relacionados ao Breaking e outras danças urbanas afrodiáspóricas, além de uma contribuição expressiva para o Breaking do DF, que se expandiu para o cenário nacional e internacional. Fundadora do Brasil Style Bgirls (2003), o primeiro grupo de Breaking formado exclusivamente por mulheres em Brasília, foi a primeira brasileira a representar o país em competições mundiais de Breaking (2008 - Alemanha). Idealizadora e produtora do Batom Battle (2011), o maior festival de Breaking com foco em gênero no Brasil. Em 2020, fundou a Drop Education, a primeira escola híbrida de dança Breaking no país. Em 2022, tornou-se a primeira B-girl sul-americana a ser jurada na Red Bull BC One World Final, em Nova Iorque.



Iasmim "Kali" Oliveira Conde

Iasmim Kali é grafiteira, tatuadora e designer, formada pela Universidade de Brasília e proprietária da Trupe: Espaço Criativo. Cresceu em Piracicaba-SP, mora em Planaltina-DF e faz graffiti desde 2011. Em 2016 fundou seu próprio grupo de arte urbana, a Trupe S.A. Crew, com quem segue colorido as cidades até hoje. Seu trabalho foca na representação de mulheres livres, como forma de oferecer conforto emocional às mulheres que habitam o espaço público. Também pinta bichos e plantas do Brasil e um pouco de realismo fantástico e abstrações, convidando o público a sonhar e construir novas realidades. Tem graffitis nas cidades de Campinas-SP, Piracicaba-SP, Pirenópolis-GO, Goiânia-GO e Alto Paraíso-GO. Realiza constantes oficinas de formação em graffiti para mulheres, crianças e jovens periféricos. Kali grafita retratos de mulheres reais que precisam ser conhecidas (pintoras, cientistas e outras pessoas admiráveis) e sua personagem Mulher-Piranha, que subverte o termo preconceituoso transformando-o em símbolo da mulher que se sente à vontade no mundo.

SE VOCÊ É UMA MULHER DO HIP HOP E SUA HISTÓRIA NÃO APARECE NESTE LIVRO, DEIXE SEU REGISTRO AQUI:

Este livro foi composto em Literata, uma fonte criada por Veronika Burian, Irene Vlachou, Vera Evstafieva and Jose Scaglione (TypeTogether), Gudea, criada por Agustina Mingote e Pixim, criada por Yan Amorim, diagramado no Estúdio Grená, em Planaltina/DF e impresso em papel Offset 90g/m² na Gráfica e editora Qualytá no Núcleo Bandeirante/DF.

Este livro é para a Quebrada.



Contatos

E-mail: mulhereshiphopdf@gmail.com

Telefone/WhatsApp: +55 (61) 98176-9305 / +55 (61) 99223-7474

Instagram: [@mulhereshiphopdf](https://www.instagram.com/mulhereshiphopdf)





Realização



OSC - ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL



FRENTE NACIONAL DE MULHERES NO HIP-HOP

Parceria



UNIVERSIDADE AFROLATINAS



Poesia nas QUEBRADAS

VII ENTARDECER DOS OJAS
Alta Turismo e Cultura



FUP



UnB

Estúdio Grená

Fomento

Secretaria de Turismo



ISBN: 978-65-01-22170-0



BR

9 786501 221700